



LER MAIS e ESCREVER MELHOR

Número 3 | Junho de 2012

ESCOLA SECUNDÁRIA
DO PADRÃO DA LÉGUA

PLURALIDADE DA PALAVRA

Eleva-se entre a espuma, verde e cristalina
e a alegria aviva-se em redonda ressonância.
O seu olhar é um sonho porque é um sopro indivisível
que reconhece e inventa a pluralidade delicada.
Ao longe e ao perto o horizonte treme entre os seus cílios.

Ela encanta-se. Adere, coincide com o ser mesmo
da coisa nomeada. O rosto da terra se renova.
Ela afluí em círculos desagregando, construindo.
Um ouvido desperta no ouvido, uma língua na língua.
Sobre si enrola o anel nupcial do universo.

O gérmen amadurece no seu corpo nascente.
Nas palavras que diz pulsa o desejo do mundo.
Move-se aqui e agora entre contornos vivos.
Ignora, esquece, sabe, vive ao nível do universo.
Na sua simplicidade terrestre há um ardor soberano.

António Ramos Rosa, *Volante Verde* (1986)

PLURALIDADE DE UMA COMUNIDADE EDUCATIVA

Isabel Maria Pereira Antunes Morgado

Diretora da Escola Secundária do Padrão da Légua
direccao@esplegua.com

*Se quiseres melhorar uma organização escolar, antes de mudares as regras
observa primeiro as formas como as pessoas pensam e interagem.*
Senge, 2000, *Schools That Learn*, p. 49

A Escola, como organização, constitui um produto do pensamento e da ação dos seus membros, em interseção e amálgama de crenças e de relações interpessoais.

Tendo por alicerce documentos estruturantes da autonomia e da identidade organizacional, em território educativo cruzam-se níveis diferenciados contextuais, desde a supervisão do professor em sala de aula até às diretrizes nacionais. O alargamento deste quadro múltiplo de interveniência a um conjunto de Escolas, que em Agrupamento configuram um novo ciclo de reorganização estratégica e supervisiva do quadro territorial, implicará futuramente a intensificação de um trabalho de socialização, crescimento e atuação de cariz comunitário.

O progresso de uma organização e/ou de um agrupamento organizacional ancoram, indiscutivelmente, na riqueza intrínseca de todos os seus membros, na transversalidade e na dialogicidade das suas diferenças e similaridades, tendo por horizonte uma mesma finalidade macro: a qualidade do ensino e da aprendizagem. O caminhar em conjunto constitui, em consequência, uma descoberta partilhada e democrática, um diálogo permanente de diferentes interlocutores, regidos pelas mesmas coordenadas de desenvolvimento pessoal e profissional. Doravante, as estratégias ecológicas de ajustamento e de mudança agregarão, em interação recíproca, mais Escolas, em adição de contextos e atores diversificados.

É neste entendimento de uma Escola alargada e renovada que se saúda o Agrupamento do futuro, em antevisão do enriquecimento global da comunidade

educativa. Uma realidade que certamente transcenderá os limites físicos do edificado de cada Escola, na agregação de uma vontade comum reflexiva, traduzida numa educação integrada em território interativo, em permanente inovação e (re)construção. De transformação coletiva de crenças, de inter-relações e da ação educativa. De uma nova comunidade, de cada um e de todos. De uma nova conceção de Escola. No plural.

É neste contexto de mudança que espero que as boas práticas da ESPL, nomeadamente a 3ª edição desta revista, se estendam a toda a comunidade escolar. A todos quantos participaram nesta edição e em especial à colega Nazaré Coimbra, responsável por este magnífico projeto, o meu bem hajam!

PLURALIDADE DO PROJETO LER MAIS E ESCREVER MELHOR

Maria de Nazaré Castro Trigo Coimbra

Coordenadora do Projeto da ESPL Ler Mais e Escrever Melhor
lermaiseescrevermelhor@esplegua.com

O terceiro número da revista impressa LMEM continua um trabalho plural de leitura e de escrita, inscrito simultaneamente na singularidade e transversalidade do Projeto Ler Mais e Escrever Melhor. Após os primeiros anos de início e conseqüente consolidação, o Projeto LMEM continua a agregar outros públicos e mais parcerias, em antevista transformação do agir, no seio de uma comunidade educativa aprendente.

Se as palavras se elevam na "ressonância" de um "sopro indivisível/que reconhece e inventa a pluralidade", "desagregando e construindo", nos versos de António Ramos Rosa (1986), então o discurso escrito assume uma identidade primordial de signo e símbolo, como vivência comunicativa, convergindo no testemunho e no registo coletivo do processo supervisivo de construção interativa da comunidade. O alargamento do diálogo é visível nas "Páginas de Babel" e em "Escrever ou vozes da comunidade", nas palavras que comunicam em diversas línguas ou que cruzam distintas áreas de saber. A escrita configura, desde sempre, essa evocação, a um tempo real e mágica, do "ser mesmo/da coisa nomeada", em caleidoscópio de frases que evocam e transfiguram a realidade, no conjunto dos textos inscritos no visível das páginas.

Assim, surgem novos autores que traduzem e comentam uma alegria de viver e de saber que se "aviva em redonda ressonância". Mais uma vez, a revista agradece a todos quantos contribuíram para este número, relembrando a abertura à participação da comunidade educativa. Fica o convite, relembrado em cada ano, à participação com mais textos, mais poemas, mais imagens. A revista constrói-se nas vontades de uma comunidade e de um Projeto cada vez mais plural, impulsionador de um diálogo aberto, construtivo, permanente. Em caminhada colaborativa de antevista de percursos, de um "gérmen" que "amadurece no seu corpo nascente" e que irrompe "nas palavras que diz" (António Ramos Rosa, 1986), traduzindo uma mesma vontade comum.

Equipa do Projeto LMEM

Celeste Paulino e Pessoa, Isabel Maria Fonseca, Luzia Celeste Reis, Margarida Branca Lino, Maria Assunção Pinheiro, Maria Bebiana Moreira, Maria da Conceição Teixeira, Maria de Nazaré Coimbra, Maria do Carmo Fontes, Maria Dulce Soares, Maria Ema Alves, Maria de Fátima Velasques, Maria Isabel Aboim, Maria José Bronze, Teresa Livramento.

Parcerias

Biblioteca ESPL, Coordenadora Isabel Fonseca, Sala Estudo, Coordenadora Ana Dias.

Inserção de imagem

Ana Teresa Coelho, Anabela Rocha Paiva

Design capa

Maria Isabel Trigo Coimbra

PLURALIDADE DA PALAVRA Poema de António Ramos Rosa

PLURALIDADE DE UMA COMUNIDADE APRENDENTE Diretora ESPL Isabel Maria Pereira Antunes Morgado

PLURALIDADE DO PROJETO LER MAIS E ESCREVER MELHOR Coordenadora LMEM Maria de Nazaré Castro Trigo Coimbra

ÍNDICE

1. A ESCRITA EM PROJETO7

Texto 1: O SONHO, Nuno Martins, nº18, 12ºC	7
Texto 2: O SONHO, Paulino Garcia, nº19, 12ºC	8
Texto 3: O SONHO, Tiago Nogueira, nº16, 12ºE	8
Texto 4: SONHAR, VIVER, Marco Rodrigues, nº15, 12ºC	9
Texto 5: O SONHO, Helena Mota, nº5, 12ºE	9
Texto 6: A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA, Filipa Correia, nº8, 11ºA	9
Texto 7: A ARTE DE VIVER, Paulino Garcia, nº19, 12ºC	10
Texto 8: A CRIATIVIDADE, Marco Rodrigues, nº15, 12ºC	10
Texto 9: PRESERVAÇÃO DO PLANETA TERRA, Sílvia Santos, nº23, 12ºC	11
Texto 10: A TERRA, BEM COLETIVO, Marco Rodrigues, nº15, 12ºC	11
Texto 11: A ESCOLA, Rui Pedro Coelho, nº18, 11ºB	12
Texto 12: MUDANÇA NA ESCOLA, Tiago Ramalho, nº21, 11ºB	12
Texto 13: UMA ESCOLA DIFERENTE, Vasco Campos, nº22, 11ºB	12
Texto 14: A ESCOLA NO SÉCULO XXI, Frederico Porfírio, nº3, 11ºE	13
Texto 15: A ESCOLA MUDOU, Pedro Ferraz, nº15, 11ºB	13
Texto 16: A ESCOLA JÁ NÃO É O QUE ERA, Pedro Cordeiro, nº16, 11ºB	13
Texto 17: SUCESSO FÁCIL, João Bernardino, nº15, 11ºA	14
Texto 18: OS DIREITOS HUMANOS, Tiago Nogueira, nº16, 12ºE	14
Texto 19: CULTURA, Tiago Nogueira, nº16, 12ºE	16
Texto 20: VIAJAR, João Magalhães, nº12, 12ºC	16
Texto 21: SAUDADES DA VIDA, Sara Gonçalves, 1ºA	17
Texto 22: A SOCIEDADE PORTUGUESA ATUAL, Teresa Sá, nº24, 11º C	17
Texto 23: A GLOBALIZAÇÃO, Ana Sofia Lopes, nº3, 11ºD	17
Texto 24: A CRIATIVIDADE, Sofia Batista, nº13, 12ºB	18
Texto 25: A IMPORTÂNCIA DA CRIATIVIDADE, Miguel Santos, nº7, 12ºB	18
Texto 26: O PAPEL DA SORTE, Ana Carneiro, nº2, 12ºD	19
Texto 27: NÓS E OS OUTROS, Diogo Santos, nº6, 12ºD	19
Textos 28: CONVERSAS COM MANOLIN D´O VELHO E O MAR – 9ºB e 9ºC	20
Texto 29: A CRIATIVIDADE NA VIDA DO HOMEM, Beatriz Gomes, nº1, 12ºB	22
Texto 30: A CRIATIVIDADE NA VIDA DO HOMEM, Joana Soares, nº12, 12ºA	24
Texto 31: A CRIATIVIDADE, Mariana Moreira, nº10, 12ºD	24
Texto 32: A PRESENÇA DOS OUTROS, Teresa Castro, nº17, 12ºD	24
Texto 33: CONDICIONANTES DO ÊXITO, Marta Rodrigues nº11, 12ºD	25
Texto 34: O GUARDA-CHUVA ESQUECIDO, Ana Isabel Mendes, nº4, 7ºB	25
Texto 35: MAR, Ana Sofia Sousa, nº4, 1ºC	26
Texto 36: AFONSO HENRIQUES VEM À ESPL 1, Artur Cordeiro, nº4, 8ºD	26
Texto 37: AFONSO HENRIQUES VEM À ESPL 2, Gonçalo Rodrigues, nº11, 8ºD	27
Texto 38: AFONSO HENRIQUES VEM À ESPL 3, Luís Azevedo, nº16, 8ºD	27

Texto 39: AFONSO HENRIQUES VEM À ESPL 4, Mafalda Rebelo, nº17, 8ºD	28
Texto 40: AFONSO HENRIQUES VEM À ESPL 5, Sofia Rodrigues, nº23, 8ºD	28
Texto 41: O MEU DIÁRIO, Carolina Silva, nº16, 8ºA	30
Texto 42: VASCO DA GAMA NO FUTURO, Miguel Carvalho, nº20, 8ºC	30
Texto 43: SUCESSO FÁCIL, Mafalda Fernandes, nº19, 11ºA	30
Texto 44: REFLEXÕES SOBRE A VIOLÊNCIA ESCOLAR - O BULLYING, 8ºC	30
Texto 45: AUTO-RETRATO, Jéssica Souza, nº15, 1ºC	31
Texto 46: O MEU RETRATO, Sara Dias, nº20, 1ºA	32
Texto 47: INOCÊNCIA, Rosana Mota, nº20, 1ºC	32
Texto 48: SER FELIZ, Ana Cerqueira, nº1, 8ºB	32
Texto 49: CARTA INFORMAL, Hugo Pires, nº12, 7ºA	33
Texto 50: FESTA DE ANIVERSÁRIO, Francisca Pereira nº3, Raquel Castro nº13, Joana Ramalho nº8, Matilde Vinhais nº10, 7º D	33
Texto 51: UM DIA ESPECIAL, Hugo Filipe Machado, nº6, 7ºD	34
Texto 52: OS PORTUGUESES, Juliana Cardinal, nº13, 2ºA	34
Texto 53: CRISE E SOLIDARIEDADE, Júlio Portela, nº13, 11ºB	35
Texto 54: UMA VIAGEM INESQUECÍVEL, Hugo Machado, nº11, 7ºD	35
Texto 55: O REINO DAS MAÇÃS, Pedro Dias Meireles, nº19, 7ºE	36
Texto 56: NO MAR DAS SEREIAS, Carlos Jorge Gomes, nº12, 7ºC	36
Texto 57: O CANGURU ASSASSINO, Nuno Felisberto, nº18, 7ºE	37
Texto 58: O SALVAMENTO DO REI, Ricardo Machado, nº22, 7ºE	37
Texto 59: OS PRÍNCIPES, Caroline Marchi Dantas, nº4, 7ºE	38
Texto 60: UM CASAMENTO FORÇADO, Inês Sofia Morais, nº10, 7ºE	38
Texto 61: UM OGRE E UMA RAINHA, João Vítor Pinto, nº19, 7ºC	40
Texto 62: UMA VIDA COMPLICADA, Inês Ferreira Marques, nº17, 7ºC	40
Texto 63: APONTAMENTO DE UMA VIAGEM, Inês Guimarães, nº15, 8ºE	40
Texto 64: FREI LUÍS DE SOUSA, Rui Silva, nº22, 11ºC	41
Texto 65: FREI LUÍS DE SOUSA, Mariana Oliveira, nº16, 11ºC	41
Texto 66: SINTO, Susana Sousa, nº25, 12ºA	41
Texto 67: A PROPÓSITO DO P. ANTÓNIO VIEIRA, Miguel Sousa, nº13, 11ºB	42
Texto 68: MITOS, Paulino Garcia, nº19, 12ºC	42
Texto 69: APRESENTAÇÃO ORAL, Tiago Nogueira, nº16, 12ºE	43
Texto 70: O MEDO, Joana Lobão, nº11, 10ºC	44
Texto 71: UM CANÍDEO CHAMADO FELICIDADE, Tiago André, nº26, 10ºE	44
Texto 72: PÁGINA DE UM DIÁRIO, Patrícia Costa, nº20, 10ºD	44
Texto 73: UMA PÁGINA DE MEMÓRIAS, Lara Castro, nº16, 10ºC	45
Texto 74: MEMÓRIAS, Cláudia Gandra, nº7, 10ºC	45
Texto 75: MEMÓRIAS POUCO DOCES, Tiago André, nº26, 10ºE	46

2. PÁGINAS DE BABEL

Textos 1: ACRÓSTICOS CREATIVOS, Joana Freitas e Mariana Ferreira, 9º B	47
Texto 2: PETIT POÈME COLLECTIF, 9º C	47
Textos 3: ENGLISH ONLY OR MULTILINGUALISM? 12º B, 12º C, 12º D	48
Textos 4: LETTERS, Pedro Pombo, Rita Petiz, 10º A, João Reis, 10ºB	49
Texto 5: LEARNING LANGUAGES, Maria Barros, nº13, 10ºA	50
Texto 6: VALLEY SONG BY ATHOL FUGARD, Telmo Leal, nº16, 12ºD	51
Textos 7: VALLEY SONG, ALTERNATIVE ENDINGS, 12º B, 12º C, 12º D	52
Texto 8: VALLEY SONG, ESSAY, Paulino Garcia, nº19, 12ºC	53
Texto 9: COMMENT ON VALLEY SONG, Sara Guerra, nº22, 12ºC	54

Texto 10: <i>VALLEY SONG, ANOTHER ESSAY</i> , Miguel Santos, nº7, 12ºB	54
3. FÓRUM DE LEITURA	55
Texto 1: BIBLIOTECA ESCOLAR, 2º B	55
Texto 2: BIBLIOTECA ESCOLAR E CONHECIMENTO, Vanessa Matos, nº 13, 11ºE	56
Texto 3: BIBLIOTECA, UM SÍTIO ESPECIAL, Inês Teixeira, Nº 4 11ºE	56
Texto 4: A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA, João Bernardino, nº15, 11ºA	56
Texto 5: UM AMIGO ESPECIAL, Catarina Peixoto, nº2, 8ºC	57
Texto 6: <i>JULIETA</i> , Vanessa Patrícia Oliveira Matos, nº 13, 11ºE	57
Texto 7: <i>A NOITE DE TODAS AS ALMAS</i> , Inês Teixeira, nº 4, 11ºE	58
Texto 8: <i>O OUTRO LADO, UMA VIDA AO CONTRÁRIO</i> , Ana Monteiro, nº5, 8ºE	60
Texto 9: <i>INVICTUS</i> , Pedro Esteves, nº17, 11ºB	60
Texto 10: <i>SALAZAR</i> , João Alves Silva, Nº17, 8ºE	61
Texto 11: <i>GENTE FELIZ COM LÁGRIMAS</i> , Susana Fonseca, nº19, 11ºB	62
Texto 12: <i>A FILHA DA MINHA MELHOR AMIGA</i> , Filipa Dias, nº 10, 10ºF	63
Texto 13: <i>À NOITE LOGO SE VÊ</i> , Ivo Camelo, nº10, 11ºB	64
Texto 14: <i>CÃO VELHO ENTRE FLORES</i> , Miguel Sousa, nº13, 11ºB	66
Texto 15: UM AMIGO QUE É LIVRO, Ângelo Teixeira, nº9, 8ºC	66
Texto 16: <i>MORTE NAS NUVENS</i> , Renato Cruz, nº22, 10ºF	67
Texto 17: <i>O LADRÃO DA ETERNIDADE</i> , João Reis, nº15, 10ºB	67
Texto 18: <i>DIZ QUE ÉS UM DELES</i> , Catarina Silva, nº4, 12ºA	68
Texto 19: BIOBIBLIOGRAFIA DE FLORBELA ESPANCA, Helena Giesta, nº12, 10ºF	70
Texto 20: <i>OS LIVROS QUE DEVORARAM O MEU PAI</i> , Francisca Santos, nº10, 10ºE	70
Texto 21: <i>O PADRINHO</i> , Miguel Brito, nº18, 10ºD	71
Texto 22: <i>SURPRESA BENDITA</i> , Sara Dias, nº22, 10ºD	72
Texto 23: <i>O ESTRANGEIRO</i> , Telmo Silva, nº25, 10ºE	73
Textos 24: CONTRACAPAS DA OBRA <i>O VELHO E O MAR</i> – 9ºB E 9ºC	74
4. TEMPO DE POESIA	75
Textos 1: 3 POEMAS SOBRE A JUVENTUDE, Alunos de PLNM	75
Texto 2: POESIA SEM AMOR, Diana Vieira, nº6, 9ºD	76
Texto 3: PAI NOSSO, Rui Cardoso, nº25, 8ºA	76
Texto 4: A AMIZADE, Mariana Branco, nº21, 8ºA	76
Texto 5: POEMAS, Rita Santos, nº 19, 9º C	77
Texto 6: ESCOLA, Daniela Freitas, nº6, 8ºA	77
Texto 7: Rimas sem pensar, Hugo Machado, nº6, 7ºD	77
Textos 8: O FUTURO e AMOR, João Esteves, nº14, 7ºB	78
Texto 9: A ESCOLA, Margarida Borges, nº15 e Mariana Leite, nº20, 8ºA	78
Texto 10: ODE DE HOLI, Célia Vale, nº5, 12ºD	79
Texto 11: ODE DO CAOS, Jéssica Freitas, nº 10, 12ºA	79
Texto 12: INFÂNCIA, Inês Oliveira, nº10, 8ºA	80
Texto 13: O AMOR, Diogo Azevedo, nº12, 8ºC	80
5. OUTRAS LEITURAS	81
Textos 1: SLOGANS SOBRE A BIBLIOTECA, alunos do 2º B	81
Texto 2: Filme <i>A REDE SOCIAL</i> , José Nuno, nº12, 10ºD	82
Texto 3: FILME "OS CORISTAS", Joana Pinto, nº13, 10ºC	82

Texto 4: FILME "OS CORISTAS", Teresa Sá, nº23, 10ºC	83
Texto 5: FILME "OS CORISTAS", Mariana Oliveira, nº 15, 10º C	83
Texto 6: FILME "A INTÉRPRETE", Carolina Mendes, nº2, 10ºB	84
Texto 7: VINCENT VAN GOGH, Luís Pinto, nº12, 10ºA	84
Texto 8: LEITURA DE IMAGEM, A SESTA, Alexandra Guimarães nº1, 10ºB	85
Texto 9: INTERAÇÕES - <i>Dactilografia</i> , de Álvaro de Campos e <i>White Brushstroke I</i> , de Roy Lichtenstein, João Tomé, nº5, 12ºB	86
Texto 10: CRÍTICA TEATRAL, Ana Magalhães, nº1, Rita Ribeiro, nº17, Tânia Cardoso, nº20, 9ºC	88
Texto 11: CRÍTICA TEATRAL, António Gonçalves, nº4, 9ºC	88
Texto 12: O MEU SONHO, Maria Inês Ferreira Luís, 7º F.....	88

6. ESCREVER ou VOZES DA COMUNIDADE

Texto 1: ACREDITAR, Conceição Teixeira	89
Texto 2: POEMAS, Elisabete Castro	90
Texto 3: A VIDA, Bebiana Moreira, Professora de Português	90
Textos 4: POEMAS, Assunção Pinheiro	91
Textos 5: PAISAGENS ONÍRICAS, Maria Dulce Soares	92
Texto 6: ABEL SALAZAR, UM DIÁRIO DE IMAGENS, Anabela Rocha Paiva	93
Texto 7: FILOSOFIA, poema adaptado, Luísa Pacheco	96
Texto 8: A FESTA DOS RAPAZES, Ana Fernandes, nº 2, 8ºE	96
Texto 9: NATAL DE OUTRORA, Ana Lúcia Ferreira, nº 3, 8ºE	98
Texto 10: UMA VISITA INESPERADA, Daniela Borges, nº9, 8ºE	98
Texto 11: COMO FUI MENINO, Ana Rafaela Correia, nº1, 10ºC	98
Texto 12: ODE AO PASSADO HISTÓRICO, Telmo Leal, nº16, 12ºD	99



Difícilimo é o acto de escrever, responsabilidade das maiores, basta pensar no extenuante trabalho que será dispor por ordem temporal os acontecimentos (...) e outras não menos arriscadas acrobacias, o passado como se tivesse sido agora, o presente como um contínuo sem presente nem fim.

José Saramago, *A Jangada de Pedra*

1. A ESCRITA EM PROJETO

O projeto **Ler Mais e Escrever Melhor** interliga o aperfeiçoamento das competências de leitura e de escrita, como modalidades complementares e interativas da língua, num *continuum* construtivo de uma mesma competência comunicacional e linguística.

O projeto **Ler Mais e Escrever Melhor** pretende o reforço do aperfeiçoamento da competência comunicativa do aluno, através da resolução de situações-problema e da realização de atividades. Porque a escola é o lugar natural de formação de leitores e escritores, de aquisição do hábito e do gosto pela leitura e pela escrita.

A Escrita em Projeto é uma secção aberta a textos escritos de diferentes géneros e temas, de autoria singular ou coletiva. Não há restrição de tipologia textual, apenas o cuidado habitual na correção estrutural e linguística dos textos, que devem ser apresentados em suporte informático, prontos para publicação.

Texto 1: O SONHO, Nuno Martins, nº18, 12ºC
Data de edição: outubro 2011

Impressionantemente, algo que não é palpável nem tão pouco perceptível, comanda a vida. Não é real, é simplesmente um sonho e representa uma porta para um mundo totalmente diferente: o da imaginação.

Não, nem tudo é tão verde, ou cor-de-rosa como muitos aparentam afirmar, simplesmente é um complexo conjunto das nossas ações, atitudes, valores ou, até mesmo, pensamentos. Divagamos por uma paisagem aleatória, em busca do desconhecido, dentro da imagem da nossa cabeça. Nada mais importa senão seguir em frente, a curiosidade e coragem sobrepõem-se a todos os outros sentimentos.

Muita gente considera que o Mundo avança quando existe um aumento do PIB dos países, ou até mesmo desenvolvimento industrial, porém afirmo que essas pessoas desconhecem o poder do sonho. O sonho é a nossa arma mais poderosa, até porque representa o início do real. Atrevo-me a dizer que quem não reconhece o mérito do

sonho, nunca reconheceu verdadeiramente a felicidade, pois é ele que comanda a nossa vida e uma vida sem felicidade torna-se inútil.

Sonha, deixa que o sonho te comande, pois realmente vais-te aperceber de como ele é tão importante na tua vida. Não tenhas medo de sonhar, não vais cair num abismo, vais unicamente ter uma experiência, das melhores da tua vida, em que te tornas a personagem principal dum conto e em que tudo gira à tua volta e te apercebes do teu real valor. Sonha sempre e, quando chegar a tua hora, vais ter um sonho eterno, que te possa comandar para outra vida...

“Sempre que um homem sonha/ O mundo pula e avança/ Como uma bola colorida/ Nas mãos de uma criança”. António Gedeão

Texto 2: O SONHO, Paulino Garcia, nº19, 12ºC **Data de edição: outubro 2011**

O Homem é naturalmente um ser sonhador. Por vezes, deseja o que sonha; por outras, sonha com o que deseja. Mas o papel do sonho na vida do Homem é claro: é uma constante que o motiva e inspira a feitos, porventura épicos, que, progressiva e continuamente, mudam o mundo em que vivemos.

Bravos, ainda que loucos, foram assim chamados os portugueses que há meio milénio decidiram tragar novas águas e desmistificar lendas e terrores de terras e mares para lá do horizonte. O espanto das descobertas, a atração pelo desconhecido são fruto do sonho, fruto da coragem e resiliência que permitiu que os lusitanos se maravilhassem e deslumbrassem não só com o que descobriram e alcançaram, mas também com a força do sonhar e do querer.

Noutros lugares e pelos mesmos tempos vivia um jovem artista que também tinha um sonho. Sonhava voar. Não acreditava que o homem alguma vez tivesse asas e imitasse os pássaros. No entanto, cria que, não obstante estas dificuldades anatómicas, o ser humano seria capaz de moldar os materiais da Natureza para lhe permitir o voo. Os seus contemporâneos – plebe incluída – ridicularizavam e apelidavam-no de louco, pois quem voa são os pássaros e ele não queria ser homem. Passados séculos até ao presente, onde desfrutamos de voos cómodos, agradáveis e até bélicos, a História não esqueceu o Louco que persistiu com os seus desenhos e projetos de máquinas voadoras, oriundos de sonhos imaginativos. Esse Louco, nós, hoje, apelidamo-lo de Da Vinci.

Em suma, enquanto o homem sonhar e acreditar que a vontade advém de si e não de outros, as utopias serão alcançáveis e o mundo avançará.

Texto 3: O SONHO, Tiago Nogueira, nº16, 12ºE **Data de edição: outubro de 2011**

O sonho é, porventura, o expoente máximo da liberdade criativa de um ser humano. Sonhar não tem limites e é graças a essa capacidade que a Humanidade evoluiu.

As maiores descobertas da História partem da capacidade de sonhar. A descoberta do fogo aconteceu porque alguém se atreveu a pensar fora do convencional, a sonhar e a experimentar. Se ninguém sonhasse com um método mais prático de deslocação, nunca teríamos a roda. E por aí fora... As escolhas que tomamos afetam inevitavelmente o mundo que nos rodeia e hoje vivemos numa era altamente tecnológica porque, ao longo do tempo, tivemos quem sonhasse com algo novo, diferente do que já existia e, partindo desse sonho, concretizasse e melhorasse a nossa vida. Por isso, a evolução está diretamente ligada ao sonho.

Sem esta capacidade para sonhar, tal evolução não aconteceria e viveríamos em sociedades medievais, condenados a uma vida de mediocridade cultural, visto que não existiram coisas tão básicas como livros ou até mesmo ensino.

Felizmente, esta capacidade é inata ao homem e assegura-nos não só a continuidade da espécie, mas também a continuidade da evolução.

Obviamente que esta capacidade, como tantas outras reconhecidas ao ser humano, pode criar situações que ponham em risco muito do que foi conseguido. Se uns sonham com a possibilidade de salvar vidas, através da criação de vacinas e medicamentos, outros sonham com a possibilidade de acabar com essas mesmas vidas, através de armas de destruição maciça. No entanto, isto pode ser considerado um avanço e pode incentivar até à criação de métodos de defesa, por exemplo, o que seria outra evolução.

Compete-nos decidir o que fazer com a capacidade para sonhar, sabendo, no entanto, que nela reside a evolução do nosso mundo.

Texto 4: SONHAR, VIVER, Marco Rodrigues, nº15, 12°C
Data de edição: outubro de 2011

Outro dia estava eu de viagem, num dia soalheiro, com a minha família. Já tinha percorrido os cinco continentes, experimentado culturas e novas emoções. Tudo era perfeito, tão real. Depois, acordei... Mas sim, viajei mesmo, não de avião, mas num belo e prolongado sonho. Gostei da sensação, por isso quis voltar a todas aquelas cidades que, de tão incríveis e majestosas construções, pareciam vindas de um sonho. E, de facto, sonhei. E voltei a sonhar, agora acordado e consciente de tantos outros destinos que teria de visitar. E assim foi, sonhei outra e outra vez...

De facto, os sonhos fazem-nos pular para novas aventuras, avançar na nossa vida e meditar naquela que chamamos de vida real. Nos sonhos sou rei, quero, posso e mando. Pinto o cenário ideal. Vivo o impossível. Pondero naquilo que vou fazer quanto ao amor, escola, emprego... Enfim, sonhar ajuda-me a escolher!

Por isso, concluo que sonhar é viver. É experimentar, inventar e, sobretudo, ser.

Texto 5: O SONHO, Helena Mota, nº5, 12ºE
Data de edição: Outubro de 2011

O Homem é um ser sonhador por natureza, agarra-se aos sonhos para sobreviver, para manter a lucidez que, no mundo real, por vezes, parece perder.

Com os sonhos somos capazes de viajar quer no tempo quer no espaço, viver mundos já vividos e mundos que nunca ninguém jamais se atreveu a imaginar, ficar horas a encarnar numa outra vida e dias a pensar como queremos dar continuidade à nossa. É através dos sonhos que o mundo avança, muda e se constrói. Os grandes feitos da humanidade, com certeza, foram antes sonhados por quem os executou.

Os sonhos incentivam-nos a lutar pela visão ideal da nossa vida, fazem-nos correr riscos e atravessar as barreiras do medo. Se não fossem os sonhos seríamos meros espetadores da vida, condenados a esperar e a manter a rotina, não existiria necessidade de ter algo mais do que aquilo que já se possui, e a felicidade talvez nunca atingisse o seu patamar mais alto, nem por breves momentos.

São os sonhos que permitem evolução, são eles que nos fazem adormecer à noite e nos dão coragem para levantar de manhã e é com eles que pulamos do "normal", que fazem de nós alguém diferente e especial. Doutra forma, todos seríamos iguais, as amizades não existiam com a mesma força e o amor nem em livros poderia ser lido.

Sem sonhos o mundo deixaria de ter alegria. São as mudanças que o fazem tão misterioso, nunca se sabe o que acontecerá a seguir. Sem sonhos talvez não existisse a Arte – triste seria o mundo se não sonhasse.

Texto 6: A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA, Filipa Correia, nº8, 11ºA
Data de edição: Outubro de 2011

A leitura de obras é, nos dias de hoje, uma atividade que está a cair em desuso, mas que deverá permanecer durante muitos anos sem se perder.

À primeira vista, as pessoas afirmam que ler é aborrecido e que preferem a dinâmica das novas tecnologias. Referem que um livro não tem imagens nem som e, por isso, preferem, por exemplo, um programa televisivo a um bom livro. Há quem diga ainda que ler "dá muito trabalho" e que exige muito esforço mental.

Por outro lado, se refletirmos um pouco, apercebemo-nos que afinal as vantagens são maiores que as desvantagens. A literatura possibilita a capacidade de desenvolver a mente e torná-la mais organizada. Com a literatura quebra-se a rotina e o comodismo e exigimos mais de nós próprios. Não nos limitamos apenas a receber informação, mas também nos habituamos a pensar sobre ela. Conseguimos exprimir o nosso ponto de vista de forma mais rica.

A literatura é claramente uma fonte de conhecimento e apresenta-nos muitas mais vantagens do que desvantagens. A literatura é o pilar da mente.

Texto 7: A ARTE DE VIVER, Paulino Garcia, nº19, 12°C
Data de edição: outubro de 2011

Viver, hoje, num mundo que assenta na racionalização do que nos rodeia; num mundo que aplaude o pragmatismo que não se deixa levar por trivialidades; um mundo que lida com os seus dilemas direta e eficientemente. Viver, hoje, sem ter voz de bardo, mão de poeta, corpo de artista. Hoje ... estaremos vivos?

A nossa sociedade classifica o homem moderno como frio, metódico, duro e, por isso, bem sucedido. A sociedade de hoje nada percebe da alma humana. A alma que chora, ri, exaspera, perdoa; a alma que mata, que morre, que estagna e parte. A alma que ama e que para o mundo sorri. Não será a alma o reflexo de nós próprios? O espelho que espelha a nossa mente, as nossas convicções? Não será a alma um sonho nosso criativo?

A importância de reconhecer o abstrato na arte foi, e é, por muitos, desprezada. Poderá a arte, imitada e imitando a vida, expressá-la apenas com dois traços pincelados numa tela em branco? Um acorde musical dissonante? Um pequeno parágrafo com poucas palavras? Talvez o problema não esteja no que é observado, mas sim no observador. Talvez o defeito seja nosso por não acharmos que a escultura não é mais do que tirar o excesso à pedra. Por outras palavras, não acharmos que menos é mais.

Trivialidades, chamarão os Pragmáticos a estas reflexões. De facto, três vezes cinco será sempre, incontestavelmente quinze. A assertividade atual aparenta não dar lugar à criatividade e ao espontâneo. Talvez, um dia, me ensinem a contornar estes defeitos.

Talvez, um dia, eu aprenda a viver...

Texto 8: A CRIATIVIDADE, Marco Rodrigues, nº15, 12°C
Data de edição: outubro de 2011

Um bom filme apresenta sempre um bom enredo. No entanto, as exigências dos consumidores, ou melhor, dos milhões de críticos empolgados por transmitir o seu parecer, resulta numa película com efeitos especiais, uma banda sonora apelativa e em cores vivas e nítidas. Porém, é bom recordar as antigas preciosidades do cinema. Refiro-me, claro, aos filmes a preto e branco, muitos deles tão silenciosos como o Universo. Tais relíquias, por muitos consideradas obras de arte, fazem-me pensar: como seria a vida a preto e branco? E sem os aromas das flores, que cobrem colinas como um manto? E, já agora, se os alimentos não tivessem sabor?

Assim, concluo, quase com tom filosófico, que a criatividade acompanha o homem desde sempre, de forma tão leal como a sombra persegue o seu dono. Não é de admirar que o humano seja criativo, estando tão habituado a conviver com ela. Faltando referir que tal dom é o pincel nas brincadeiras de qualquer criança. Dom esse que Pablo Picasso nunca esqueceu, aplicando-o depois com um pincel de verdade, numa tela real. Ou que Mozart canalizou desde cedo para a vertente musical. E tantos outros, doutores da criatividade, que não se limitam a executar as suas funções, mas que embelezam os seus trabalhos com o selo da criatividade. Reunindo tantos artistas, criativos em todas as suas

ideias, chega-se a comunidades, igualmente criativas e marcadas por tradições e construções (desde tropicais cabanas de bambu a majestosos edifícios de enormes cidades), todas elas que marcaram as peculiares culturas de cada sociedade. Igualmente na moda, na tecnologia, nos métodos de trabalho e em outras valências, não é dispensável a criatividade.

Também eu espero que esta minha reflexão esteja recheada da valiosa criatividade que move o mundo.

Texto 9: PRESERVAÇÃO DO PLANETA TERRA, Sílvia Santos, nº23, 12°C
Data de edição: novembro de 2011

O planeta Terra está, dia após dia, a ser destruído devido às ações humanas e se quisermos continuar a habitá-lo, de forma confortável, devemos alterar alguns dos nossos comportamentos.

Com a industrialização e o desenvolvimento tecnológico, a poluição tem vindo a aumentar significativamente, o que contribui para a destruição de habitats e para a morte de muitos seres vivos, assim como para a diminuição da água potável. Tome-se como exemplo o uso excessivo do automóvel que liberta gases, provocando o efeito de estufa e as chuvas ácidas que, conseqüentemente, causarão a poluição das águas e a morte de animais que vivem em ambientes aquáticos. Um outro gesto que praticamos inúmeras vezes é a utilização de sprays, que libertam radicais livres de cloro para a atmosfera, causando a destruição da camada de ozono e o aquecimento global.

Devemos, perante este problema, adotar certos comportamentos com vista a salvar o planeta. Simples gestos como utilizar os transportes públicos em vez de utilizar o carro para ir para o trabalho, evitar o uso de sprays, reciclar os materiais, fechar a torneira do lavatório enquanto escovamos os dentes, entre outras medidas, contribuem significativamente para a preservação do nosso planeta.

Concluindo, a intervenção de todos os cidadãos na luta contra a destruição do nosso planeta, assim como na sua preservação é deveras importante, porque se todos fizermos um simples gesto, já estamos a ajudar.

Texto 10: A TERRA, BEM COLETIVO, Marco Rodrigues, nº15, 12°C
Data de edição: novembro de 2011

Todos os humanos se empenham em manter em bom estado aquilo a que dão valor, seja a sua casa, roupa, automóvel, ... Chego por isso à conclusão que o homem não dá valor ao seu bem coletivo, o planeta Terra.

Só por meditar nos benefícios vitais dos recursos da Terra, o homem descobre muitos argumentos para a defesa e conservação dos mesmos. Por exemplo, o que para muitos é um bem garantido, para outros é escasso e valioso. Refiro-me à água, o combustível humano. É vergonhoso observar tantos desperdícios com água, milhões de litros deitados fora por mero descuido. Não podemos esquecer rios e mares outrora limpos, abundantes em criaturas marinhas e preciosos corais, hoje poluídos, fruto da ganância humana.

Outro recurso deveras valioso é o oxigénio que respiramos. A poluição do ar é responsável por imensas doenças respiratórias, o que reduz, em grande escala, a qualidade de vida do humano. Basta apontar a destruição em massa do pulmão da Terra, a Amazónia. Tal habitat é lar de inúmeras espécies animais, bem como de várias espécies de plantas e árvores. A ganância do homem está na base dos maus tratos infligidos ao nosso planeta.

Para além da ganância do homem, que ganha fortunas ao destruir o que é de todos, destaca-se também o desleixo por parte das sociedades em geral. Por exemplo, para um humano, custa tanto reciclar como colocar todo o lixo nos indiferenciados. Esse pequeno ato tem repercussões enormes com o passar do tempo, pois recursos são gastos desnecessariamente e o nosso lar é levado aos limites, até, literalmente, se esgotar.

Temos a fórmula para o sucesso ambiental e para uma vida confortável, com tudo o que o planeta azul nos pode oferecer. Por isso, cabe a cada cidadão demonstrar respeito pelo que lhe pertence, o valioso lar.

Texto 11: A ESCOLA, Rui Pedro Coelho, nº18, 11ºB
Data de edição: novembro de 2011

Os saudosistas dizem que a escola já não é o que era, afirmando que “No meu tempo tudo era melhor, era mais bonito...” ou “A juventude de hoje não sabe o que faz...”.

Ouvimos estas e outras frases diariamente, com ou sem razão, porque nem toda a gente é igual e, como se costuma dizer, “paga o justo pelo pecador”.

As pessoas com mais idade têm um ponto de vista incorreto e, ao mesmo tempo, correto. Suponhamos que recuamos 60 ou 70 anos atrás e comparamos esses tempos com os atuais. Nota-se uma diferença significativa, pois a escola não era obrigatória. Acresce ainda o facto de, nesses tempos, haver muita pobreza, portanto só andava na escola quem podia pagar os estudos e prescindir do trabalho dos filhos. Contudo, também é verdade que a escola era mais exigente e, em poucos anos, os alunos aprendiam o que hoje não se aprende até ao 9.º ano, pois o ensino está muito facilitado.

Texto 12: MUDANÇA NA ESCOLA, Tiago Ramalho, nº21, 11ºB
Data de edição: novembro de 2011

Segundo os relatos que, por vezes, ouço de pessoas mais idosas, a escola não é definitivamente o que era. De acordo com o meu avô, por exemplo, a escola era uma instituição que se regia pelo respeito e por submissão total ao professor. Quem não cumprisse as regras era severamente castigado, não com faltas disciplinares ou suspensões, mas com violência física.

Hoje em dia, tudo é diferente: os alunos têm muito mais regalias, o professor não pode “tocar” no aluno. Penso que a vida dos estudantes está muito mais facilitada do que antigamente. Na minha opinião, este facilitismo traz vantagens, mas também desvantagens, dado que muitos alunos se tornam preguiçosos, ociosos e praticantes de “passear os livros”, não se preocupando com o estudo e a aprendizagem.

Considero que se passou do oito ao oitenta. Passámos de uma exigência extrema a uma tolerância máxima, esquecendo o meio-termo: a escola deve ser exigente e impor disciplina, mas tendo em conta o bem-estar dos alunos. Penso que só assim se pode preparar os jovens para o futuro e para a vida em sociedade.

Texto 13: UMA ESCOLA DIFERENTE, Vasco Campos, nº22, 11ºB
Data de edição: novembro de 2011

A escola já não é o que era.

Este é um assunto que, nos dias de hoje, é muito falado pelas famílias, principalmente em conversas de netos com avós.

De facto, a escola já não é o que era, pois, antigamente, quando os alunos erravam, na sua pobre inocência eram agredidos nas palmas das mãos com fortes “reguadas”, tão fortes que, por vezes, ficavam com marcas nas mãos. Nesse tempo, as escolas estavam separadas em duas partes, a parte feminina e a parte masculina, muitas vezes divididas por um enorme muro de cimento, para que as raparigas e os rapazes não convivessem uns com os outros. Outro aspeto em que a escola efetivamente mudou foi na aceitação de alunos esquerdinos, algo que antigamente não acontecia, pelo que conta a minha avó. Os esquerdinos eram obrigados a ser destros, nem que para isso tivessem que ser agredidos fisicamente, com as tais “reguadas” tão famosas nas escolas de ontem.

Tendo como ilustração estes três exemplos, considero que as pessoas saudosistas têm razão em dizer que a escola já não é o que era. Felizmente, quase tudo o que mudou, mudou verdadeiramente para melhor.

Texto 14: A ESCOLA NO SÉCULO XXI, Frederico Porfírio, nº3, 11ºE
Data de edição: novembro de 2011

Entrar para a escola é como começar uma vida nova.

A escola é importante para qualquer pessoa, tornando-se um percurso. Do primeiro ao quarto ano o aluno aprende conteúdos básicos, do quinto ao nono aperfeiçoa os seus conhecimentos e capacidades. No 9º ano é preciso decidir o que vamos querer seguir, tanto profissional como pessoalmente, e, até ao 12º ano, há que estudar a sério na área que seguiremos no futuro.

A função da escola não é só formar arquitetos, doutores, médicos, professores, entre muitas outras profissões. A escola tem também como finalidade educar os jovens para serem bons cidadãos, responsáveis e com valores.

No século XXI, a escola continua cada vez mais importante, tanto a nível de preparação profissional como a nível de formação da personalidade. Neste sentido, a escolaridade obrigatória até ao 12.º ano, decidida pelo Ministério de Educação, é fundamental.

Texto 15: A ESCOLA MUDOU, Pedro Ferraz, nº15, 11ºB
Data de edição: novembro de 2011

Muito se fala sobre as mudanças que a escola tem vindo a sofrer ao longo do tempo, e aqueles que a frequentaram em tempos passados garantem que muita coisa mudou.

O certo é que a opinião sobre se esta mudou para melhor ou para pior não é unânime. Muitos garantem que a exigência não é a mesma, e eu próprio concordo com essa opinião, mas também há que realçar aspetos positivos, como a evolução dos métodos de aprendizagem. A introdução de meios tecnológicos tornou mais fácil o ensino.

Outro facto que constitui uma diferença entre a "escola do passado" e a "escola do presente" é a disciplina em aula. Os chamados "castigos" de hoje são muito mais benevolentes do que aqueles que eram impostos antigamente. Hoje, aqueles que têm um comportamento desapropriado apenas são repreendidos ou lhes é marcada uma falta disciplinar. Antigamente, existiam castigos corporais, como as reguadas, para aqueles que desrespeitavam as regras da sala de aula.

Podemos concluir, então, que a "escola já não é o que era".

Texto 16: A ESCOLA JÁ NÃO É O QUE ERA, Pedro Cordeiro, nº16, 11ºB
Data de edição: novembro de 2011

Os saudosistas dizem que a escola já não é o que era. Apesar de concordar com esta afirmação, não partilho o ponto de vista dos saudosistas, pois considero que os novos métodos de ensino são mais eficientes.

Talvez os saudosistas acreditem que agora são tudo facilidades, mas essas facilidades são apenas no campo dos materiais, das instalações (já que estas estão melhoradas), porque creio que as matérias são mais exigentes...As vantagens referidas, como os computadores pessoais, facilitam muito qualquer pesquisa ou trabalho, uma vez que podemos aceder à Internet e encontrar a informação necessária em segundos, poupando o trabalho de procurar em revistas e/ou jornais, manualmente. As instalações também contribuem muito para o sucesso, uma vez que a escola está equipada com o que necessitamos, proporcionando-nos lugares agradáveis e calmos para estudar.

Muitas vezes, os saudosistas têm presente uma infância mais dura e talvez considerem que atualmente se passam demasiados anos na escola, em vez de trabalhar.

Contudo, só assim se garante a formação de profissionais qualificados, numa sociedade cada vez mais competitiva e com altos índices de desemprego.

Concluindo, é bom a escola não ser como era nos tempos dos meus avós, já que nos proporciona, hoje em dia, melhores oportunidades de estudo e uma vida melhor.

Texto 17: SUCESSO FÁCIL, João Bernardino, nº15, 11ºA

Data de edição: janeiro de 2012

O sucesso é algo que, principalmente nós, jovens, todos ambicionamos. Sem dúvida, muita gente acha o sucesso algo fácil de alcançar. Existe mesmo o "sucesso fácil"? Ou não passa de uma miragem, que em vez de sucesso pode trazer desgraça?

Não é preciso um grande esforço para encontrarmos exemplos de pessoas que chegaram ao sucesso sem qualquer dificuldade. Se olharmos, por exemplo, para o mundo do espectáculo, vemos bem explícito o sucesso fácil: jovens que participam em novelas como "Morangos com Açúcar" ou os chamados "artistas POP", entre outros. São, na maioria, pessoas bem sucedidas, sem terem lutado muito por isso, e muitas vezes parecem nem o merecerem.

Por outro lado, olhando para as estatísticas, vemos, por exemplo, um elevado número de desempregados no nosso país. Porquê estes números? Muito provavelmente porque esses desempregados, quando eram jovens, achavam que, no futuro, iria ser fácil ter sucesso, e não se esforçaram como deviam. O mesmo acontece com muitos dos jovens de hoje. Pela postura que têm na escola, só podemos concluir que acham que não precisam de se esforçar. Mas como os números mostram, essa não é a realidade. O sucesso é algo que exige muito esforço e dedicação.

Concluindo, penso que o sucesso fácil é realmente uma miragem muito enganadora. Ninguém se deve iludir com ele, pois poderá ser o primeiro passo para a desgraça.

Texto 18: OS DIREITOS HUMANOS, Tiago Nogueira, nº16, 12ºE

Data de edição: novembro de 2011

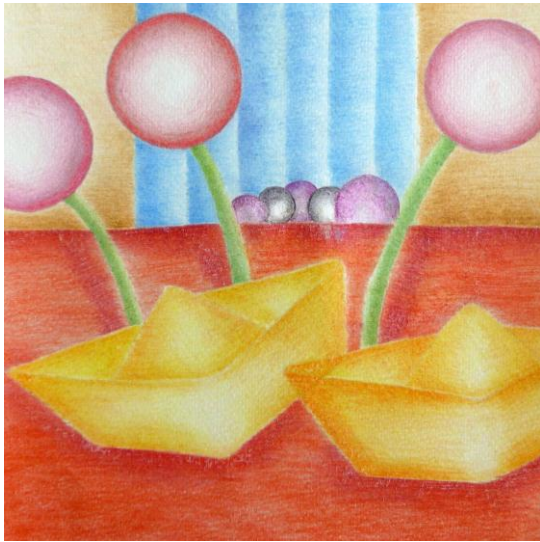
A Declaração Universal dos Direitos Humanos é um conjunto de direitos que visam proteger o ser humano. Nesse conjunto, existem alguns princípios básicos, mas fundamentais, dos quais decorrem todos os outros. Infelizmente, ainda hoje deparamos com situações em que esses mesmos princípios são desrespeitados e ignorados.

O primeiro direito será, por ventura, o mais básico de todos: o direito à vida. Todos os dias somos inundados com notícias de guerras que fazem centenas e milhares de mortos, muitos torturados para proveito de organizações e governos. Guerras que, muitas vezes, usam como fachada o combate a um regime opressivo e em que a própria guerra é incitada com segundas intenções, maioritariamente financeiras. Haverá maior desrespeito à vida do que acabar com ela por ganância?

J.C. Vieira de Andrade considera direitos fundamentais "*aqueles que estão mais intimamente ligados à dignidade da pessoa humana*". Em pleno séc. XXI, somos confrontados com casos de tráfico humano que incorrem contra estes direitos. A abertura das portas de Schengen veio facilitar a livre circulação de pessoas e bens dentro da UE. O problema é quando as pessoas são tratadas como bens... A inexistência de controlo nas fronteiras faz com que seja fácil transportar as pessoas, quer a nível de transportes, como a nível logístico e isso levou a que o tráfico humano aumentasse e é, neste momento, a terceira fonte mais rentável de crime (apenas atrás do tráfico de drogas e armas). E como estes exemplos, muitos mais podemos encontrar...

Vivendo numa sociedade dita evoluída, é impensável que tais coisas aconteçam e enquanto não forem tomadas medidas sérias para contrariar esta situação, a Declaração dos Direitos Humanos não irá passar de um livro de conselhos e sugestões de bons-costumes.

Trabalhos realizados na disciplina de Desenho A sobre os conceitos: repetição; simplificação; rotação; longe; perto; sobreposição e harmonia.



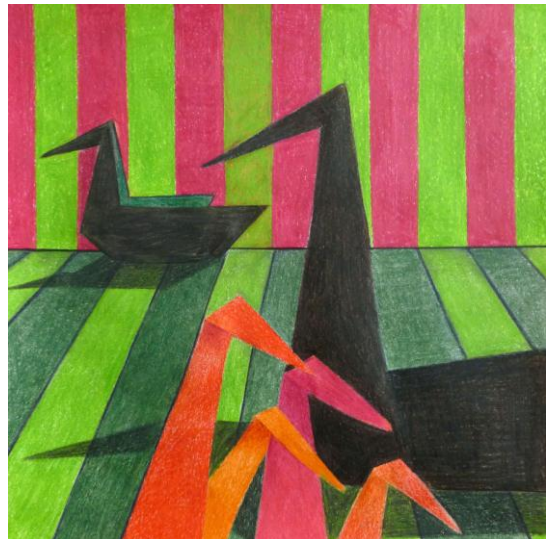
Carolina Neiva 10ºF



Joana Ferreira 10ºF



Lin Lin 10ºF



Filipa Dias 10ºF

Texto 19: CULTURA, Tiago Nogueira, nº16, 12ºE
Data de edição: dezembro de 2011

Num mundo cada vez mais tecnológico é quase inevitável que os hábitos daqueles que crescem nele mudem. A cultura, ou as preferências culturais dos jovens, não é excepção.

O vídeo, a internet, as novas tendências musicais são aquilo a que podemos chamar de *mass culture* (originado do termo *mass media*, que é o principal veículo de promoção deste tipo de cultura). *Mass culture*, ou em bom português, cultura de massas, é hoje em dia, a principal fonte de informação para os jovens. Porquê? É simples, a globalização. A internet fez com que pudéssemos comunicar em tempo real com qualquer pessoa, em qualquer parte do mundo. Da mesma maneira, é muito mais fácil depararmos com filmes, música, que não nos são familiares. Essa facilidade de promoção faz com que algo chegue a muito mais gente (às massas, portanto), quase em tempo real.

Hoje em dia, uma pessoa, sem sair de casa, pode ouvir a discografia inteira de um artista, ou até ver um concerto em directo, no conforto do seu sofá. Este conformismo, se assim o quisermos chamar, é a principal razão para a alteração destas preferências. Para quê irmos ao teatro quando podemos ver um filme em casa? Para quê ler um livro quando podemos ficar sentados a olhar para a televisão?

Os jovens deixaram de procurar cultivar-se intelectualmente, porque dá trabalho, implica algum esforço e, mais preponderante é o facto de terem acesso a outras maneiras de se divertirem (como videojogos ou televisão) sem terem de sair.

Não acredito que o teatro tenha perdido o interesse, a verdade é que não há promoção suficiente para cativar um jovem a trocar um jogo por uma peça de teatro. Aliás, em muitos países, os *mass media* abafam a promoção da cultura, pois existem atividades com mais interesse em promover e, afinal, o que conta mesmo é o dinheiro.

A menos que se faça uma aposta séria na cultura e na sua promoção, corremos o risco de nos tornarmos uma civilização ignorante, por preguiça e por interesses alheios...

Texto 20: VIAJAR, João Magalhães, nº12, 12ºC
Data de edição: dezembro de 2011

É, sem dúvida, indiscutível que a viagem encobre em si mesma uma série de plenitudes, entre elas, a descoberta do outro e de nós mesmos.

Há momentos em que damos por nós cansados de uma rotina enfadonha, de estarmos presos a algo e em que precisamos de algo diferente. Muitas vezes, a viagem surge como solução e partimos com a sensação que terá como fim o aproveitamento e relaxamento.

Mas, acima de tudo, a viagem ensina-nos a conhecer povos diferentes, culturas diferentes, mitos diferentes, enfim, a abrirmos os nossos horizontes. Tomemos como exemplo um caso remoto e, ao mesmo tempo, maravilhoso, os descobrimentos portugueses. Se, por esta altura, ainda não conhecêssemos o Brasil, ou a Índia, seríamos, sem dúvida, povos mais fracos em todos os aspetos.

Para além disso, a viagem pode servir como um princípio da descoberta de nós mesmos. Em alguns casos, podemos considerar-nos pessoas com experiência, com a nossa personalidade já desenvolvida e vincada, e virmos a conhecer um novo "eu". Vejamos alguns casos, anónimos na maioria, de indivíduos que, depois de uma viagem, se tornaram pessoas diferentes, mais livres, acima de tudo, revitalizadas. A viagem pode considerar-se, então, como um meio de libertação e de revolução interior.

Por outro lado, a viagem, por vezes, assume tendências preocupantes. Em muitos dos casos, não passa de uma obsessão ou de um vício, por outros suportada, e que tem como objetivo a subida de autoestima e a sobrevalorização perante os outros.

Concluindo, a viagem pode revelar inúmeras coisas, boas e más, mas o que pode ou não vir dela, apenas depende de nós.

Texto 21: SAUDADES DA VIDA, Sara Gonçalves, 1ºA
Data de edição: dezembro de 2011

Pareço repetitivo, eu sei, mas é a única forma de acalmar este turbilhão de ideias. Este é certamente o meu destino, mais do que saber que pertença ao mundo e às suas ruas, sinto que te pertença, sinto que é aqui que a minha história vai terminar. Conheces as minhas perdas melhor que eu, levaste a minha maior razão de viver, mas não te julgo, apenas quero ir ter com ela um dia. Era a mulher da minha vida, sempre o soube. Tudo me fascinava, o brilho nos olhos, o sorriso rasgado, a pele delicada, a sua dedicação à vida... Acho que foi por admirar tanto a sua simplicidade que deixei de dar valor aos bens materiais, nunca me deram a sensação de estar realmente completo, aliás, apenas ela o conseguiu. Parte de ti são lágrimas derramadas por mim, eu pertença-te.- dizia o Búzio ao mar.

Ainda era pequena, mas, naquele dia, percebi que o Búzio tinha saudades, saudades de uma mulher que o marcara em tempos, saudades da vida... Entretanto, a maré subiu, o sol pôs-se e eu voltei a casa.

Texto 22: A SOCIEDADE PORTUGUESA ATUAL, Teresa Sá, nº24, 11º C
Data de edição: dezembro de 2011

Portugal está a viver uma crise profunda. Todos nós devemos fazer algum esforço para a conseguirmos ultrapassar. Será que Portugal chegou a este ponto porque a sociedade portuguesa procura o que é fácil, o mediano, o que não dá trabalho?

Portugal, segundo estudos realizados, é o país que goza de maior número de feriados e como se não bastasse, para agravar ainda mais a situação, está na moda fazer o que vulgarmente designamos de "pontes". Tirar uns dias de descanso é o que toda a gente deseja. Esta leviandade com que toda a população encara o seu trabalho é escandalosa. É também devido a estas "paragens no tempo" que o nosso país se afundou. O Governo anunciou há pouco tempo que irão ser abolidos quatro feriados (dois religiosos e dois civis). Ainda houve quem não concordasse argumentando que alguns desses dias são de festa. Festa?! Com o país em crise e muitas famílias no desemprego, Portugal pensa em festejar! O povo português é conhecido como o povo que se "desenrrasca". Tem alguma razão de ser. O povo diz "vamos indo e vamos vendo", e realmente é o que se tem feito. Não se poupa o dinheiro que existe e gasta-se enquanto é tempo!

Através destes exemplos percebemos que toda a sociedade portuguesa anda com os valores e objetivos baralhados. É urgente agir para conseguirmos mudar, para ultrapassarmos esta crise que tanto nos afeta. É preciso trabalhar para o sucesso real, não para o "desenrrascaço"!

Texto 23: A GLOBALIZAÇÃO, Ana Sofia Lopes, nº3, 11ºD
Data de edição: janeiro de 2012

No final do século XX e início do século XXI, deparamo-nos com um grande desenvolvimento dos meios de transporte e comunicação dos países de todo o mundo, o que impulsionou um processo de interação e de integração entre as pessoas, empresas e governos, designado por globalização.

É de salientar que este fenómeno apresenta efeitos sobre o ambiente, a cultura, os sistemas políticos, o desenvolvimento económico e a prosperidade. No entanto, e focando-me apenas nos efeitos culturais e no desenvolvimento, podemos encontrar inúmeras vantagens. Em primeiro lugar, no que diz respeito à economia, fomos *brindados* por um alargamento do mercado, contribuindo para a competitividade, para uma maior intercomunicação e uma maior aproximação das necessidades. Em segundo lugar, este processo permitiu um maior conhecimento das diferentes culturas, o que acabou por contribuir para uma maior tolerância e até mesmo para pôr fim a culturas que desprezavam os direitos humanos.

Contudo, nem todos os países beneficiaram deste desenvolvimento, sendo que, de dia para dia, uns se tornaram mais ricos, como o Luxemburgo e a Holanda, e outros mais pobres, como o Zimbabué e a Libéria. Estes últimos estão sujeitos à fome e à miséria, mas, graças a instituições de solidariedade, foi possível acudir a algumas necessidades; os mais corajosos, entretanto, apostaram na emigração como meio de ultrapassar as suas dificuldades, ocupando postos de trabalho rejeitados pela população dos países que os acolheram. Porém, esta circulação pode ser vista como uma forma de se obter mão-de-obra barata, desrespeitando-se os direitos humanos.

Apesar dos aspetos positivos, a globalização tem, também, contribuído para uma atitude de indiferença do ser humano relativamente às suas origens e identidade, porque tudo o que surge como sublime tornou-se banal, considerando-se mais importante o acompanhamento da moda em detrimento do que faz parte da tradição.

Deste modo, apesar do impacto positivo da globalização, é fundamental estarmos atentos às suas desvantagens para que o mundo não esqueça o seu passado e para que se anule a fome que ainda se regista em algumas partes do globo, enquanto noutras, por ironia do destino, se morre por obesidade!

Texto 24: A CRIATIVIDADE, Sofia Batista, nº13, 12ºB
Data de edição: janeiro de 2012

De facto, a criatividade goza de uma importância extrema na vida do Homem e das comunidades, apresentando um papel fulcral na definição daquilo que uma pessoa possa vir, eventualmente, a ser ou a criar no futuro, sendo, portanto, uma característica bastante valorizada na sociedade atual.

Por um lado, é a criatividade que nos permite ver para além daquilo que é óbvio, dando-nos a capacidade de formular teorias que osem explicar o que até ao momento era considerado inexplicável, ou então, produzir utensílios ou engenhos que venham satisfazer as necessidades das populações, alterando para sempre a sua forma de estar no mundo o que, por sua vez, leva ao aparecimento de novos estilos de vida. Como exemplo destes factos temos a formulação da Teoria Heliocêntrica por Copérnico, o desenvolvimento do primeiro automóvel, da televisão ou até mesmo do telemóvel, sendo todos eles fruto de um vasto processo imaginativo.

Por outro lado, é também de salientar que a criatividade não se encontra somente ligada à área das ciências e das tecnologias, mas principalmente às vertentes mais artísticas tais como a escrita, a música ou as próprias artes visuais. A habilidade de "criar uma realidade inteiramente diferente daquela que as sensações aparentemente do exterior e as sensações aparentemente do interior nos sugerem" de que nos fala Fernando Pessoa, resulta de uma enorme capacidade criativa que não está ao alcance de qualquer um, mas apenas dos grandes artistas. A título exemplificativo deste facto temos a poesia de Cesário Verde e de Fernando Pessoa, assim como a pintura de Pablo Picasso e de Van Gogh. Esta visão única do Universo, que foge aos padrões daquilo que é considerado normal e convencional, confere uma valiosa originalidade àqueles que a detêm, na medida em que lhes permite destacarem-se da restante população.

Pelo exposto, conclui-se, então, que a criatividade é uma ferramenta que nos abre as portas para um mundo novo, repleto de possibilidades, que, por sua vez, nos conduz à criação do essencial ainda desconhecido que reside no que é também ainda inexistente.

Texto 25: A IMPORTÂNCIA DA CRIATIVIDADE, Miguel Santos, nº7, 12ºB
Data de edição: janeiro de 2012

A criatividade assume um papel fundamental na vida do Homem e das comunidades.

Em primeiro lugar, a criatividade é um movimento impulsionador e um fator de extrema importância no desenvolvimento de diversas áreas do saber, como a filosofia e a arte. Por exemplo, na arte foi possível verificar a influência de Leonardo Da Vinci, de Pablo Picasso alicerçada na sua originalidade e imaginação. Por sua vez, no domínio da

Filosofia, principalmente na Grécia Antiga, temos o papel desempenhado por Aristóteles, por Sócrates e por Platão que revolucionaram, para sempre, a forma de pensar do ser humano, tornando-o mais atento aos problemas do quotidiano.

Em segundo lugar, a criatividade tem o poder de unir comunidades através de diversos acontecimentos, através de obras artísticas, manifestações e eventos musicais. Tome-se como exemplo a diversidade de religiões, com as suas próprias crenças, hábitos e ideais e que representam, ao mesmo tempo, uma realidade e um exemplo da capacidade do ser humano modificar a estrutura da sua vida com base, principalmente, na sua mente. Um outro exemplo em que um simples gesto de criatividade é capaz de unir esforços, faz-me recuar até à Revolução de Abril e ao seu impacto no meu país, mostrando que até as coisas mais simples como o cravo vermelho colocado nos canos das espingardas, juntamente com a vontade de um povo, foram capazes de mudar uma nação.

Para terminar, a criatividade, se for bem utilizada, é capaz de produzir resultados impressionantes que conseguem *mover mundos*.

Texto 26: O PAPEL DA SORTE, Ana Carneiro, nº2, 12ºD
Data de edição: janeiro de 2012

Não há uma fórmula precisa e infalível para o sucesso. Dedicção, talento e inteligência podem contribuir em muito para que o ser humano viva de forma plena e feliz, contudo não é sensato rejeitar um pouco de sorte. Esta é a chave para o sucesso.

Obviamente que um ser humano talentoso terá maiores oportunidades de ser bem-sucedido. Apenas se torna necessário que encontre uma área à qual dedicar o seu talento e que o mesmo seja reconhecido e apreciado. Para que tal aconteça, a sorte intervém! Se apenas dependesse do talento, qualquer pessoa que soubesse cantar, atuar ou dançar teria um lugar reservado no mundo do espetáculo.

É claro que o esforço e uma atitude positiva são mais favoráveis do que atitudes de desistência e conformismo, mas a verdade é que o mundo não gira graças ao puro otimismo. Mais uma vez, as circunstâncias têm a sua importância e a sorte condiciona a possibilidade de o ser humano ter êxito. No mundo atual, com o número continuamente crescente de sorteios que existem, a sorte desempenha um papel de inegável relevância e só os verdadeiramente sortudos prevalecem.

A verdade é que o ser humano tem controlo sobre a vida, mas nem tudo depende, apenas, dele. Vários fatores externos condicionam o caminho pelo qual uma pessoa envereda e eles aparentam surgir de forma inexplicável e aleatória, levando-nos a ser supersticiosos e crentes na sorte.

Há, portanto, sempre uma força externa, toda uma realidade, um mundo que intervém na vida do Homem e este só pode esperar que intervenha de modo favorável.

Texto 27: NÓS E OS OUTROS, Diogo Santos, nº6, 12ºD
Data de edição: janeiro de 2012

O ser humano é um ser social. Esta frase, repetida diversas vezes para explicar variados temas como o Direito ou a Psicologia, é um conceito praticamente universal que nos mostra, de forma curta e seca, o *modus vivendi* do Homem, incapaz de sobreviver só por si e isolado dos outros.

De facto, o Homem precisa sempre dos outros. Aliás, ainda antes de ser *homo sapiens sapiens*, já o Homem era incapaz de viver sozinho. Precisava de caçar em conjunto com outros da mesma espécie para derrubar as presas mais fortes, precisava dos outros para que cuidassem dele enquanto ser frágil. Precisava dos outros até para que continuasse a existir o Homem. Desde sempre a nossa espécie se organizou em sociedades, sucessivamente mais complexas, até chegar a um ponto em que é irreversível.

Além do mais, mesmo aceitando a possível existência do Homem isolado dos restantes do ponto de vista físico, tal seria impossível a nível mental. A falta de interação social

acabaria por levar à demência. É impossível viver-se isolado como uma ilha. Basta ver o estado emocional em que vários condenados se encontram após terem sido punidos com a prisão solitária, num estabelecimento prisional.

Creio, então, que nos é impossível viver sem os "outros" pois a presença dos restantes, na nossa vida, é absolutamente essencial. Viver em sociedade não é uma opção, mas, sim uma necessidade, como a de comer ou a de beber. Para além do mais, a nossa vida teria algum significado se não tivéssemos ninguém com quem a partilhar?

Textos 28: CONVERSAS COM MANOLIN D´O VELHO E O MAR – 9ºB e 9ºC

Data de edição: janeiro de 2012

1ª Conversa, Filipe Sousa, nº3, 9ºB

Santiago e Manolin, depois de mais um dia, sentaram-se junto ao porto vendo o mar. Manolin muito queria saber sobre a aventura de Santiago, até que perguntou:

- Santiago, agora podes-me contar como conseguiste o peixe?

- É uma longa história, meu rapaz – disse Santiago. Bem, eu estava no mar, como sempre, esperando que algum peixito mordesse o isco. Até que a certa altura sinto um puxão tão grande que quase caí do barco! – exclamou Santiago.

- Ahahah... - ria-se Manolin.

- Não te rias, Manolin, se estivesses lá comigo não achavas piada nenhuma! – exclamou Santiago enquanto se ria.

- Continua, Santiago, eu não me vou rir mais – disse Manolin.

- Bem, então era o grande peixe, fiz muita força para o segurar, pois ele era muito forte... Se queres que seja sincero, nem sei como tive tanta força – afirmava Santiago.

- Tu és um homem muito valente, e eu só podia ter aprendido tanto com alguém tão forte e corajoso como tu! – exclamava Manolin.

- És um bom rapaz, Manolin! Bom, estava muito dorido, tive que dormir no barco... Ou melhor, nem dormi, passei as noites lutando contra o peixe e contra os tubarões...

E Santiago parou de falar, interrompido por Manolin.

- TUBARÕES? – perguntou Manolin num grande salto.

- Sim Manolin, mas senta-te para eu continuar. Tive que usar de tudo para eles se afastarem, e consegui, mas sempre vinham mais fortes e só consegui trazer este peixe. O resto foi comido – disse Santiago num ar triste.

- Não fiques triste, Santiago, és um grande homem e orgulho-me muito de ti, tudo o que sei aprendi com o melhor pescador... - disse Manolin, com um sorriso.

- Sou um homem cheio de sorte por te ter comigo, Manolin! – exclamou Santiago.

Santiago sorriu e então, sem mais falarem, ficaram os dois apreciando as ondas do mar.

2ª Conversa, Manuel Guedes, nº11, 9ºB

Passado um dia da chegada do velho, era manhã cedo, e Manolin queria saber todos os pormenores da pesca do grande peixe. Depois de ter confirmado que o velho estava de boa saúde, foi ter com ele:

- Diz-me, meu velho, arriscaste a tua vida pelo orgulho e persistência. Tiveste medo?

O velho, muito pensativo, meditou durante alguns segundos, " prefiro morrer com orgulho e persistência, do que sem nenhum deles" e disse ao rapaz isto mesmo. Manolin ficou admirado com a coragem do velho e disse:

-É mesmo um ideal a seguir, admiro-te bastante.

-Obrigado, meu rapaz! – exclamou o velho. – Sem ti nada disto seria possível. Ajudaste-me tanto neste tempo sem nunca me baixares a mão. Bem, tudo aconteceu quando estava lá no mar e avistei o grande peixe, mas logo vi que não dava para o transportar no barco. Surgiu então a ideia de o pôr ao lado do barco.

E Manolin, muito curioso, perguntou:

-Mas como é que o peixe apareceu assim, todo devorado?

-Ah isso, isso já foi mais complicado. Ao tentar matar o peixe, ele sangrou, e atraiu predadores ferozes, como tubarões. Daí tive de lutar contra eles, perdendo alguns instrumentos de pesca. Senti-me muito fraco por essa altura – respondeu o velho.

Surgiu então algum tempo de silêncio, e os dois foram visitar o peixe e admirá-lo enquanto, pelo caminho, o velho contava pormenores ao rapaz, acerca da grande pesca.

3ª Conversa, Bernardo Cunha, nº 6, 9ºC

Santiago e Manolin estavam no café, com algumas mesas e cadeiras, e uma família de pescadores sentada no canto.

-Tu nem imaginas a luta que aquele peixe deu! - exclamou Santiago.

Manolin respondeu logo:

-Deves estar a exagerar, não pode ter dado assim tanta luta.

-Mas deu. Apanhei-o logo no primeiro dia - afirmou Santiago. - O resto do tempo foi deixar o peixe ir até se cansar.

-A sério? - interrogou Manolin. - Mas, o que aconteceu ao peixe?

-Ah! os tubarões. Já me esquecia.

- Diz lá o que aconteceu - insistia Manolin.

-Como o peixe era muito grande, não consegui pô-lo no barco, por isso tive que o amarrar. O sangue atraiu tubarões, que tentaram comer o peixe.

-E o que aconteceu depois? - quis saber Manolin.

-Digo-te se me fores buscar uma cerveja. É que já estou a ficar com sede.

Manolin foi buscar uma cerveja e voltou momentos depois, com uma lata na mão.

- Como ia a dizer, depois de os tubarões atacarem, matei-os - continuou Santiago. - Perdi o arpão, por isso tive que usar um remo e até a cana do leme.

- Mas se os mataste, como é que eles comeram o peixe? - perguntou Manolin, confuso.

-Para os conseguir matar, tive de deixar que mordessem, para ficarem quietos. Como eram muitos, comeram muita carne do peixe.

- Já estou a ficar com frio! - exclamou Manolin. - Acabas de me contar em tua casa.

E foram para casa de Santiago, abrigar-se do frio.

4ª Conversa, António Gonçalves, nº 4, 9ºC

Depois de ter sonhado com os leões, Santiago acordou e viu que o rapaz estava sentado à beira dele.

- O que aconteceu quando saíste daqui? - perguntou o rapaz, que estava morto por descobrir as manchas do velho.

"Por onde começou?" pensou o velho. " Já sei."

- Tudo começou quando abandonei este porto, aqui há uns dias. Dirigi-me para o alto mar e lancei as minhas linhas. Passado algum tempo, senti algo muito grande a morder o isco. Depois tive de segurar na linha e cortei-me numa mão. Estive muito tempo a navegar com o peixe e enquanto isso comi pequenos peixes crus para ganhar forças. Quando o peixe veio para fora de água, consegui matá-lo com muita dificuldade. O peixe era grande e belo. As suas escamas eram espessas tinham uma textura rígida. Depois, ao dirigir-me para casa, fui atacado por tubarões. Primeiro por um muito forte e belo, mas depois por um monte de galanos que me comeram o peixe todo - disse o velho.

- Tiveste azar, meu velho, mas pelo menos tens uma recordação - respondeu o rapaz.

Deslocaram-se para a praia para observarem o mar. O cheiro a maresia era intenso e sentiam a areia fina nos pés. O mar, em vários tons de azul, prolongava-se até ao horizonte a as suas ondas batiam nas rochas.

"Que bela paisagem, tenho muita sorte em ter este amigo", pensou o rapaz.

5ª Conversa, Gonçalo Mouro, nº 10, 9ºC

Toda a gente estava parada perto do barco do velho a discutir de que espécie era aquele peixe... Já mal se percebia a beleza do peixe, os tubarões tinham-no desfeito devido às dentadas no seu corpo.

-O peixe parece-me um tubarão - dizia um turista que ali passava com a sua esposa.

-A mim parece-me apenas um golfinho muito grande – dizia a mulher.

Enquanto tudo decorria, o velho pensava “Quem me dera neste momento ter forças para me levantar e interromper a discussão dizendo que aquilo não é nem um golfinho nem um tubarão, aquilo é apenas um espadarte”.

Nesse dia, o centro da cidade esteve mais calmo do que o habitual porque os habitantes residentes e os turistas passeavam nas zonas junto à costa para verem o peixe e darem a sua opinião.

Durante a noite, Santiago levantou-se da cama para ir a casa de Manolin pedir ajuda. Quando lá chegou, pediu a Manolin que fosse com ele e levasse uma serra.

No dia seguinte, Manolin e Santiago foram a casa do seu amigo, que sempre lhes deu comida quando estes precisavam, e ofereceram-lhe a cabeça do peixe para que toda a gente a pudesse ver pendurada no seu restaurante.

6ª Conversa, André Silva, nº 2, 9ºC

Manolin e Santiago deslocaram-se para a praia e sentaram-se por baixo de uma árvore que dava sombra. Dali viam quase a corrente inteira do Golfo. Via-se o mar azul e a areia molhada coberta de algas, mais ao longe avistavam-se umas dunas gigantes que tapavam os edifícios e apenas se viam os últimos andares de um deles. A praia estava algo agitada, ouviam-se os pescadores a falar e a água a bater nas compridas rochas.

- Conta-me tudo o que aconteceu!

- Não há muito para contar... – disse o velho.

- O que tens nas mãos? – perguntou Manolin.

- Ah, isto não é nada, são só uns arranhões ... O peixe era pesado e a corda não era forte, mas eu não desisti, apanhei o peixe apesar de ter ficado destroçado por causa dos...

«É melhor não lhe contar acerca dos tubarões», pensou Santiago.

- Por causa do quê? – questionou o rapaz.

- Por nada, esquece. Tens pescado muito? – perguntou o velho, desviando o assunto.

- Sim, no outro dia pesquei vinte e um peixes e meio, um deles quando chegou ao anzol estava partido a meio – afirmou Manolin, rindo-se. – Estás a pensar vender o peixe? Deve valer uma fortuna, não?

- Não quero vendê-lo – negou o velho. – Quero que fique para recordação, este sempre foi o meu desejo, pescar um peixe destes. Além disso, no estado em que ele está, já não deve render muito.

- Os pescadores têm dito boas coisas sobre ti. Acho que recuperaste a confiança deles

- Eu reparei! Agora vai pescar, que a vida não dura para sempre.

Texto 29: A CRIATIVIDADE NA VIDA DO HOMEM, Beatriz Gomes, nº1, 12ºB

Data de edição: janeiro de 2012

Vivemos num mundo onde, para sobreviver socialmente, necessitamos de revelar características como seres humanos ativos, entre elas a capacidade de criar e de inovar.

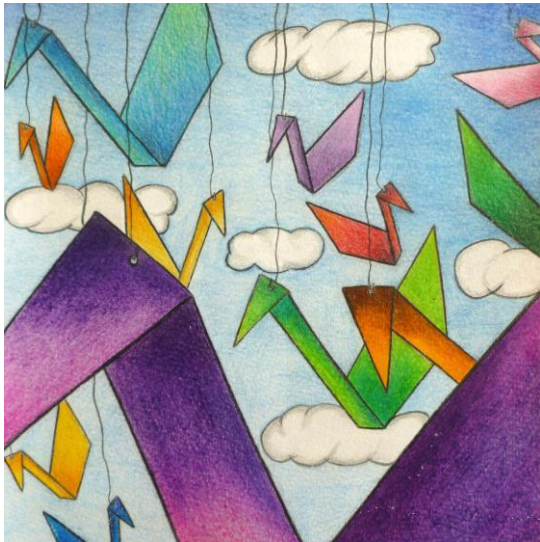
A criatividade está em tudo o que nos rodeia. Está neste texto, está num desenho, está em cada um de nós. Para a desenvolver, basta procurar continuamente o impensável, o incomum...olhar à nossa volta e ter curiosidade para descobrir o que se esconde atrás das aparências, dos objetos e das pessoas.

Para inovar e evoluir, precisamos de ser criativos. No caso da ciência, nenhuma comunidade científica avança sem o mínimo de criatividade... de busca pela novidade. Desde a idade da pedra até aos dias de hoje, o Homem assimilou variadíssimos conhecimentos que lhe permitiram concretizar revoluções tecnológicas desde o comboio a vapor à simples máquina de café.

Esta característica do ser humano atua em diversas áreas, no entanto ela é mais evidente no domínio da expressão artística. Todos os dias somos rodeados por imagens que nos prendem, que captam a nossa atenção, que nos suscitam várias leituras, que nos levam a alterar hábitos ou, simplesmente, nos deixam a sonhar.

Pelo exposto, devemos ser, de um certo modo, imprudentes. É importante romper com as barreiras do comodismo, do medo de falhar. Arrisquemos. Há que

Trabalhos realizados na disciplina de Desenho A sobre os conceitos: repetição; simplificação; rotação; longe; perto; sobreposição e harmonia.



Alexandra Santos 10ºF



Jéssica Quirino 10ºF



Mariana Silva 10ºF



Renato Cruz 10ºF

Texto 30: A CRIATIVIDADE NA VIDA DO HOMEM, Joana Soares, nº12, 12ºA
Data de edição: janeiro de 2012

A criatividade, como o nome indica, é a capacidade de criar e inventar, é o que nos distingue dos restantes seres vivos irracionais; esta estabelece com o sonho uma relação simbiótica, constituindo um vínculo indissociável na progressão e evolução do homem.

O facto do homem possuir uma faceta criativa confere-lhe uma vantagem, na medida em que consegue transformar fraquezas, ambições, no que ele quiser, superando-se a si mesmo continuamente, ao traçar um caminho para alcançar os seus objetivos, o seu fim. Tome-se como exemplo Bill Gates, um magnata, filantropo e autor norte-americano, que ficou conhecido por fundar a Microsoft, um estudante comum que se destacou e venceu pelo seu trabalho criativo, pelos seus projetos de vida.

Também é de notar que a capacidade mencionada acompanha os hominídeos desde os tempos mais remotos, tendo em consideração que os utensílios primordiais, base de sobrevivência, foram fruto da interação de uma necessidade criada, face à situação do momento, com a capacidade que o ser possuía. Assim, e progressivamente, é que se processou este fenómeno que designamos como evolução, desde os objetos de caça, à pintura rupestre, à invenção da máquina a vapor. Do que nos é transmitido e ensinado adquirimos a possibilidade de criar e são essas criações, alicerces que constituem a realidade na qual nos inserimos.

Em suma, o processo criativo inspira e fundamenta a maioria das faculdades humanas e dele resulta uma realidade diferente, tal como Fernando Pessoa sugere, da qual fazemos parte e alteramos constantemente, à medida que seguimos o nosso percurso vital e paradoxalmente efémero.

Texto 31: A CRIATIVIDADE, Mariana Moreira, nº10, 12ºD
Data de edição: janeiro de 2012

A criatividade desempenha um papel importante na vida do Homem. Embora, ela apresente várias definições, numa perspetiva mais abrangente, a criatividade pode ser definida como o processo mental de criação de novas ideias por indivíduos ou por grupos.

Em primeiro lugar, ser criativo é ter a habilidade de gerar ideias originais e úteis, capazes de solucionar os problemas do dia-a-dia. O Homem, à medida que evolui, vai tendo necessidade de recorrer à criatividade para criar algo de inovador e de transformador. A título de exemplo temos o balão de ar quente inventado em 1783 pelos irmãos Joseph e Elienne Montgolfier, também precursor de outros voos!

Veja-se ainda o caso de estudantes de uma determinada escola que têm um determinado trabalho da disciplina de Português, como este, para realizar. À partida, para além da competência da expressão escrita, terão de recorrer à criatividade, quer tenham de elaborar um texto narrativo, um texto dramático ou um texto lírico para que, no fim, o trabalho atinja os objetivos desejados. Assim, além de serem classificados de acordo com o esforço desenvolvido, ficarão felizes por verem a sua criatividade reconhecida e, quem sabe, emocionados pela divulgação do seu texto.

Pelo exposto, podemos então concluir que o Homem é desafiado, constantemente, a ser criativo, pois o mundo para evoluir precisa de renovação constante e, evidentemente, de algo capaz de criar um impacto positivo na sociedade. E claro, sem esquecer aquele brilhoso nos olhos quando nos dizem "Parabéns pela tua criatividade!", sempre tão relativa, mas eternamente agradável ao nosso ouvido e ao nosso olhar.

Texto 32: A PRESENÇA DOS OUTROS, Teresa Castro, nº17, 12ºD
Data de edição: janeiro de 2012

O ser humano é um ser eminentemente social. A sua existência só tem sentido quando partilhada com outros seres da mesma espécie, pois o homem precisa assim como de respirar, de conviver e trocar experiências com os outros homens.

Indubitavelmente, como afirmou Fernando Savater, "Ninguém chega a tornar-se humano se está só: tornamo-nos humanos uns aos outros", pois o mundo é constituído por pessoas e estas têm que se relacionar, não só por uma questão social, mas, acima de tudo, porque é da natureza humana. Um homem só é uma existência anulada.

De facto, o ser humano não vive sem a presença dos outros. São a razão da sua existência. Em todas as fases da vida, precisamos de alguém que nos acompanhe, que nos apoie, que nos critique, que nos sorria e que nos mime, não desprezando *um sermão*, quando justificado. É assim que evoluímos e que a nossa vida ganha um rumo.

Neste mundo, temos uma missão, para além da de desfrutar o melhor possível da nossa existência: ajudar os mais fracos, respeitar os que nos rodeiam, ser, no verdadeiro sentido do termo, humanos, gerar humanidade. Nunca devemos cair na solidão, nem deixar que ninguém se apodere dela. O voluntariado é uma das formas mais nobres de humanidade; consiste em ajudar alguém sem esperar nada em troca, recebendo apenas algo muito simples, mas gratificante: um sorriso.

Concluindo, a presença dos outros na vida de cada um de nós é fulcral, dado que temos a necessidade de trocar experiências, de conviver, podendo pequenos gestos mudar a vida de alguém.

Texto 33: CONDICIONANTES DO ÊXITO, Marta Rodrigues nº11, 12ºD **Data de edição: janeiro de 2012**

O ser humano debate-se muitas vezes com questões pertinentes como a que se refere ao papel da sorte na sua vida, pois, apesar das qualidades individuais como o "talento pessoal", a sorte também condiciona a vida de cada um.

De facto, o simples ato de apostar no sorteio semanal da lotaria revela uma crença na sorte, na possibilidade de que, após uma aposta em números muitas vezes aleatórios, o apostador seja recompensado. Não poderá ser atribuído ao "otimismo", à inteligência, entre outros, a justificação do facto de alguém ter ganho a lotaria por ter apostado. É puramente uma questão de sorte!

Pelo contrário, não considero uma questão de sorte o facto de um aluno ter passado a *sua vida* a estudar de forma empenhada e ter conquistado excelentes notas. Este êxito não foi conseguido ao acaso, mas graças ao esforço e à perseverança do aluno. Por isso, defendo que esta realização pessoal depende, essencialmente, de diversos fatores como a educação, o empenho, as qualidades naturais como, por exemplo o talento inato, embora, muitas vezes, a palavra *sorte* surja como justificação para a obtenção do êxito, principalmente, pela voz daqueles que não são detentores do sucesso.

Deste modo, posso concluir, que tanto a sorte como diversos outros fatores são determinantes para a obtenção do êxito nas nossas vidas, dependendo da área em que pretendemos ser bem-sucedidos. O sucesso é, pois, condicionado pela personalidade, pela vida, pelas competências de um indivíduo e, também, por questões de sorte, indiferente às qualidades do ser humano.

Texto 34: O GUARDA-CHUVA ESQUECIDO, Ana Isabel Mendes, nº4, 7ºB **Data de edição: janeiro de 2012**

Era uma vez a Dona Amélia, avozinha muito querida, reformada e viúva. Adorava toda a sua família, principalmente os netos que eram os que passavam mais tempo com ela. Ia buscá-los à escola, levá-los à escola, à piscina e ao ballet, entre outras atividades.

À noite, os pais vinham buscá-los. Saíam de casa sempre bem-dispostos, pois já sabiam que, no dia seguinte, a avó teria mais um docinho e muitos mimosinhos.

Um dia, os pais decidiram ir ao cinema e as crianças ficaram com a avó. Estava a chover e um dos netos ficou doente. Mesmo a chover, a avó foi à farmácia buscar uns medicamentos. Passou-se a noite e veio o dia e, como sempre, foi levá-los à escola menos o neto que estava doente; ficou todo o dia a cuidar dele enquanto os pais

trabalhavam. Levou-o ao médico e comprou-lhe muitas guloseimas, mas também comprou para os outros. Entretanto, o neto ficou bem melhor e foram dar um passeio.

Às cinco horas, estavam os dois a sair de casa para ir à escola buscar todas as outras crianças e levar a sua neta mais velha ao ballet e o neto mais novo à piscina. Comeram as guloseimas (que deliciosas que eram!), e os pais vieram buscá-los. No dia seguinte, não houve guloseimas, pois muitas fazem mal. A avó foi levá-los às suas atividades, mas desta vez os pais foram esperá-los, pois saíram mais cedo do trabalho.

Passou-se a noite e depois o dia. Quando D. Amélia ia a passear na rua, caiu e foi imediatamente para o hospital; tinha partido a perna e quase a bacia. Operaram-na e avisaram-na, assim como aos familiares, que teria que ficar no hospital durante semanas. A senhora estava muito preocupada com os netos, apesar de as dores serem imensas.

Na primeira e segunda semanas, os familiares foram visitá-la ao hospital. Contudo, quando lhes disseram que a alta da senhora seria dali a quinze dias, mas que teria que continuar em repouso, nunca lá mais voltaram e ela nunca mais os conseguiu encontrar, porque lhe deram os contactos errados. A senhora ficara só e na sua solidão dissera:

- Tanto me preocupei com eles! Arrisquei a minha vida por eles, fiz-lhes sempre as vontades e, agora, abandonaram-me...

Uma enfermeira passava e falou com a senhora. No fim da conversa, esta exclamou:

- Nunca mais chove!...

- Mas porquê? Todos gostam de dias bonitos como o de hoje – comentou a enfermeira.

- Nunca mais chove para a minha família se lembrar do guarda-chuva esquecido no hospital.

Texto 35: MAR, Ana Sofia Sousa, nº4, 1ºC

Data de edição: janeiro de 2012

Mar, que já me levaste tão longe! Diz-me só mais uma vez... O que ando aqui a fazer? A minha vida era aí, em ti, meu mar. Na altura em que fui marinheiro, era realmente feliz. Ainda existe algo dessa vida em mim, ainda sinto o teu cheiro e, de noite, ainda sonho com as aventuras que já vivi contigo. Sinceramente, ainda hoje não entendo como pude deixar a minha vida de marinheiro! Eu sou teu filho, mar. Tudo em mim é igual a ti. Tudo em mim me faz lembrar de ti!

Mar, diz-me o que fazer. Devo voltar a ti? O que faço deste lado, em terra? Devia estar no meio do oceano e não sentado neste rochedo, no meio de uma praia vazia. As pessoas pensam que sou apenas mais um vagabundo, um sem-abrigo... Mas tu sabes que não, procuro a vida que perdi, quero ser marinheiro outra vez. Por favor, meu mar, faz-me um pouco mais feliz! Dá-me mais luz, mais vontade de viver! Quero voltar a ser marinheiro, é esse o meu sonho, por isso irei lutar por o concretizar. Até breve, meu mar.

Texto 36: AFONSO HENRIQUES VEM À ESPL 1, Artur Cordeiro, nº4, 8ºD

Data de edição: janeiro de 2012

D. Afonso Henriques veio à escola com um cavalo, e quando o porteiro viu aquilo começou logo a correr para a Diretora da escola, para contar tudo. Quando a Diretora soube disso, pensou que o porteiro estava maluco e que era melhor despedi-lo, mas foi lá fora confirmar. Quando ela viu aquilo desmaiou. O porteiro e uma parte dos alunos foram perguntar-lhe:

- Como é que veio cá parar?

Mas ele não respondeu.

- Ah! Tu não falas português? Falas latim! - exclamou o porteiro

Levaram-no lá para dentro, para cuidar das feridas.

A Diretora da escola, quando acordou, ouviu o que se passara, e chamou um professor de latim. D. Afonso Henriques e o professor falaram, e depois é que percebeu que ele saíra de uma guerra e estava no caminho para casa, mas de repente foi parar a este século.

Os alunos e os professores de História ficaram logo a conversar com ele, porque nesse dia a Diretora decidiu não haver aulas.

Veio a televisão à escola, e muitos jornalistas para ver este acontecimento. Ficou-se a saber muito mais desse século, e de D. Afonso Henriques. Ajudaram-no a ficar atualizado, e com roupas novas. Passados muitos anos, D. Afonso Henriques tornou-se uma pessoa como as outras, mas muito conhecida, e com muito dinheiro. Continuou a andar de cavalo nos seus campos, porque isso era uma coisa que ele adorava e nunca vai esquecer-se de fazer.

Texto 37: AFONSO HENRIQUES VEM À ESPL 2, Gonçalo Rodrigues, nº11, 8ºD
Data de edição: janeiro de 2012

Dia 9 de dezembro de 2011, estava eu a entrar na escola quando vejo um cavalo branco a relinchar, com um homem em cima vestido com armadura, escudo e espada.

Pensei: Será carnaval? Não! Estamos em dezembro!! Então, o que será?

Decidi ir perguntar ao homem. Para estar aqui de cavalo branco e armado só pode ser um festival estrangeiro, pensei. Perguntei-lhe em inglês porque é que ele estava aqui e ele olhou para mim de lado e muito espantado com aquilo que eu disse. Depois olhei para ele e ele apontou-me a espada e disse:

- Estais a desafiar-me?

Muito surpreendido, pensei: Ah, português! Já não é um festival estrangeiro, mas mesmo assim o que é que ele estava aqui a fazer?

-Eu ia a caminho para a guerra quando abri uma porta e vim para aqui.

Fomos abrir todas as portas da escola e como era muito cedo não estava quase ninguém na escola. Talvez esteja a sonhar, pensei, mas o pelo do cavalo parecia muito real e a armadura era mesmo fria. Depois de uns minutos a pensar se era real ou era um sonho, cheguei à conclusão que era real pelo o que o cavalo fez e descobri que antigamente (graças ao livro de história) as portas eram enormes parecidas com o portão da escola e também que ele era D. Afonso Henriques. Assim fiz uma experiência.

Fui abrir e fechar o portão da escola com "ele" (o rei) e nada aconteceu. Então cheguei à conclusão que se ele fosse a cavalo, a correr, ele conseguia. Mas esqueci-me de abrir o portão então tivemos de repetir e apareceu o sol a bater-lhe nos olhos dele e do cavalo e foi aí que ele passou o portão e foi para o seu tempo "para a guerra".

Texto 38: AFONSO HENRIQUES VEM À ESPL 3, Luís Azevedo, nº16, 8ºD
Data de edição: janeiro de 2012

Em 2112, Steve Jobs, um adolescente inteligente, viu-se aflito porque tinha que fazer um trabalho para História sobre uma personagem histórica. Decidiu que ia falar de D. Afonso Henriques, um famoso rei português. Mas gerou-se um problema: não sabia nada sobre ele e não encontrava nada que falasse dos reis Portugueses.

Depois de pensar bastante, achou que a melhor solução era criar alguma coisa que lhe permitisse viajar no tempo e que pudesse observar o passado. Experiência atrás de experiência conseguiu criar uma maçã robô que quando a trincava, viajava para um sítio para uma certa data que se estava a pensar.

Lá foi ele para 1150 e como não queria estar lá muito tempo devido às más condições agarrou D. Afonso Henriques e deu uma trinca na maçã só que em vez de pensar em 2112 pensou em 2012 e foi ter a uma escola de Matosinhos chamada Espl.

Steve Jobs viu que, naquele tempo, as pessoas tinham uma tecnologia pouco avançada e decidiu ficar a viver nesse tempo e criar uma empresa de novas tecnologias... Decidiu chamá-la Apple e o símbolo da empresa ser uma maçã trincada, porque essa foi a sua primeira criação.

Enquanto isso, D. Afonso Henriques, vagueava pelo pavilhão A e observava o que ele pensava ser uma grande tecnologia. Era um quadro de pionés...

Texto 39: AFONSO HENRIQUES VEM À ESPL4, Mafalda Rebelo, nº17, 8ºD
Data de edição: janeiro de 2012

Acordei, às oito horas menos um quarto, como normalmente acordo às sextas-feiras. Vesti-me e tomei o pequeno-almoço. Vi um bocadinho de televisão e de seguida saí de casa, em direção à escola.

Meia hora depois passei o meu cartão e segui caminho até ao pavilhão onde iria ter aulas, ou seja, o pavilhão A. Mas quando entrei, reparei numa grande concentração, perto da entrada da biblioteca. Fui rapidamente ver o que se passava, e reparei num conjunto de cinco homens, altos, com bastantes brilhantes na cabeça, que pareciam mais umas coroas. Olhei para o meu lado direito e reparei numa rapariga do 7º ano, que conheço de vista, talvez do buffet ou da cantina, não sei, com o livro de História aberto. Olhei para o livro e voltei a levantar a minha cabeça para os senhores “estranhos”, e fiquei de boca aberta como a rapariga que estava ao meu lado. Fiquei então a saber que se chamava Joana e o senhor que estava no meio, era igual ao do livro... Pedi o livro à rapariga e li que era D. Afonso Henriques!

Depois, da agitação ter diminuído um pouco, reparei que as pessoas se ajoelharam, talvez em modo de cortesia, não sei, mas também me ajoelhei... Passados alguns minutos, ouvi a campainha da escola para entrar para a aula.

D. Afonso Henriques foi à minha aula, e falou-nos sobre uma máquina de tempo: essa era a principal razão por estar ali. Fiquei fascinada, realmente os tempos são diferentes. Como D. Afonso Henriques descreveu, nós temos bastantes regalias e somos bastante stressados. No tempo dele, tudo era mais calmo e a confusão era muito reduzida.

Foi um dia bastante cansativo, mas foi uma experiência muito gira e interessante.

Texto 40: AFONSO HENRIQUES VEM À ESPL 5, Sofia Rodrigues, nº23, 8ºD
Data de edição: janeiro de 2012

Era um dia como os outros na Escola Secundária do Padrão da Légua. Havia várias turmas a ter aulas, como todas as sextas-feiras.

De repente, ouve-se um estrondo e todas as turmas saem fora das suas salas de aula, criando uma grande confusão em volta dos novos desconhecidos. Cá fora entre os pavilhões, dois desconhecidos com vestes de carnaval encontravam-se de espada levantada e olhares muito confusos. Deviam ser familiares, eram bastante parecidos.

Falavam num português primitivo. Chamaram-se as professoras de teatro da escola, mas elas não sabiam de nada. Por sorte, lá se encontrava uma professora de história que os conseguiu entender e sussurrou à diretora da escola:

-Dizem ser D. Afonso Henriques e D. Sancho!

A diretora não soube o que dizer, aquilo não poderia acontecer, ou será que podia!? Pediu à professora de história para lhes perguntar se eram mesmo quem diziam ser, como se encontravam ali e porquê.

Entretanto os funcionários já tinham evacuado os alunos dali e a professora disse:

-Eles continuam a dizer quem são e não gostam que duvidem deles. Também disseram que se encontravam num passeio pela floresta a ter uma conversa, quando de repente vieram aqui parar – disse a apontar para a confusão, que estes tinham causado.

A polícia já tinha sido contactada, e estes tinham acabado de chegar para domar os “doidos mascarados”. Mas quando iam tentar falar com eles, estes com olhares confusos empunharam as espadas e, no seu português, ameaçaram os polícias. Foi difícil mas lá se conseguiu domar os desconhecidos. Mais tarde, os dois acabaram num laboratório experimental, onde lhes era analisado o sangue, o ADN...

Cerca de um ano mais tarde, quando quase se tinha descoberto donde tinham vindo e quem eram, ouve-se um novo estrondo. Eles tinham desaparecido sem deixar rasto e, no seu lugar, tinham deixado uma enorme confusão.

Nunca se chegou a descobrir como é que eles tinham vindo cá parar.



Ilustração baseada nos textos de Afonso Henriques vem à ESPL.
Joana Ferreira, 10ºF

Texto 41: O MEU DIÁRIO, Carolina Silva, nº16, 8ªA
Data de edição: janeiro de 2012

Querido diário,
Quarta-feira, 9 de abril de 2011

Hoje o meu dia suscitou-me a presença da palavra amigo.

É algo que nós usamos frequentemente no nosso dia-a-dia. A sua utilização é tão grande que, por vezes, não nos apercebemos do seu verdadeiro significado.

Afinal, o que quer dizer esta palavra? Para mim um amigo é alguém que está sempre presente em qualquer ocasião, seja boa ou má. É uma pessoa que não deixa de ser nosso amigo, porque não concorda connosco. É alguém que nos aconselha, que nos avisa de todos os obstáculos que poderão surgir e nos ajuda a superá-los. Devolve-nos o sorriso nos dias de tristeza e solidão.

Texto 42: VASCO DA GAMA NO FUTURO, Miguel Carvalho, nº20, 8ºC
Data de edição: janeiro de 2012

Certa manhã, no porto de Lisboa, junto à Torre de Belém, geraram-se vários murmúrios devido ao aparecimento de uma armada.

A multidão que estava no porto viu três enormes barcos e dois submarinos, feitos de aço reforçado com fibras híbridas, rodeados de AK-47 protegidos e vigiados por dez snipers. Alertada pela população, a Marinha de Guerra Portuguesa entrou em contacto com a armada descobrindo que esta pertencia a Vasco da Gama. Por este motivo, o Almirante da Marinha Gervásio da Ponte, pediu reforços deixando a armada de Vasco da Gama encurralada. O navegador explicou que não saía dali, uma vez que pretendia encontrar o tesouro perdido dentro da Torre de Belém. Gervásio da Ponte afirmou que não existia nenhum tesouro na torre. Todavia, Vasco da Gama não acreditou e começou a disparar. A Marinha de guerra Portuguesa ripostou à altura.

A guerra foi longa. Morreram muitos soldados de ambos os lados. Vasco da Gama resolveu regressar ao século XVI e nunca mais voltar ao século XXI.

Texto 43: SUCESSO FÁCIL, Mafalda Fernandes, nº19, 11ªA
Data de edição: janeiro de 2012

Na sociedade actual o sucesso fácil é uma miragem enganadora e perigosa.

Muitas pessoas ligam a felicidade unicamente ao sucesso. Para muitas outras este é viver dignamente tendo o essencial e uma família feliz, como antigamente. Para outros ainda, o sucesso é ter acesso ao luxo, é apenas a valorização do dinheiro e do aspecto material. Pode acontecer o caso do sucesso fácil, sem grande esforço como por exemplo através de heranças, do euro milhões ou da participação em concursos televisivos como reality shows ou voz de Portugal.

Este sucesso fácil é quase sempre pouco duradouro e por vezes também doloroso a partir do momento em que é necessário voltar para trás.

Finalmente, posso concluir que é mais certo e duradouro o sucesso construído com esforço e trabalho. É nele que devemos acreditar porque depende de nós.

Texto 44: REFLEXÕES SOBRE A VIOLÊNCIA ESCOLAR - O BULLYING, 8ºC
Data de edição: janeiro de 2012

O bullying é...

A arrogância de quem quer confrontar o elo mais fraco. **Ana Rita, nº 4**

É a doença psicológica e física que retrata o prazer do agressor e a humilhação da vítima. **André Ribeiro, nº 5 e Daniel, nº11**

É a mágoa de quem quer magoa. **Ana Peixoto, nº 2**
É um ato de covardia em que o agressor tenta ganhar respeito, fazendo com que a vítima seja humilhada. É uma forma agressiva de um entendimento doloroso, arrebatador, devastador e psicológico, enfim, uma tristeza! **João António, nº 16**
É uma ação não aconselhável **André Moita, nº 7**
É um ato de fraqueza perante os elos mais fracos. **Hugo, nº14**
É uma chispa de covardia neste mundo de invejas. **Tiago Silva, nº 22**
É uma das maneiras de, além de diminuir a vítima, diminuir-se a si próprio.
É uma rua de sentido proibido...Pode-se, sempre, ir em frente, mas o melhor é parar e voltar atrás. **Ângelo, nº 9**
É como as pétalas de uma flor, pois ao longo do tempo, quem é afetado deixa cair mais uma pétala. **Inês Daniela, nº15**
É como a ganância - acaba sempre por prejudicar alguém. **Tomás Sampaio, nº25**
É aquele ato cometido por pessoas cuja inteligência é fraca para entenderem que pode ter consequências fatais. É magoar alguém, descarregando a sua vida infernal no pobre inocente sem toca onde se esconder. **Mariana Pinto, nº19**
São dois laços negros entrelaçados em que um representa a violência e o outro a ameaça. **Miguel Carvalho, nº 20**
Num mundo que parece cor-de-rosa, mas na realidade é preto, existem os covardes, porque batem nos mais fracos. **João Gonçalves, nº17**
Covardes são os que se acham superiores, na ausência dos mais fortes. **Sofia, nº21**
As pessoas que agridem outras não têm amor por elas próprias nem pelas vítimas. **João Brito, nº 18**
As pessoas que praticam o bullying são ignorantes ao ponto de pensarem que são superiores àquelas a quem batem, mas na verdade as que toleram esses atos é que são demasiado superiores para responderem. **Tiago Teixeira, nº 24**
As pessoas que se acham fortes, as que maltratam os outros, não conhecem o sentido da amizade. **Tiago Pereira, nº 23**
A vítima de violência, pelo medo e insegurança que sente, sem contar a ninguém que é agredida, sente-se mal, mas o agressor, pela atitude de covardia, de violentar menores e mais fracos, sente-se muito pior. **Diogo Azevedo, nº 12**
Sendo físico, psicológico ou verbal, o bullying é o que, mais tarde, provavelmente, provocará uma mente criminosa.
É a capacidade destruidora da nossa mente. **Cristiana Plastra, nº10**
Queres entreter-te a bater? Atrave-te a pensar se isso te leva a algum lado. **Gonçalo André, nº 13**
Muitas vezes, a vítima sofre sozinha e refugia-se de todos, por medo e vergonha, o que a leva a cometer suicídio.
Por estas e outras razões, devemos dizer **NÃO AO BULLYING!**

Texto 45: AUTO-RETRATO, Jéssica Souza, nº15, 1ºC
Data de edição: janeiro de 2012

Apesar de não ser a primeira vez que tento definir-me, para mim é um pouco difícil pensar, e ainda mais escrever, sobre quem sou, como sou, ou o que penso ser no futuro. Mas acho fantástico as pessoas definirem-se em meia dúzia de palavras, saberem perfeitamente como são, física e moralmente, reconhecerem as suas qualidades e defeitos, imaginarem como reagirão a uma determinada situação. Contudo, como na vida há sempre uma primeira vez, vou começar pela minha identificação.

O meu nome é Jéssica Souza, tenho dezoito anos e sou brasileira. Nasci em Brasília e vim para Portugal com, aproximadamente, sete anos. Para mim não foi muito complicado deixar alguns dos meus familiares, pois vinha encontrar o meu pai, a quem já não via há algum tempo. Como é normal, ou não, num brasileiro, sou morena, tenho olhos castanhos, o meu cabelo é castanho-escuro e meio ondulado. Também sou baixinha, pois herdei a altura da minha mãe e a cor de pele do meu pai. Já agora, tenho uma boa relação com os meus pais e, igualmente, com o resto da minha família.

Sou um pouco ciumenta, tímida e teimosa, bastante séria, orgulhosa e reservada. Alguns destes meus defeitos, infelizmente, acabam por interferir, um pouco, com a minha vida social, o que dificulta, por vezes, conhecer novas pessoas.

Apesar disso, orgulho-me imenso de algumas das minhas qualidades, como a sinceridade, a integridade e a honestidade. Costumo e tento sempre ser uma pessoa justa e correta, não gosto de injustiça nem de hipocrisia.

Para as pessoas que me conhecem, sou bastante brincalhona, engraçada e descontraída. É verdade que não tenho muitos amigos, posso contá-los pelos dedos, mas os que tenho, sei que posso confiar neles.

Texto 46: O MEU RETRATO, Sara Dias, nº20, 1ªA
Data de edição: fevereiro de 2012

Sou uma rapariga de estatura média e elegante, tenho um rosto redondo, olhos castanhos escuros, boca bela e macia, nariz redondo, tom de pele moreno e cabelo curto, encaracolado e castanho-escuro.

Sou amiga, meiga e muito teimosa, quando as coisas não acontecem como quero. Também sou alegre, humilde, às vezes triste com a vida, pois não corre como eu espero.

Na escola, gosto muito de estudar, sou uma rapariga realmente aplicada e empenhada naquilo que faço. Praticar desporto é um dos meus interesses, principalmente futebol. Adoro desafios, gosto quando me levam aos limites, que puxem por mim, porque sabem que sou capaz de fazer mais e melhor. Gosto de conviver com os meus amigos e de ouvir música. Não tenho muitos amigos, tenho mais colegas e conhecidos, mas os meus amigos são verdadeiramente para toda a vida.

Finalmente, não gosto de ver pessoas a sofrer, que vivem na rua, que não têm condições para viver e sobreviver, pois não aceito a injustiça, a pobreza e a indiferença.

Texto 47: INOCÊNCIA, Rosana Mota, nº20, 1ªC
Data de edição: janeiro de 2012

Ao longo da minha infância vivi situações emocionantes e divertidas, mas também situações assustadoras que ainda permanecem na minha memória.

Lembro-me de olhar em redor e ver caras chorosas, ouvir gritos desesperados e apenas sentir medo. Arrastavam-me de um lado para o outro, entretinham-me para que não perguntasse o porquê. Estava amedrontada, apenas seguia quem me puxava.

Levaram-me até uma sala, cheia de conhecidos. No meio, estava um bebé a dormir, parecia alheio ao mundo. Deram-me um ramo de flores e disseram-me para oferecê-lo à senhora mais próxima da criança. Aproximei-me, ofereci-o e sorri, espantada com as lágrimas que corriam pela face dessa senhora.

Acompanharam-me para outro lugar, um sítio calmo e arejado. Estava com um grande sorriso, com a mão na mão da pessoa que me levava. No meio do silêncio, ouvi então uma pergunta: Não estás triste por o nosso priminho ter morrido?

Completamente inocente sobre o que seria a morte, respondi que não. E voltei a sorrir.

Texto 48: SER FELIZ, Ana Cerqueira, nº1, 8ªB
Data de edição: fevereiro de 2012

Ser feliz é...

Ter ao nosso lado as pessoas que mais amamos e que são importantes para nós (Família e Amigos);

Ter uma vida estável a nível económico, social, cultural;

Fazer com que os que nascem sejam felizes, só assim o mundo irá sorrir-nos;

Ultrapassar os obstáculos e os problemas com toda a fé e força do mundo;

Termos sempre aquilo para o qual lutamos, para sermos alguém na vida;

Não cometermos crimes;
Seremos nós próprios e não mudarmos para agradar a alguém especial;
Seremos fiéis ao nosso companheiro/a;
Amar e ser amado;
Seremos honestos, simpáticos, divertidos e etc...
Termos saúde;
Não é fácil sermos felizes com todas estas regras para cumprir, mas, se desistirmos, nunca vamos poder orgulhar-nos de nós próprios e do que fizemos na vida ...

Texto 49: CARTA INFORMAL, Hugo Pires, nº12, 7ªA
Data de edição: janeiro de 2012

Porto, 9 de janeiro de 2012

Caro Asdrubal Joaquim,

Saúdo-te com alegria e espero que estejas tão bem quanto eu.
Hoje vou contar-te uma hilariante aventura que vivi há uns dias atrás: ia eu a passear o Picolim, o meu dragão de estimação novo, quando um duende, com roupas extravagantes e um pouco velho, começou a cantar Duende'n'Roll.

Escusado será dizer, meu amigo Asdrubal, que o duende cantava horrivelmente mal. Digo-te até que se os meus ouvidos pudessem chorar, neste momento teria problemas de desidratação.

Por estranho que te possa parecer, a música do duende também não agradou a Picolim. Este abriu a boca e, em poucos segundos, o palco onde o duende estava a cantar ficou inundado (episódio que me espantou muito, pois normalmente os dragões cospem fogo e não água) ...

...Bem, espero que tenhas gostado da minha aventura.

Anseio por uma resposta.

Um abraço do teu amigo
Vitorino Demézio

Texto 50: FESTA DE ANIVERSÁRIO, Francisca Pereira nº3, Raquel Castro nº13, Joana Ramalho nº8, Matilde Vinhais nº10, 7º D
Data de edição: fevereiro de 2012

No dia 1 de outubro festejamos o 12º aniversário da nossa amiga Joana, que para celebrar o seu dia de anos fez uma festa de pijama para a qual convidou todos os seus amigos: o Nuno e a sua irmã Sofia, a Francisca, a Raquel, a Carolina, a Matilde e a Inês, apesar de ela não ter estado presente. Também convidou a sua família, com destaque para os seus primos Diogo e Catarina. Nesse dia estava muito calor, e parecia ser um dia de Verão apesar de já ser Outono.

Quando chegaram todos os convidados, estivemos a jogar cartas e a ouvir música. A Joana abriu logo as prendas. Da Francisca recebeu uma camisola e um casaco, da Raquel um pijama, da Carolina um livro, da Matilde um suporte de fotografias, da Sofia e do Nuno uma camisola, da prima Catarina uma blusa e do seu primo Diogo uma vale de oferta em roupa, entres outras.

De seguida, tivemos a ideia de jogar ao jogo dos batons (uma de nós era vendada e tinha que pintar o seu par com batom vermelho), foi muito divertido e quando vimos os resultados assustamo-nos. Depois jogamos ao quarto escuro.

Lá mais para a noitinha, fomos jantar e a mesa estava muito bem enfeitada de comida deliciosa. Alguns amigos foram para o jardim pregar partidas às três colegas que estavam a arrumar o quarto. Passado algum tempo viemos para casa e vestimos os pijamas e de seguida, fizemos uma guerra de almofadas. Entretanto, cantamos os parabéns, o bolo estava numa estrutura de três andares, no primeiro e segundo andar estavam *cupcakes* com carinhas de meninas e enfeites de uma festa de pijama e no

terceiro andar estava um bolo a dizer *pijama party*. Depois fomos ver o filme *Entrelaçados*. Quando acabamos de ver o filme já passava das três da manhã. A mãe da Joana disse para irmos dormir, porque já era tarde, mas em apenas 10 minutos levantamo-nos todas e fomos para a varanda comer e só acabamos por adormecer por volta das quatro da manhã.

Os momentos mais cómicos foram quando a Raquel, a Matilde e a Francisca estavam deitadas na cama e, de repente, a cama partiu. O segundo momento foi no jogo do quarto escuro: o Diogo tinha-se escondido na parte de cima do armário e quando foi para sair de lá, caiu em cima da Carolina.

Por último, o mais "grave" foi quando a mãe da Joana acordou com o som dos copos a partirem-se na varanda, pois nós tínhamo-nos esquecido deles lá.

Quanto a mim, a aniversariante, gostei imenso da minha festa e adorava que se repetisse na companhia dos meus amigos, dos meus familiares, dado que vivi este dia com muita felicidade, alegria e presentes.

Texto 51: UM DIA ESPECIAL, Hugo Filipe Machado, nº6, 7ºD **Data de edição: fevereiro de 2012**

O meu décimo segundo aniversário foi diferente de todos os outros. De manhã, saí de casa muito contente, pois era o dia da apresentação e a escola era nova. Ouvi as principais regras de conduta e fizeram-me uma visita guiada pela escola.

Quando cheguei a casa, almocei com a minha mãe e fui para o hospital, onde o meu irmão estava internado. Quando chegamos ele estava a acabar de almoçar e o pai estava a fazer-lhe companhia. Voltei para casa e a minha mãe, mal acabou as suas tarefas domésticas, avisou-me que ia trocar com o meu pai, ou seja, o meu pai vinha para casa e a minha mãe ia fazer companhia ao Daniel, o meu irmão. Estive, por isso, meia hora sozinho em casa. Enquanto o tempo passava e não passava, fui folheando os cadernos, joguei computador e vi televisão.

À noite, jantei com o meu pai e acabei por adormecer a ver televisão com ele a fazer-me companhia, no seu quarto.

Ainda posso acrescentar que os meus anos só foram festejados duas semanas depois, com a família reunida a cantar-me os parabéns com as duas velas acesas. Curiosamente, o dia do meu aniversário não passou de um dia igual aos outros, mas eu senti-me muito feliz, porque o que importa não é a o dia mas a magia de se viver.

Texto 52: OS PORTUGUESES, Juliana Cardinal, nº13, 2ºA **Data de edição: fevereiro de 2012**

Os Portugueses apresentam pormenores de diversas índoles nos seus traços característicos.

Tomemos o exemplo do aspeto físico. Se olharmos com atenção, notamos que são parecidos com os espanhóis e/ou com os franceses, pois têm uma origem latina. A pele morena, o cabelo escuro e a estatura mediana, parecem ser os elementos que compõem o retrato do português comum. No entanto, não se trata de uma marca apenas física, mas, sobretudo cultural e é esta que identifica um povo: os seus hábitos, costumes e tradições. Neste caso, o que nos difere dos outros povos é a nossa cultura, os nossos traços e "manias", pois o olhar para um povo não se pode limitar a traços racionais ou étnicos, é muito mais do que isso.

Em Portugal, no Verão, em vez de levarmos sandes ou almoçarmos num restaurante à beira da praia, vamos carregados com pequenas arcas congeladoras, com cerveja, sumos e fruta, e sacos com frango, batatas fritas ou *pizzas*. Na época do Natal, os *shoppings* enchem-se de pessoas que têm de comprar as prendas que faltam à última da hora, por um preço muito elevado, apesar de terem de poupar e como deixam sempre tudo para a última hora, não encontrando o que querem, pegam no que lhes aparece em primeiro lugar e rezam para que a pessoa goste.

Outras das características do português típico é a sua forte resistência às práticas ecológicas. Apesar de ouvirmos que temos de reciclar e não atirar lixo para o chão, quando temos um papel na mão ou o caroço de uma maçã e não vemos um caixote do lixo perto, a primeira coisa que fazemos é atirar para um jardim ou para debaixo de algo. Então, se formos dentro do carro, é só ver o lixo pela janela fora, levado pelo vento. Para além deste comportamento lamentável, há ainda aqueles portugueses que nunca chegam a horas e quando dizem que estão a chegar, ainda nem saíram de casa. Passam os anos a reclamar do estado, mas quando chega a hora de irem votar, muitos não vão e os outros votam no partido do qual reclamaram. Será que estas características fazem do povo português um retrato negativo e fatalmente incorrigível?

Bem, mas uma coisa é certa, também temos qualidades e muitas: somos simples, hospitaleiros e muito protetores e apesar de tudo estamos aqui num cantinho da Velha Europa a lutar pelo nosso lugar e eu não resisto ao facto de querer continuar a ser portuguesa por convicção e por amor!

Texto 53: CRISE E SOLIDARIEDADE, Júlio Portela, nº13, 11ºB
Data de edição: janeiro de 2012

Atualmente o nosso país e o mundo atravessam um período de crise. Na verdade, essa crise é mais uma crise económica do que uma crise de valores.

Podemos afirmar que, quando ocorrem catástrofes naturais, como no Japão, no Haiti, na Madeira, todas as pessoas se unem e demonstram solidariedade e espírito de entreatajuda. Para além deste, temos um outro exemplo, a recolha anual de alimentos organizada pelo Banco Alimentar. Sabendo que existem milhares de pessoas que todos os dias passam fome em Portugal, os portugueses aderem em massa a este tipo de campanhas. Apesar do período de crise económica em que vivemos, os portugueses são capazes de ser humildes e solidários, ajudando os que mais necessitam, dando um pouco de si. Por outro lado, é certo que existe o grande problema de casos frequentes de corrupção e desonestidade, porquanto existem pessoas que não olham a meios para atingirem os seus fins egoístas.

Em suma, apesar de haver muitas pessoas desonestas, corruptas... a maioria é capaz de se unir e de ajudar aqueles que mais precisam, demonstrando que, apesar de todas as dificuldades, ainda não existe verdadeiramente uma crise de valores.

Texto 54: UMA VIAGEM INESQUECÍVEL, Hugo Machado, nº11, 7ºD
Data de edição: fevereiro de 2012

Num dia de férias ia a um sítio que não posso revelar. Acordei super contente e, ao abrir a janela, tudo o que tinha em mente foi por água abaixo. Estavam no céu nuvens grandes e castanhas, meias escuras e até cinzentas. Chovia a potes e mal se conseguia andar na estrada. O meu irmão adormeceu logo assim que se sentou na sua cadeirinha. Íamos de carro e eu não sabia qual era o destino, mas a minha mãe tinha dito que parecia um conto de fadas, ao tentar arranjar consolação por causa da chuva e já com algum nevoeiro, adormeci.

Horas mais tarde, acordei com o meu irmão a puxar-me pelo braço. Estava o sol a brilhar intensamente, espantoso depois da chuva. Saí do carro e juntei-me à toalha de piquenique que tinha vista para um enorme Aquaparque, onde depois de termos feito a digestão, impacientes por entrar na água, relembro a diversão que houve, desde o primeiro escorrega, onde o meu pai e o meu irmão ficaram: atrás do cogumelo, a descer o escorrega, a jogar às bóias, entre outros. Já eu e a minha mãe fomos para um escorrega que estava cheio de curvas e tive uma surpresa/susto, porque ia muito depressa. Foi uma coisa inesquecível. Depois da minha mãe ter ido para junto do Daniel e o meu pai para a minha beira, fui a sítios melhores, mas também mais arriscados. O meu pai apanhou-me no "Escorrega de Velocidade", para me abrandar.

Foi um dia de imensa brincadeira até os últimos raios de sol desaparecerem por detrás do arco-íris que se via à distância, agora com as nuvens mais branquinhas.

Texto 55: O REINO DAS MAÇÃS, Pedro Dias Meireles, nº19, 7ºE
Data de edição: fevereiro de 2012

Era uma vez um rei e uma rainha que há muito, muito tempo atrás, viviam num castelo das maçãs, numa floresta longínqua.

Um dia, a rainha adoeceu. O rei, muito preocupado, foi ter com uma bruxa a pedir-lhe ajuda, mas ela disse:

- Não o ajudo!

O rei, zangado, expulsou-a do reino, mas a bruxa lançou um feitiço à rainha, dizendo:

-A rainha só se salvará com uma flor raríssima.

O rei procurou, mas não encontrou e decidiu ir a um Mago. Ele ajudou-o, dizendo:

- A flor que procuras para salvá-la está num castelo abandonado com muitas armadilhas e quando passares por todas elas, vais encontrar um cofre com a flor lá dentro e será essa que tens que trazer para a tua mulher.

- Eu vou já buscá-la.

Muito corajoso, foi até ao castelo, conseguiu passar por todas as armadilhas e finalmente encontrou a planta que salvaria a sua mulher.

Foi para o seu reino, a rainha ficou melhor e viveram felizes para sempre.

Texto 56: NO MAR DAS SEREIAS, Carlos Jorge Gomes, nº12, 7ºC
Data de edição: fevereiro de 2012

Era uma vez, num mar chamado "Mar das Sereias", uma pequena sereia chamada Safira. Esta adorava dançar com um famoso grupo de dança daquele mar e invejava todos os seus habitantes mas pelo bom sentido, excepto uma medonha raia a quem apelidavam de "Grande Raia dos Mares".

A raia atormentava a harmonia do Mar das Sereias porque tinha uma inveja terrível de Safira. A razão de tal inveja e ódio era o facto de Safira dançar espetacularmente bem e de ser tão popular por aquelas paragens. A sereia era bondosa, alegre e linda de morrer, ao contrário da Grande Raia dos Mares, que era feia, malfazeja, estava sempre "de trombas" e de mal com a vida, pelo facto de todos a acharem tão diferente de Safira, para pior, e por isso queria-lhe muito mal ao ponto de a querer matar.

Passados dias, houve um baile, cheio de luzes, cor, movimento, muita vida e tubarões, baleias, golfinhos, polvos, peixinhos, caranguejos, conchas... tudo devidamente a postos para a festa mas, adivinhem quem apareceu para estragar tudo: a Grande Raia dos Mares.

Todos ficaram de boca aberta a olhar para aquela imponência que nunca antes tinham visto, perplexos à sua chegada. Tentando ser subtil, o que não conseguiu ser, sentou-se na plateia e, silenciosamente, assistiu ao baile. Já sentada, a Raia começou a engendrar um plano para matar Safira. Após muito pensar, fez-se luz na sua cabeça. A Raia tinha tido a ideia de montar uma ratoeira com um colar que havia outrora roubado e de que Safira gostava muito. Fingindo que se dirigia à casa de banho, foi montar a tal ratoeira com a ajuda dos seus guardas e colocou-se estrategicamente num cantinho da pista de dança. Durante o baile, quando a sereia viu o colar, parou o que estava a fazer e nadou imediatamente para o ir buscar. Quando o ia retirar, TRAAASSS !!!

- Socorro, socorro, socorro!!! – choramingou Safira, cheia de dores.

Todos quiseram ajudá-la, mas não conseguiram, porque os guardas da Raia não permitiram. Safira perdeu imenso sangue porque durante muito tempo ninguém a pôde socorrer. O que a salvou foi o seu anjo protetor que lhe havia lançado um feitiço para a curar. Depois de ver Safira curada, a Raia ficou furiosa e rematou:

- Como é possível eu não ver o sangue derramar-se na tua mão? Isto não fica assim!

- Mas afinal o que queres de mim? Que mal te fiz? – questionou Safira, intrigada.

A Raia saiu do espetáculo sem responder, emproada e arrogante. No fim, muitos se dirigiam a Safira para a elogiar. O problema é que à volta da sala existiam janelas que permitiram à Raia andar "à coca" do que se falava dentro da sala.

Como o anjo protetor de Safira sabia de tudo o que se passava à sua volta, dirigiu-se a ela e engendrou um plano para acabar com a Raia que parecia nunca querer largar a

inofensiva sereia. Depois de muito pensarem, eis a solução. A sua ideia foi mandar homens disfarçados de carteiros que lhe iriam entregar uma caixa com um mapa indicando um caminho para a gruta onde vivia Safira. Esse mapa tinha debaixo uma mensagem na qual Safira afirmava e assumia que estava rendida à Raia e que queria morrer na sua gruta. Perante tamanha ilusão por parte da Raia, assim aconteceu. Logo que a Raia recebeu o enviado, foi a correr para a gruta da pequena Safira e quando lá chegou, todos dispararam na sua direção e a Raia finalmente sucumbiu.

O feitiço virou-se contra o feiticeiro e tudo acabou bem não só para a Raia mas também para todos os habitantes do "Mar das Sereias".

Texto 57: O CANGURU ASSASSINO, Nuno Felisberto, nº18, 7ºE
Data de edição: fevereiro de 2012

Há centenas de anos, uma princesa, um príncipe, um rei e uma rainha, viveram na Austrália, a terra dos cangurus. Eles viviam muito felizes no seu palácio.

Porém, numa gruta habitava um canguru gigante que comia as pessoas da aldeia, mas só as que o incomodavam.

- O que vamos nós fazer?! – gritou com aflição a rainha.

Na torre mais alta do palácio, estava a única faca que podia fazer o canguru encolher. Quando lhe acontecesse essa transformação, não faria mal a uma mosca.

- Nós vamos detê-lo! – afirmaram o príncipe e a princesa.

O canguru cada vez matava mais pessoas e, para ir em busca da faca, havia muitas armadilhas, mas os príncipes conseguiram apanhá-la.

Quando chegaram à gruta, espetaram a faca no coração do canguru. Entretanto, repararam que ele começava a diminuir e os príncipes abraçaram-se.

- Conseguimos, conseguimos!! – festejaram eles com alegria.

No fim, o rei decidiu ter o canguru como animal de estimação da família real.

Todos juntos, e sem mortes, a família real viveu feliz para sempre.

Texto 58: O SALVAMENTO DO REI, Ricardo Machado, nº22, 7ºE
Data de edição: fevereiro de 2012

Há muito tempo atrás, existia um palácio assombrado onde vivia um rei muito mau e a sua mulher muito bela e bonita.

Num dia de trovoada, o rei disse:

- Cavaleiro, vai à floresta buscar-me lenha e frutos.

- Com esta chuva e trovoada, meu rei?

- Sim, qual é o problema, tens medo?

- Não, mas da floresta, quem não tem? Está bem, eu irei, meu rei!

Mas, quando o Cavaleiro estava a sair, apareceu um terrível dragão que disse:

- Onde está a Rainha?

- Não posso dizer, eu amo-a!

- Se não disseres, eu mato-te!

- Pergunta ao rei, que ele diz a resposta.

O dragão foi ter com o rei e perguntou-lhe onde estava a rainha, e que se não dissesse onde estava, comia-o. Então o rei acabou por dizer porque não queria morrer e também não gostava dela.

Mas havia um problema, pois o Cavaleiro gostava muito da rainha e não queria que o dragão a levasse. Teve uma ideia: arranjou um cavalo com uma corda e disse à rainha:

- Rainha, venha comigo, está cá um dragão que a quer levar!

- Sempre sonhei com este momento. – respondeu a rainha. E beijou-o.

- Rainha, agora não temos tempo, vamos!

Lá foram os dois, fugindo do Palácio, daquele rei e do dragão, num cavalo branco até ao Paraíso e foram felizes para sempre.

Texto 59: OS PRÍNCIPES, Caroline Marchi Dantas, nº4, 7ºE
Data de edição: fevereiro de 2012

Há muito tempo, num reino distante, havia dois príncipes: um era bom e o outro mau. O rei estava muito doente, tinha pouco tempo de vida e então disse ao seu filho bom:

- Meu filho, quero que me sucedas.

O príncipe mau, ouvindo o pai, ficou revoltado. Pediu a uma bruxa para o ensinar a fazer um feitiço que transformasse uma pessoa responsável em irresponsável.

- Eu ensino-te, mas o feitiço pode quebrar se for mal feito!

- Não interessa, eu quero o feitiço - disse o príncipe mau.

Na noite seguinte, o príncipe mau fez o feitiço contra o seu irmão. O príncipe bom, na manhã seguinte, não queria fazer nada, só dormir, nem dava ordens ao exército.

- O príncipe (bom) não está bem, ele sempre foi mais responsável do que o seu irmão! - disse um feiticeiro, amigo do príncipe.

O príncipe estava a falar sozinho, a recordar o feitiço que fizera contra o seu irmão. O feiticeiro ouviu e percebeu que não era habitual o príncipe bom estar assim. Foi ter com o príncipe bom, fez-lhe um contra feitiço, e explicou-lhe o que o seu irmão fizera.

O príncipe bom compreendeu e perdoou o irmão.

- Meu irmão, queres governar o reino comigo? - perguntou o príncipe bom.

- Claro, meu irmão! - respondeu rapidamente o príncipe mau.

- Mas há uma condição, nunca mais podes fazer o que fizeste! - disse o príncipe bom.

O príncipe mau aceitou a proposta e o reino voltou a ser um reino feliz.

Texto 60: UM CASAMENTO FORÇADO, Inês Sofia Morais, nº10, 7ºE
Data de edição: fevereiro de 2012

Era uma vez, num reino longínquo, um rei e uma rainha que se amavam muito e governavam o reino com justiça. Desse amor, nasceu uma linda menina com cabelos loiros como os grandes campos de trigo e olhos azuis como a água. A princesa cresceu e quanto mais crescia, mais bonita ficava.

Mas, numa trágica guerra, o rei morreu e, por consequência, o reino caiu na miséria. A rainha não podia ficar com o trono mas, por amor ao seu rei, jurara que nunca mais se casaria com nenhum homem. A única solução era a princesa casar com o príncipe do reino vizinho. Era um homem velho e malcriado, que só se preocupava com o dinheiro. O seu reino também tinha caído na miséria, não por falta de dinheiro, mas pelo facto de ser mal governado e, agora, ele também queria governar o reino da princesa. Esta não queria casar com o velho, mas sabia que tinha de ajudar os seus súbditos e disse à mãe:

- Mãe, eu não quero casar, pois estou apaixonada por outra pessoa, mas vou cumprir.

A rainha, vendo que o reino poderia cair na miséria, disse:

- Minha querida filha, tem de se esquecer já desse amor. Se não, o jovem por quem a menina está apaixonada, irá sofrer. E agora prepare-se, porque o seu noivo está a chegar e não quer fazer figuras à frente dele, pois não?! - perguntou a rainha.

Sabendo disso, o pobre vassalo falou com a princesa e disse-lhe:

- Eu vou lutar por ti, minha princesa, vou lutar até morrer.

Mas quando o príncipe soube, mandou os seus guardas levar o vassalo para outro reino, fecharem-no numa masmorra e que nunca mais visse a luz do dia.

Os preparativos para o casamento começaram e a princesa estava tão triste que os seus cabelos loiros tinham ficado negros como o carvão, só pensava no seu amado.

Na masmorra, o vassalo gritava e finalmente alguém o ouviu. Era um pastor que o libertou e lhe deu um burro, guiando-o até à sua princesa. Quando lá chegou, o vassalo desafiou o príncipe a combater com ele e disse-lhe:

- Quem ganhar, casa com a princesa.

E por causa de um anjo da guarda, o vassalo venceu e casou com a princesa. Esta descobriu muitos cristais numa gruta que, quando vendidos, rendiam uma fortuna. Com a dívida do reino paga, eles viveram felizes para sempre. A moral desta história é que não se deve julgar as pessoas pela aparência.



Ilustração do texto 60 "Um Casamento Forçado"
Joana Ferreira, 10ºF

Texto 61: UM OGRE E UMA RAINHA, João Vítor Pinto, nº19, 7ºC
Data de edição: fevereiro de 2012

Na altura da Idade Média, um ogre e uma rainha moravam numa casa pequena, junto a uma enorme floresta. Eram felizes, os dois.

Um dia, a rainha decidiu ir dar um passeio até à floresta. Aí, olhou para todas as árvores e animais que lhe apareciam pela frente e imaginava ser um deles. Até que ouviu uns passos que a amedrontaram...

- Que queres de mim? – perguntou a rainha a um homem encapuçado, todo vestido de preto, que a agarrava com um ar bastante assustador.

- Não reclames e anda comigo. – disse o homem em tom alto.

A rainha viu, então, que tinha sido raptada.

O ogre, que a esperava, estranhou a demora e foi à sua procura pela floresta.

- Onde estás...? Onde estás...? – gritava repetidamente o ogre, até que ouviu uma voz feminina chamar por ele. Decidiu então seguir essa voz e descobriu a rainha presa dentro de uma jaula. Desafiou o seu raptor para uma batalha.

- Desafio-te para uma batalha e se eu ganhar, tu soltas a rainha!

No dia da batalha, o milagre aconteceu. O ogre ganhou ao raptor e viveu feliz junto da sua nobre e bela rainha e dos seus dois filhos, que mais tarde nasceram.

Texto 62: UMA VIDA COMPLICADA, Inês Ferreira Marques, nº17, 7ºC
Data de edição: fevereiro de 2012

Num reino longínquo, nasceu uma princesa a quem os reis deram o nome de Filipa. Pouco tempo depois de nascer, a rainha faleceu com uma doença. O rei casou-se com uma rainha do país vizinho que já tinha ficado viúva havia dois anos.

No dia do casamento do pai, a princesa Filipa fazia quatro anos e todas as atenções se dirigiram para a princesinha. A madrasta, como não gostou do que se tinha passado, desde essa altura que invejava a princesa em tudo o que ela fazia.

Quando a princesa fez dezasseis anos, a madrasta raptou-a e levou-a para uma casa abandonada no meio da floresta. Quando deram pela falta da princesa, avisaram o rei:

- A princesa ainda não está no palácio e já é hora do jantar - disse o chefe dos soldados.

- Ela deve andar por aí, ela passa a vida fora do palácio - disse a madrasta

O rei foi falar com o seu fiel e bom amigo, o guarda do palácio:

- Não viu a minha filha?

- Sim, vi, ela foi com a rainha, mas não regressou. - disse o guarda.

O rei foi falar com a rainha mas, claro, que ela desmentiu tudo. Como o rei não ficou muito convencido do que ela dissera, mandou os guardas seguirem a rainha.

Ora, uma vez, enquanto a rainha saía do palácio, os guardas não deram por nada. Mas um príncipe, que estava em viagem, seguiu-a, pois ouviu-a falar baixinho sobre uma princesa que estava presa. Quando a rainha saiu da casa abandonada, o príncipe entrou e libertou a princesa. Foi depois avisar o rei que aquela rainha tinha raptado a filha.

O rei mandou-a prender e deixou o príncipe casar com a sua filha.

Eles casaram-se e foram felizes para sempre.

Texto 63: APONTAMENTO DE UMA VIAGEM, Inês Guimarães, nº15, 8ºE
Data de edição: fevereiro de 2012

Quando fui pela primeira vez a Lisboa tinha 5 anos. Era uma viagem de finalistas e eu e os meus colegas fomos ao oceanário. À entrada, deram-nos um folheto e o guia explicou-nos tudo. Nessa altura, o filme NEMO tinha estreado nos cinemas e o guia mostrou-nos como era a vida debaixo de água. Vimos os tubarões, os peixes... e em cada sítio onde passávamos, estavam identificados os nomes e as origens de cada espécie. Dormimos numa quinta Fomos almoçar ao *Macdonald's* e, de seguida, visitámos o Museu da Ciência. Eu adorei essa viagem, apesar de nessa noite ter ficado doente.

Texto 64: FREI LUÍS DE SOUSA, Rui Silva, nº22, 11ºC
Data de edição: fevereiro de 2012

Ao longo da leitura de *Frei Luis de Sousa*, vamo-nos apercebendo que esta obra não contém muita ação, no sentido mais comum do termo. Mas existindo pouca ação o que será que nos prende ao texto? De onde virá o seu interesse?

Uma das personagens mais perturbantes é Madalena. Esta personagem vive constantemente com medo do passado e do seu regresso. Já Telmo contrasta completamente com Madalena, sendo o seu maior desejo o regresso do passado e do seu amo. Telmo está constantemente com agouros sobre o retorno de D.João de Portugal, o que perturba e magoa bastante Madalena, que pressente a tragédia a aproximar-se.

Maria, filha de Madalena, também pressente a aproximação de uma tragédia, embora não saiba qual. Maria sofre de tuberculose e é filha ilegítima (embora também não o saiba), factos que causam grande transtorno aos seus pais.

Nesta obra, apesar de em minoria, também há cenas de ação (no sentido mais comum do termo) nomeadamente a cena do incêndio e a cena da morte de Maria.

Para concluir, penso que com todos estes exemplos de personagens em conflito psicológico, fica claro que a verdadeira ação dramática se passa no interior das personagens, convertendo-se, por vezes, em momentos de grande ação física, por exemplo quando Manuel incendeia a sua própria casa devido ao seu patriotismo e honra.

Texto 65: FREI LUÍS DE SOUSA, Mariana Oliveira, nº16, 11ºC
Data de edição: fevereiro de 2012

Na peça *Frei Luís de Sousa*, o núcleo de personagens é restrito. Aquando da sua leitura ou visualização, o desenrolar da ação é rápido. Contudo, poucos são os momentos com ações realizadas pelas personagens. Sendo assim, como se desenvolverá este drama? Entre as ações com mais relevo estão: o incêndio na casa de Manuel Coutinho onde o seu retrato é queimado, a chegada e reconhecimento do Romeiro e a morte de Maria. Embora estas ações sejam dramáticas, é a atitude das personagens que as torna trágicas.

Sigamos como exemplo D Madalena que é uma personagem em constante conflito interior. D. Madalena receia o passado como ninguém, sendo que a ideia de poder perder Manuel e Maria a aterrorizam, assim como ao público. No fim da peça, o sentimento de pena surge quando isso mesmo acontece. Quanto a Maria, uma jovem inocente que luta constantemente pelo passado sem compreender o seu peso, morre em palco. Frágil, não escapa ao fim trágico. E o Romeiro, afastado pelas pessoas que amava?

Na minha opinião, é óbvio que a emoção da ação dramática está totalmente centrada nas personagens, no seu interior e nos conflitos que estas vivem.

Texto 66: SINTO, Susana Sousa, nº25, 12ºA
Data de edição: janeiro de 2012

Hoje não sei o que escrever. Já rasguei duas folhas e preparo-me para rasgar a terceira.

Hoje só sinto, não consigo escrever, não consigo pensar, não consigo fazer nada, a não ser sentir.

E sinto desconforto, sinto tristeza. Sinto e não sei expressar o que sinto. Acho que sinto demasiado e é demasiadamente complicado isto que sinto.

Tudo me faz sentir algo e esse algo faz-me sentir a tua falta. Talvez, porque hoje, a única pessoa capaz de fazer com que deixasse de sentir isto que sinto, eras tu.

Texto 67: A PROPÓSITO DO P. ANTÓNIO VIEIRA, Miguel Sousa, nº13, 11ºB
Data de edição: janeiro de 2012

Os valores no século XXI são bem diferentes dos valores que imperavam no tempo do Padre António Vieira. Os valores da justiça social, da solidariedade e da caridade, tão discutidos neste século XXI, eram quase nulos no século XVII, no tempo do "Sermão de Santo António aos Peixes".

Hoje em dia, apesar dos tempos difíceis que atravessamos, as pessoas têm vindo a contribuir para associações que apoiam causas nobres, como por exemplo, auxiliar crianças abandonadas ou intervir na luta contra a fome e contra a exclusão social. Há muitas associações e há muitos voluntários em causas nobres.

Pelo contrário, no século do Sermão (XVII) o que interessava era se havia ou não escravos para trabalharem nos engenhos de açúcar ou nas minas do Brasil, produzindo avultados lucros para os grandes senhores, os colonos do Maranhão, numa exploração denunciada pelo Padre António Vieira. Em consequência, a caridade era quase nula.

A justiça social, baseada na igualdade de direitos, também é outro dos valores a que se dá mais importância no século XXI. Antigamente, os negros eram vendidos como trabalhadores escravos, sendo explorados até à morte. Nos dias de hoje, são os próprios países com um passado colonialista, como Portugal e Espanha, entre muitos outros, que apoiam iniciativas de desenvolvimento nos países africanos, como a construção de escolas e de hospitais, criando assim uma maior justiça social por todo o mundo. Mas, apesar desta evolução em relação a alguns valores do século do Sermão, há outros que ainda não estão muito interiorizados pelas pessoas, como a honestidade, pois vivemos num mundo de interesses e de ambições egoístas.

Concluo, então, que os nossos valores estão a progredir para um caminho certo, que os valores têm evoluído ao longo do tempo, mas ainda há muito por fazer, para construirmos uma sociedade mais verdadeira e mais justa.

Texto 68: MITOS, Paulino Garcia, nº19, 12ºC
Data de edição: fevereiro de 2012

A sociedade contemporânea vive de mitos. Olhamos para eles como modelos a seguir, exemplos a tomar. Todas as culturas têm os seus mitos e, por isso, falar em mitos de um povo, é falar na sua cultura entrelaçada com a sua história.

Portugal, há cinco centenas de anos, era governado por um jovem rei. Tudo era promissor: a terra era próspera, a nação tinha um jovem soberano a guiá-la. Tínhamos o símbolo da esperança, a juventude a liderar o nosso país. Esta, porém, não traz só benefícios. Acontece que o nosso "reizinho" era não só impetuoso como também, diriam alguns, certamente não muitos e certamente não por alto, arrogante. Inspirado pelos feitos dos seus antecessores, o nosso jovem D. Sebastião decide levar a luta a território mouro. Decisão prudente ou não, estava tomada. O exército luso lutou valorosamente contra o inimigo, mas de pouco lhe valeu. O jovem rei era tão versado em diplomacia como na arte da guerra e, se este confronto fosse apenas uma mera troca de palavras, D. Sebastião não teria a capacidade de manter a coerência do seu discurso. Infelizmente, o nosso campeão foi capturado por mãos bem mais severas e experientes do que as dele e, até hoje, ainda não ouvimos nada nem de um, nem do outro. O rei de Portugal é dado como morto e toda a esperança que nele residia se desvaneceu, juntamente com outras figuras que lutaram nesse campo enevoado, onde tal fatalidade se deu.

Portugal ainda hoje espera por ele. Sempre que o tempo escurece e uma névoa se forma, ainda há quem espere pelo sorriso jovem e desafiador de D. Sebastião. Por muito que queiramos a sua chegada ou sintamos indiferença relativamente ao que aconteceu há quinhentos anos, o mito do Sebastianismo está bem vincado na cultura portuguesa.

TIAGO NOGUEIRA
Nº 16 | 12º E

“Quando as crianças brincam
E eu as ouço brincar,
Qualquer coisa em minha alma
Começa a se alegrar.

E toda aquela infância
Que não tive me vem,
Numa onda de alegria
Que não foi de ninguém.

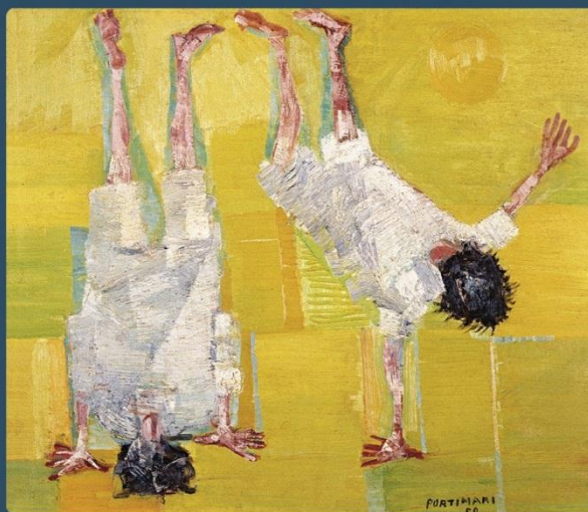
Se quem fui é enigma,
E quem serei visão,
Quem sou ao menos sinto
Isto no meu coração ”

Fernando Pessoa
(ortónimo)



Análise da imagem /
relação com o poema

APRESENTAÇÃO ORAL



“Brincadeiras de criança”
Cândido Portinari

A razão pela qual esta foi a imagem escolhida não podia ser mais simples. Estão representadas, na obra, duas crianças a fazer o pino.

A imagem é bastante simples, um reflexo da simplicidade da infância, tempos sem complicações de maior, onde exploramos, descobrimos, viramos tudo de cabeça para baixo.

Daí o significado do pino.

A imagem não tem um espaço físico como fundo, mas antes uma mistura alegre de cores que nos fazem lembrar um dia de verão.

Tudo nesta imagem transmite simplicidade, desde o seu pano de fundo aos “não-pormenores” das crianças. E, no entanto, consegue-nos transmitir uma ideia de tranquilidade, despreocupação e liberdade. É também isto que Pessoa procura nas recordações da sua infância.

Procura refugiar-se em tempos onde a despreocupação falava mais alto que a razão, tempos em que, inconscientemente, era feliz.

Texto 70: O MEDO, Joana Lobão, nº11, 10°C
Data de edição: fevereiro de 2012

Algo com que os humanos têm dificuldade em lidar é com os seus muitos e variados medos. As pessoas têm medo do ridículo, de minúsculos animais e até de sentimentos profundos.

O medo da rejeição, das alturas, de sentir, do escuro, de aranhas, o medo de tentar ou até amar são confrontos complicados para diversas pessoas. Para alguns, poderão ser medos sem contexto, piegas ou exagerados, mas todo e qualquer medo tem a sua razão de existir. Por vezes, o medo prejudica a maneira de agir, de ser ou de ver o que nos rodeia; interfere no grau de independência, nas relações sociais, na autoestima. Estes medos podem dominar quem os sofre, pois são delicados de resolver. Para os superar, é necessário uma grande força de vontade e uma grande dose de coragem e determinação, o que nem sempre acontece, uma vez que cada medo tem o seu grau de dificuldade para ser ultrapassado.

O facto de se ter medo não significa loucura ou fraqueza, pelo contrário, revela a essência do que é ser-se humano. Um humano também sofre, também receia, mas também luta. Por esse facto é que os medos são apenas uma etapa da nossa vida que põe à prova a nossa força interior, o querer mudar e vencer, de modo a que nos possamos sentir realizados e melhor com a nossa vida.

Um medo é como um quebra-cabeças matemático: é preciso astúcia e determinação para o resolver. É uma situação complicada de solucionar, mas tem sempre um final.

Texto 71: UM CANÍDEO CHAMADO FELICIDADE, Tiago André, nº26, 10ºE
Data de edição: fevereiro de 2012

Felicidade é uma palavra de origem latina, grega ou egípcia, sinceramente desconheço, queria começar o texto de uma forma culta. Portanto irei falar da felicidade rara, descomunal, soberba e, para muitos, idiota, ou seja, a minha.

Eu, como indivíduo, acho que sou feliz. Aliás, nos tempos em que nos encontramos, devo ser dos mais felizes do mundo (daí a idiotice da minha felicidade). Mas a minha felicidade ganhou mais alento, em março deste ano, quando recebi dos meus pais, uma cadela. Note-se que já tinha um pássaro e catorze peixes. Dito desta forma, parece que tenho um zoológico em casa, e é verdade, pois estou a pensar em arranjar maneira de a minha cadela ter filhotes. A origem da minha felicidade é esta cadela. Em março contraiu a "parvo virose" (com este nome, só podia ser minha, a cadela). Esteve no veterinário, pelo menos duas semanas, e o prognóstico era ainda desconhecido. Todos os dias à noite, eu e os meus pais, íamos visitar a cadela. E ela, com a pouca força que tinha, abanava a cauda, sempre da mesma maneira, com uma velocidade incrível. Passadas essas terríveis semanas, foi com felicidade que, uma vez, ao entrar em casa, encontrei a minha cadelinha, imensamente feliz por me ver. O sentimento era recíproco.

Nunca mais olhei para ela da mesma forma, pois com apenas dois meses, recuperou de uma doença, que por vezes é fatal para cães adultos.

Concluindo, a minha cadela, através do amor que tinha por nós, recuperou num instante. Certamente pode haver pessoas que aspirem à felicidade. Eu apenas aspiro os biscoitos que a minha cadela deixa espalhados pela casa. E isso basta-me para ser Feliz.

Texto 72: PÁGINA DE UM DIÁRIO, Patrícia Costa, nº20, 10ºD
Data de edição: fevereiro de 2012

Era uma tarde chuvosa e fria. Era uma tarde triste. Era a tarde em que eu ia dizer adeus ao lugar onde tinha passado os primeiros dez anos da minha vida. Se ao menos sáísse temporariamente... Mas não, eu sabia que era de vez e se, por ventura, algum dia voltasse, seria daí a muitos anos.

A manhã de sábado tinha passado a voar, e não só porque eram férias, mas também porque eu tinha combinado ir à piscina com alguns amigos.

O almoço decorreu em paz, tranquilo, mas animado. Estava tudo muito saboroso. Estávamos já na sobremesa, quando o silêncio foi interrompido pelo toque do telemóvel da minha mãe. Ela atendeu e rapidamente detetei um ar preocupado a desenhar-se no seu rosto. Desligou o telemóvel e olhou-me com um ar sério. As palavras que proferiu, em seguida, foram as mais duras que tinha ouvido, até então. Ela disse que tinha que se apresentar na escola do Porto, onde iria trabalhar, daí a dois dias.

É claro que já todos contávamos com a ida para aquela cidade, mas não tão depressa. Nessa tarde, fiz as malas e partimos. Não tive tempo de me despedir de ninguém, nem sequer de dar uma volta pela cidade e recordar os momentos que passei na minha terra.

Deixei para trás uma vida, a minha casa, os meus amigos, tudo aquilo que conhecia.

Texto 73: UMA PÁGINA DE MEMÓRIAS, Lara Castro, nº16, 10°C
Data de edição: fevereiro de 2012

Nasci no dia 28 de junho de 1993, no Hospital de Chaves com seis meses de gestação. Mal nasci vim logo de helicóptero para o Hospital de Santo António, no Porto, para ficar na incubadora. Estive lá cinco dias. Como estava melhor, voltei para o Hospital de Chaves. Cinco dias depois, fui para casa na companhia da minha mãe e do meu pai.

No Natal de 1993, tinha eu seis meses de idade, a minha mãe levou-me para casa dos meus tios, visto não ter possibilidades para tomar conta de mim. Mas, no dia do meu primeiro aniversário achou que eu devia voltar com ela para casa. E assim foi. No entanto, quando a minha mãe se lembrava, ia levar-me à minha tia e depois tornava a levar-me para casa. Isto repetiu-se várias vezes.

Os meus tios e os meus primos não achavam isto correto e resolveram ir a tribunal para ficarem comigo, uma vez que eu preferia estar com eles, pois sempre que a minha mãe me levava de volta para casa eu chorava muito.

Em 1996, fiquei definitivamente com os meus tios. Os meus pais nunca mais me procuraram. Não quer dizer que, por vezes, ao longo do tempo, conforme fui crescendo, não os quisesse ver, mas tive sempre à minha volta pessoas magníficas que não deixaram que isso me afetasse. Falo, por exemplo, dos meus tios e dos meus primos que para mim são pessoas muito mais do que importantes.

O dia 24 de março de 2006 foi um dia trágico para todos nós. Estava eu a dormir quando o meu primo entrou no meu quarto à uma hora da manhã. Fiquei surpreendida ao vê-lo, dado que não era costume. Tinha os olhos vermelhos, o que deu para eu perceber que tinha acontecido alguma coisa. Não queria acreditar no que ele me estava a dizer: "a prima já não está cá, morreu". Foi a pior coisa que já ouvi. Parecia que no meu interior tudo se tinha ido também. A minha prima era tudo para mim, a minha mãe, a minha irmã, a minha confidente. Era a pessoa que me conhecia melhor. Com ela podia falar sobre qualquer assunto. Lembro-me dos nossos passeios, das nossas idas aos jogos de futebol, ver, claro, o nosso FCP, até mesmo dos seus abraços apertados cheios de carinho. A falta que eu sinto disto tudo...

Por ela sei o que tenho de fazer: levar a vida com um sorriso na cara como ela, nunca deixar a felicidade de lado, procurá-la sempre, mesmo que algum obstáculo se coloque no nosso caminho...Hoje, sou uma rapariga com o tal sorriso, embora com saudades da minha estrelinha. Seguindo o seu exemplo, procuro concretizar todos os meus sonhos.

Texto 74: MEMÓRIAS, Cláudia Gandra, nº7, 10°C
Data de edição: fevereiro de 2012

Quando eu frequentava o 2º ciclo e no início do 3º ciclo, a minha escola participou no projeto Comenius que nos dava acesso direto a pessoas de outros países dentro da Europa, como Itália, Polónia e Bulgária. Esta foi uma excelente oportunidade de conhecer pessoas com culturas, hábitos, tradições e línguas diferentes da nossa.

No meu 6º ano, uma rapariga da Bulgária que se chama Maria Vasileva, veio a Portugal e ficou em minha casa, durante uma semana. Foi excelente. Durante o tempo em que ela esteve aqui, fomos visitar o Porto e Guimarães com alguns professores.

Como a mãe dela também veio e falava português fluentemente, ajudou muito na comunicação entre nós. Eu e ela criamos uma amizade que ainda hoje, apesar da distância, se mantém. No ano seguinte, recebi em minha casa, através do mesmo projeto, uma rapariga polaca. Com esta rapariga não fiz grande amizade, pois o Inglês dela não era bom, tínhamos dificuldade em comunicar.

No meu 7º ano, em outubro de 2008, através deste mesmo projeto, fui à Polónia com três amigas e quatro professores. Durante o tempo em que fiquei lá, durante três noites fiquei em casa da Katarzyna Kocan, a mesma rapariga que tinha estado em minha casa. Todos os dias, acordava às seis horas da manhã, ia até à escola com ela e depois ia com os meus professores, as minhas amigas e outros miúdos visitar a cidade e os arredores. No resto da semana em que lá estive, fui para um hotel rústico nas montanhas, onde dividi o quarto com as minhas amigas. Nesse quarto divertimo-nos imenso.

Uma vez, por volta da meia-noite, estávamos na brincadeira, às gargalhadas e a falar tão alto que o homem que ficava a vigiar os quartos foi à porta do nosso quarto e começou a resmungar em polaco. Então começamos a rir ainda mais. Tivemos outros episódios muito divertidos com uns rapazes italianos, o Salvatore e o Frederico, que ao jantar nos faziam rir imenso porque a comida era, digamos que, pouco saborosa. Uma rapariga italiana, a Sharon, que se vestia de cor-de-rosa dos pés à cabeça, só fazia barulho. Ninguém gostava dela. Uma vez entrou no nosso quarto às 7h da manhã, a gritar «good morning». Como tínhamos adormecido muito tarde, acabamos por mandá-la ir acordar outras pessoas e ela foi toda contente.

Num desses dias fomos até uma montanha e deixaram-nos a meio da subida, pois a camioneta não podia ir até ao topo. Então tivemos de seguir a pé. Como nos disseram que quando chegássemos, íamos andar de teleférico, fomos o caminho todo a pensar nisso. Quando lá chegamos ficamos todos um pouco desanimados, pois a única coisa que podíamos avistar era uma casa de aspeto rústico, um restaurante no qual paramos para beber chocolate quente, comer alguma coisa e aquecermo-nos. Quando, finalmente, já estávamos dentro do teleférico, começou a nevar. A paisagem era lindíssima, de cortar a respiração.

Passei uns bons momentos, pois adorei a experiência, a viagem, o contacto com uma cultura diferente e sobretudo o convívio com os jovens italianos, búlgaros e polacos.

Texto 75: MEMÓRIAS POUCO DOCES, Tiago André, nº26, 10ºE
Data de edição: fevereiro de 2012

Lembro-me, como se fosse hoje, do dia em que a conheci. As emoções que senti são muito difíceis de explicar por palavras. Mas uma vez que estou a escrever um texto, não há outra maneira de explicar, portanto vou tentar ser bastante explícito.

Senti-me primeiramente envergonhado, porque antes de ir ao seu encontro, na minha peculiar distração, fui de encontro a um poste de iluminação, tendo-me este ato causado embaraço e um hematoma na testa. Mas o sentimento que mais destaco é a felicidade. Pois quando senti o seu aroma pela primeira vez, o meu coração foi ao céu e voltou um pouco mais leve, os meus pulmões bailaram de alegria ao inalarem tal fragrância, o meu hematoma arroxou e passou de hematoma a framboesa. À medida que a ia conhecendo, começava a florescer em mim uma atração invulgar, como se ela fosse uma bela prostituta italiana e eu o Sílvio Berlusconi. Sempre que me despedia dela, ficava um vazio enorme dentro de mim que eu tentava preencher a todo custo, fazendo das tripas coração e do coração cabidela. Após este rodizio de emoções, vinha o ânimo, pois sabia que no dia seguinte a voltaria a ver. Enquanto me aproximava do ponto de encontro, pensava em quão bem me sentia ao pé dela, no que partilhávamos e nos aproximava.

Subitamente, os meus passos confiantes tornaram-se numa marcha sorumbática e amargurada, o meu coração latejante convertia-se num músculo quase imóvel, e a alegria estampada no meu rosto era tomada por uma angústia à qual os meus olhos respondiam com lágrimas. Tudo isto porque ela não estava lá, no nosso ponto de encontro. Tinha desaparecido sem aviso. A mágoa apoderou-se de mim e, em consequência, a loucura. Desses tempos pretéritos dos quais pouco me recordo, apenas um nome ecoa no meu coração. E esse nome é Céu ... Pastelaria do Céu.



«*Com medo de o perder nomeio o mundo...*»
Vitorino Nemésio (1959)

2. PÁGINAS DE BABEL

No século XXI, as línguas configuram uma Babel de povos e culturas, nas suas formas de nomear o mundo e de o representar por signos, em comunicação múltipla.

As **Páginas de Babel** constituem um novo espaço, aberto à expressão e à comunicação em diferentes línguas estrangeiras, no entendimento da essencialidade e funcionalidade do conhecimento linguístico para a construção pessoal e profissional do jovem, enquanto cidadão de um País, da Europa e do Mundo. É nesta perspetiva plural que as páginas seguintes se abrem à comunicação em outras línguas.

Textos 1: ACRÓSTICOS CREATIVOS, Joana Freitas e Mariana Ferreira, 9º B
Data de edição: janeiro de 2012

Color en los días soleados
Impresionante es su tamaño
Estrellas
Las nubes
Oscuro en la tempestad

E- eres mi mejor amigo
S- siempre has sido así para mí
P- para mí eres todo
E- eres muy querido
C- contigo todo es más fácil
I- imagino mi vida contigo
A-antes, ahora y después
L- la vida es maravillosa

Texto 2: PETIT POÈME COLLECTIF, 9º C
Data de edição: fevereiro de 2012

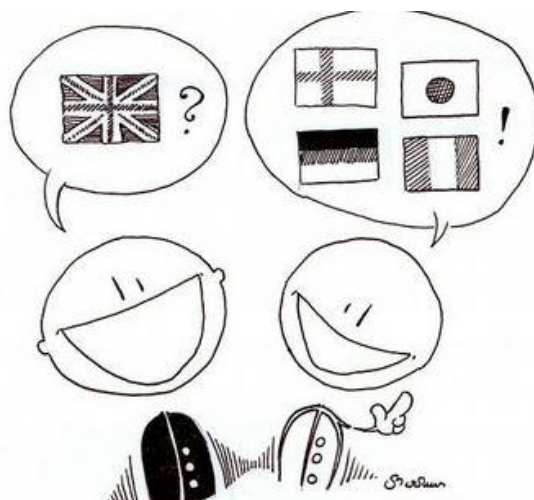
La solidarité est...
... une belle forme d'aider.
... aider les nécessités, les amis, le monde.
... essentielle pour la vie.

... l'aide entre tous.
... la collaboration entre les nations.
... l'assistance pour la vie.

La coopération est...
... l'interaction économique et culturelle entre deux nations.

La paix est...
... essentielle pour l'harmonie dans le monde.
... bien être avec le monde.

Textos 3: ENGLISH ONLY OR MULTILINGUALISM? 12º B, 12º C, 12º D
Data de edição: janeiro de 2012



The English Language has become the universal spoken language in European institutions. However, this is not accepted by several people who object to a linguistic standardization.

The people that defend that we should have a common language in these institutions believe that it is for the best of all of us to speak the same language in order to improve the productivity and efficiency of the so called institutions. In addition to the efficiency growth, a shared language also enables European leaders to establish a correct discourse with countries out of the European continent.

Despite these benefits, adopting a single language goes against the EU's principles: All languages and countries have to be viewed as equals and it's politically wrong to place one above the other. Furthermore, native English speakers would have an advantage over other people. Mastery of language could easily turn into word manipulation and deceitful proposals that would only benefit those sly enough to twist their language for their purposes.

Finally, we can conclude that, while both stances make good cases, a decision will soon have to be made if the European Union wants to endure stability and civilized discussions.

Beatriz Gomes, Paulino Garcia, Pedro Fragata, Raquel Alves, 12º B, C

Nowadays there's a controversy around which language to use in the working institutions throughout the E.U. Should we keep multilingualism at the workplace or should we adopt English as the only working language in the European Union?

Multilingualism should be regarded as a possible choice since it's fair and reasonable that all EU's languages should be considered as equal. Moreover, if we must be selective, why should we choose only English? Spanish, French and Portuguese are languages which are also widely spoken and may have a great importance in business and technology. It should also be taken into consideration the fact that if English becomes the sole "working language" in the EU, the British will have a bigger advantage than non-native English speakers when searching for a job.

Considering the second alternative, there are also some advantages and justifiable reasons. First of all, English is already well established in Europe and it's even seen as "Europe's language", since it is spoken all over Europe. In addition to this, English can function as a link between many countries as it is learned in all European schools, being the language children have more contact with. It must also be taken into account that one single language will provide more cohesion and efficiency, particularly in situations in which speakers of different languages come together and feel the need to communicate. Then, it will be easier and less confusing if all speak in English, rather than have each one speaking their own language.

In conclusion, and reinforcing the last argument, it is clear that English is the most correct choice: it's simpler and more reasonable to adopt only one language which can more easily result in understanding and uniformity.

Ana Carneiro, Célia Vale, João Magalhães, Mariana Moreira, 12º D

We're facing a tough problem that nowadays arouses some controversy and splits opinions all across the world. People are still wondering if English should be adopted as the sole working language in Europe.

On the one hand, English can provide cohesion and uniformity in the world of work and international relations as a common language, acting as a link between different cultures and societies. Besides, this language already has a dominant position and plays a hegemonic role when it comes to communication, business and technology all over the world. Also, in Europe there are many people who can actually work with this quite simple language, being the main learned as the first foreign language in school at such early ages. Nowadays, in most European countries, children start establishing contact with the English language in their elementary school years.

On the other hand, we can deduce that this situation would eventually give an advantage to the English, as they would work with their native language. Therefore, it would be really unfair and difficult for people from other European countries not to work with their mother tongue and be forced to express themselves through someone else's. Due to that, some people believe that the languages of all member states should have an equal status, not to arouse discontent, and highlight the German, Portuguese, Spanish and French languages as players of a quite crucial role in international business too.

However, we must say that we have to agree with the supremacy of the English language and we approve its statement as a sole working language in Europe, as long as the cultures, traditions and even other languages keep their own value and assume an unquestionable local or national relevance.

Andreia Machado, Tânia Silva, 12º D

Textos 4: LETTERS, Pedro Pombo, Rita Petiz, 10º A, João Reis, 10ºB

Data de edição: janeiro de 2012

Porto, 18th January, 2012

Dear friend

How are you? I am writing to tell you about my Christmas holidays, my marks and my New Year's resolution.

My Christmas holidays were great although they seemed to be so short! I always try to make the most out of it. My daily activities were always the same. Basically my days would start at 2pm, when I woke up I'd grab something to eat, then I would go take a shower and go to the shopping center with my friends until 4 pm, then I'd catch a bus and go to my daily handball training. Later I would come back home and stay on the computer until it was very late, 3 to 6 am.

On the 24th and 25th I went to my uncle's house, my aunt is a very good cook! My Christmas presents were nice too. I got some chocolate, money and a black shirt.

My marks were ok I guess...my highest mark was a nineteen at Physical Education on a scale of one to twenty. However, my parents were not satisfied because my marks average was fifteen point two and they want more. My New Year's resolutions are the classic ones, study more to get better grades, try to make the world a better place, get better at sports and get healthier.

What was your Christmas like? Hope to hear from you soon!

Cheers,
Pedro Pombo

18th January, 2012

Dear Inês,

I'm going to tell you about my Christmas holidays, my marks and my New Year's expectations.

I spent Christmas with my dad (Christmas Eve) and with my mother, (Christmas Day) and of course with the rest of the family. I haven't eaten sweets, I don't like. And on Christmas Eve I ate turkey.

Now, my marks... I guess that they could be better but I will try harder this second term... Hoping so... My highest mark was 15 at English and the lowest was 9 at Maths.

I hope that next year this economic crisis will be over. I wish that I could be happier, that I could have a better relationship with my mother and that my father could live near me!

Write soon and tell me the news about your holidays.

Best wishes,
Rita

24th October 1986
Sesame Street

Dear Cookie Monster,

I'm writing to tell you the news, I had a great Christmas holidays. I spent Christmas with my parents, my grandmother, my uncle, my aunt and my cousin, and I had a lot of fun. I received a lot of presents: a T-shirt, a jacket, some money, an helicopter, a watch, etc. However, the important isn't that, the important is that all the family was together to celebrate Jesus' Birth. I also had great marks, in fact awesome. I was waiting for it because I've been working hard since the beginning of the year. Although I had a 16 at Philosophy the other marks were great, the best one was 19 at Sports. This New Year I expect to have better marks and I want you to be here with me eating cookies. I know this year will be difficult, but Portuguese people are strong and we will overcome this crisis. Nothing left to say, I hope to hear from you soon,

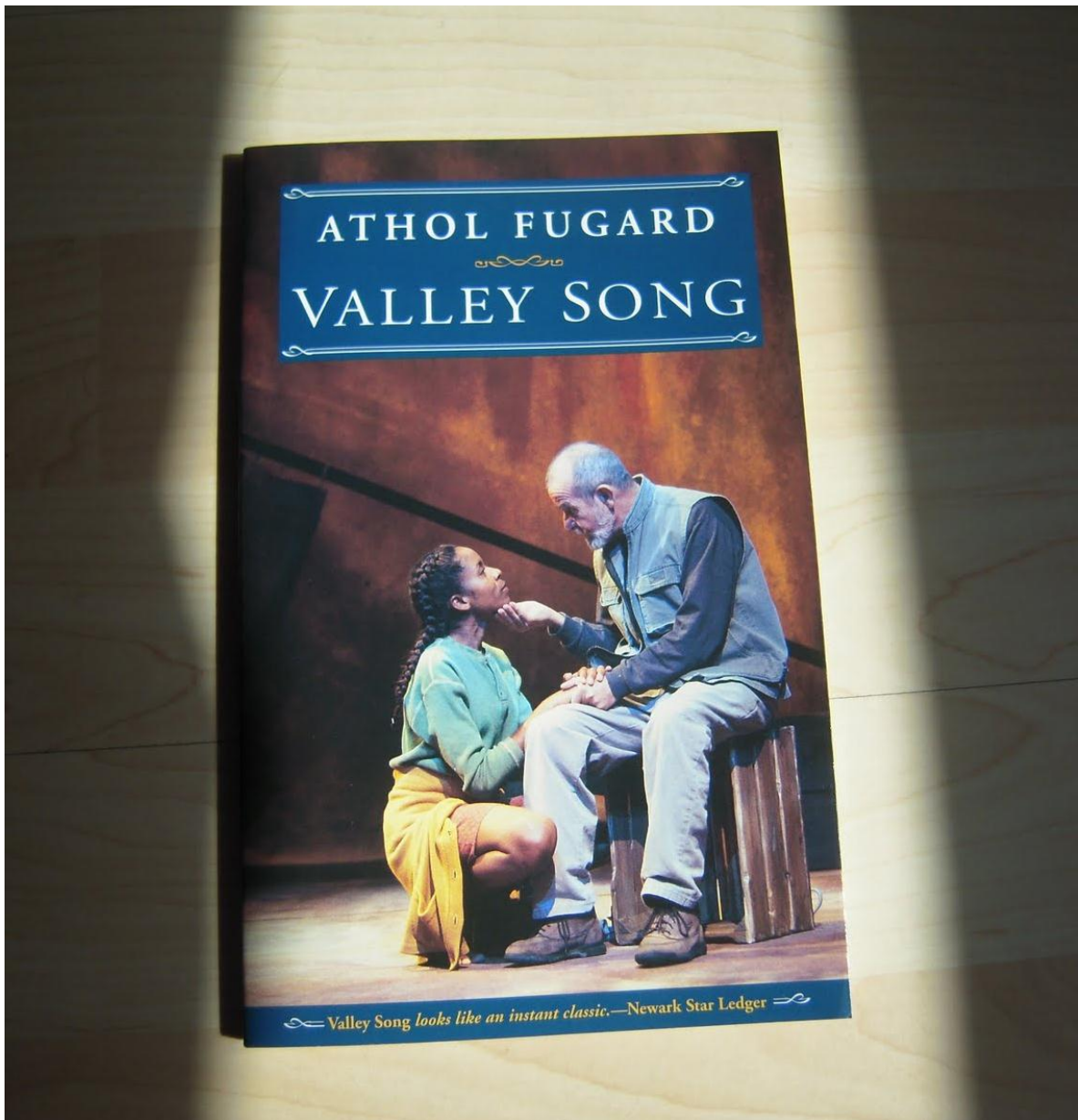
Your best friend
Elmo

Texto 5: LEARNING LANGUAGES, Maria Barros, nº13, 10ºA
Data de edição: janeiro de 2012

In my opinion everybody should learn English. English is the international language and societies use English for a lot of things. English is important to get a job, to know new different cultures, to meet new people and make friends and, obviously, to understand people with other nationalities. In my point of view English is more important than other languages. Learning English helps us to get a richer curricula. English will always dominate the other foreign languages. I think I will never stop learning this language because it enriches my knowledge and when I grow up, I will fly to other countries and then I will learn more languages. I consider it very important. I'm not very fluent when I'm speaking in English, but I'm trying to be. I think the most difficult language is Japanese, I don't understand anything when I'm listening to it. I could say that I can speak Portuguese, English, Spanish and French. I would like to be a very good speaker of many languages and so, my future would be very successful. It's my opinion, but I know people that don't have the same opinion... there are choices and this is mine.

To conclude, I think people should learn very different languages, but everybody should learn English, because it's a priority. That's all!

Texto 6: VALLEY SONG BY ATHOL FUGARD, Telmo Leal, nº16, 12ºD
Data de edição: fevereiro de 2012



After reading Athol Fugard's "Valley Song" we can – and should! – absorb some aspects and messages that make this play a very rich one, in a literary, political, historical and social perspective.

It portrays the story of a family, which is unfortunately down to Grandpa and Granddaughter, living in a small village in South Africa, during the post-*apartheid* period. The plot is developed around Grandpa's attachment to the village and to his *akkers* as a devoted farmer, and the granddaughter's dream to become a pop-star, as well as her strong will to leave the village and head to Johannesburg.

In this play we are facing an evident generation gap that has its roots mainly in the recent political changes that had place in South Africa with the end of the *apartheid*. While Buks still represents the fears of the coloured people who were oppressed by the white people during that period, Veronica is the voice of a generation that now dreams big and has faith in the political changes that occurred, believing that both races are finally equal. This clash between these two generations is quite well portrayed in this play through several moments of tension that have their genesis on Veronica dreaming to become a singer. In a state of total osmosis with his land and his village, Buks never accepted Veronica's dream and even wanted her to work for the white man who was eventually going to purchase his land; however, the strong and determined expression of the younger generation rose above and nearly broke the dogmas in Buks' mind, a man who didn't evidently overcome the hard old times and still submits himself to the other race.

In the end, what really matters is that he finally lets his granddaughter grow up and go to Johannesburg, the place where she was going to pursue her dream, and this was the biggest evidence of the changes after the end of the *apartheid*: a young coloured woman who fought against what was "meant to be", decided to leave a life she didn't want for her, following what she really craved, yet unfortunately leaving her Grandpa stuck to the land he enjoys cultivating and the village where he's used to living.

Textos 7: VALLEY SONG, ALTERNATIVE ENDINGS, 12º B, 12º C, 12º D

Data de edição: fevereiro de 2012

The Author -And what about Buks? Was he to work until the end of his days? Apparently that's what he did, because when I went to look for him in his house, I found only his cold corpse lying next to his WW II Italian pistol. His lifeless eyes showed sadness and anger, even in death. The old man just couldn't handle it anymore. It must have been like relieving of Hell for poor old Buks.

His funeral was last Wednesday. Some village people attended it, but not Veronica. No, I will not tell Veronica such a tragedy through a common letter. She deserves to hear it personally...

And me? Well, there are still a lot of young helping hands in the valley that I can do with.

The crops will grow and someday I'll find Buks in the afterlife. I wonder if he has found peace at last...

Paulino Garcia, 12ºC

Buks – And now? What about me?

After a long time thinking, I guess I came up with the most reasonable solution: I'm leaving too.

Staying here in the valley alone wouldn't be the same and I don't want to live the rest of my life depressed.

This process made me learn a lot and at the end of the day what really gives me the power to face another one is Veronica's love, voice and companion. After all, I'm just an old man and I've lived so many years here... So, I'm leaving.

However, I intend to bring a bit of the valley with me. I'll go with some seeds and I'll find a humble little house there with a backyard and start living the life I'm used to, just in smaller proportions. I can spend my whole days working the land there and maybe someday that land will also have a special meaning for me too. But what really matters is that I'll live next to my dear Veronica and I'll watch her growing as a famous singer very closely – that's the biggest joy a grandfather could have!

Well, I guess it's time to go. Mrs. Oliphant is driving me up to Johannesburg and I'll make Veronica an unforgettable surprise.

I'm leaving you, valley that I love, but I'll see you soon!

Mariana Moreira e Telmo Leal, 12º D

(Bucks and Veronica at the bus station)

Veronica: I must go now Oupa. I don't want you sad...

Buks: It's hard to see you leaving my child. Promise me you'll be careful...and genuine as our Karoo seeds.

Veronica: I will Oupa , I will. (*She sings as she enters the railway bus*)

Veronica is leaving
But it's not a goodbye
She will think of her Oupa
All day and all night.

(*Both start crying*)

Author: Wait Veronica! Wait! Bus driver, stop that bus !

(*The sadness that filled Buks vanished for a few moments*)

Veronica: What is going on ?

Author: You can't go Veronica... this valley won't be the same without you. I contacted a friend of mine, he's a music teacher and he has agreed to come here to the valley and open a music school! He travels a lot, and knows many famous singers. You could get better at singing and go with him when he visits Johannesburg... Paris ...London and many other places in the world! This way you wouldn't have to leave your Oupa ... C'mon Veronica !

Buks: Please Veronica... stay with me... your Oupa. I will not be happy again if you go... Every single day , I will think of you... what is that child doing? Is she alright? Does she need me as much as I need her ?

Veronica: (*Runs towards her Oupa's arms*) Oh Oupa, I'm sorry. I love you... I love you.

Beatriz Gomes, 12º B

(*Half an year later, Veronica returns to the Village*)

Buks: Veronica, what a surprise! Why are you here?

Veronica: I thought I would pay Oupa a visit and tell you about my adventures in the city.

Buks: So, tell me what have you been up to? Have you met any nice boys? How is your singing going?

Veronica: My singing is going great. I have a small job singing in a local theater and I am starting to make a name for myself and I receive a reasonable amount of money. I go to church every Sunday to thank the Lord for my voice and to pray for you and the land.

Buks: That's amazing for you, but you still haven't told me about the boys.

(*Veronica blushes*) **Veronica:** I am more focused on my career rather than boys.

Buks: Good, good. Come and drink some tea with me, like we used to and tell me more about the city.

Veronica: Of course, Oupa.

Miguel Santos e Rodrigo Costa, 12º B

Texto 8: VALLEY SONG, ESSAY, Paulino Garcia, nº19, 12ºC

Data de edição: fevereiro de 2012

Valley Song deals with different issues in a unique way. The two main characters, Buks and Veronica, grandfather and granddaughter, represent the ubiquitous struggle between generations to establish common grounds and teach to one another the values of their experiences. The young ones are always viewed as brash, impetuous and sometimes arrogant, whereas the old folk are categorised as slow, grumpy and simply not in a mood for change. The younger generations want to live by their own rules and don't understand the shock the older generations get when they tell them how they want to live, often forgetting that their parents and grandparents were once young like them.

The third character, the Author, is introduced to show us the troubled times South Africa was going through. Not having to bow to the whitemen whenever black and coloured people saw them was still something that bewildered a lot of people, especially the older generations who had lived their entire lives with these rules in mind. This, of course, only pushes the generation conflict even further.

This book manages to transmit clear ideas about each issue and, in my opinion, does so in a singular and fantastic way.

Texto 9: COMMENT ON VALLEY SONG, Sara Guerra, nº22, 12°C
Data de edição: fevereiro de 2012

Valley Song, as we came to know, is a story that can have very different interpretations. Despite being a short novel, its meaning overcomes all the expectations. It smoothly rings the bell of apartheid period in everyone of us, reminding us of the scars coloured people live with: the memories of all the hardships and difficulties undergone.

The rudeness of these thoughts crashes with the plain and stark beauty of South Africa's landscapes, bringing to our awareness a living style, already forgotten as well as the people that live in the Valley.

Along with these contrasts comes also the huge gap between generations: an old one, characterized by conservative and traditional behaviours, which came to life with Buks; and a new and naive one, with a dreaming Veronica that strongly holds the belief that the world is a place and a set of mentalities she can shape.

The tension felt between these two levels and ways of thinking gives the story a soul, and once you read it, there's no way it leaves your mind anymore.

Characterizing Buks

Buks was an extremely conservative and hard-working tenant farmer who led a tough life in the Valley. He was quite defensive when it came down to big changes in his life, many times having inadaptable behaviours in the society he was living in at the moment.

Despite this lonely image he gave us, he was also a very honorable and sensitive man, but a simple person. The strong relationship between him and his granddaughter meant the world to this man and, apart from the land and God, that was all he cared for.

Texto 10: VALLEY SONG, ANOTHER ESSAY, Miguel Santos, nº7, 12ºB
Data de edição: fevereiro de 2012

Valley Song is, in fact, a mixture of subjects. It's about the story of a family, a clash of generations and about the situation of South Africa.

The story of a family can be seen throughout the lives of two of the book's characters, Veronica Jonkers and her grandfather, Abraam Jonkers. Throughout the course of the play, Veronica and her grandfather, talk, in some scenes, about some episodes and memories of their family. For example, Abraam Jonkers or simply known as Buks, tells her granddaughter about her grandmother and her mother, explaining that her mother ran away from home that she was raised by her grandparents, and one of them passed away in the process.

The clash of generations is shown by the different perspectives of life and aspirations between Veronica and Buks. For Veronica, one must dream and see that dream come true, because South Africa is changing and everyone has the right to decide their life. As for Buks, he is still too attached to the past and lives by the old ways. This results in some conflicts between the two characters.

Finally, the South African situation is also shown in the play. As the plays takes its stage to the post-apartheid period, the country is changing and it's starting to forget its past, being allowed free elections and similar rights to everyone. This situation is represented by Veronica, as she is young and lives in a new South Africa.

In conclusion, *Valley Song* not only acts as a story, but also as a description of life in the new South Africa and a new way to live, without the chains of Apartheid.



Ler é sonhar pela mão de outrem.
Fernando Pessoa, *Livro do Desassossego*

3. FÓRUM DE LEITURA

O **Fórum de Leitura** constitui um espaço aberto à edição de experiências de leitura de alunos, funcionários, professores e encarregados de educação.

A divulgação da descrição e crítica de obras de autores nacionais e estrangeiros, lidas em contexto escolar ou familiar, é o objetivo de uma secção que tem nas atividades «O Livro dos Livros», «A Companhia dos Livros» e «Viajar com Livros» os expoentes de um esforço coletivo de motivação à leitura individual e sobretudo à aquisição de hábitos de leitura, dentro e fora da sala de aula.

A publicação de **impressões de leitura** de uma obra, de um conto, de um artigo... poderá funcionar como momento de reflexão de um primeiro leitor e momento de motivação de muitos segundos leitores. Afinal, o escritor só existe em simbiose com o leitor, numa relação mútua de enriquecimento pessoal e cultural. Mesmo que o escritor se distancie no horizonte intransponível do fingimento da palavra, para sempre gravada no tempo. Retomando o poeta, cabe ao leitor todo um sentir múltiplo, eu-ele, pois «Sentir? Sinta quem lê» (Fernando Pessoa, *Isto*).

Texto 1: BIBLIOTECA ESCOLAR, 2º B **Data de edição: janeiro de 2012**

A biblioteca escolar ensina-nos e transmite-nos muita informação para o nosso dia-a-dia e para o resto da nossa vida. A BE é uma fonte de conhecimento e cultura geral onde podemos “mergulhar” e “nos perder”, pois “perdemo-nos” e “mergulhamos” em algo que nos ficará eternamente marcado na vida e na memória.

Sem o “saber” já não somos “ninguém”, então sem a BE muito menos, pois a nossa cultura geral, o nosso saber, o nosso poder para a vida não depende só da televisão ou dos computadores, depende essencialmente dos livros, do que eles nos proporcionam, pois quem os proporciona a eles é a Biblioteca Escolar, criando assim uma interligação. **Patrícia Andreia Ribeiro Lima, 2ºB**

A biblioteca exerce um poder sobre a sociedade, principalmente as bibliotecas escolares, com a função de educar crianças e adultos, para serem bons leitores e aprenderem a ter e a desenvolver o gosto pela leitura. Como diz o slogan da RBE, a biblioteca é um poder para toda a vida. **Rafaella Rabêlo, 2ºB**

Quando uma pessoa vai a uma biblioteca, é para fazer um trabalho, estudar qualquer disciplina ou mesmo em lazer. Ou seja, vai procurar informação de alguma área, vai aprender mais. Quando se aprende, fica-se mais culto e fica sempre qualquer assunto nas cabeças. "Biblioteca escolar. Saber. Um poder para a vida", numa biblioteca fica-se a saber mais, para a vida. **Maria Pinto, 2ºB**

O slogan de 2011 escolhido pela RBE evidencia o poder do saber que nos acompanha para toda a vida. É com ele que crescemos e é ao querer saber mais que aprendemos e evoluímos. Este saber encontra-se em todas as bibliotecas do mundo, elas são polos do saber, é por isso que são tão importantes para nós, elas contêm sabedoria ancestral, que pode vir a ajudar a resolver vários problemas dos tempos de hoje. É necessário alterar mentalidades e fazer com que as pessoas comecem a frequentar mais as bibliotecas e a absorver o saber que elas têm para dar. **João Pedro, 2ºB**

Texto 2: BIBLIOTECA ESCOLAR E CONHECIMENTO, Vanessa Matos, nº 13, 11ºE **Data de edição: outubro de 2011**

O poder do conhecimento é essencial no mundo contemporâneo e esse poder encontra-se acessível a todo o corpo estudantil, sem distinção de géneros ou grupos sociais, através de um simples virar de páginas.

A biblioteca escolar não se trata apenas de um local repleto de livros, é na biblioteca que se reúnem páginas de conhecimento, experiências de vida e histórias. A alegria do saber é oferecida não só através dos livros, como também através do mundo virtual. Um leque diversificado de oportunidades encontra-se associado à biblioteca escolar.

Atualmente, o poder de escolha que nos é proporcionado constitui uma raridade, que nós podemos orgulhosamente aclamar como nossa.

O poder e a sabedoria que hoje nos são dados perduram por toda a vida; por isso, agradecemos todas as oportunidades proporcionadas pela biblioteca escolar.

Texto 3: BIBLIOTECA, UM SÍTIO ESPECIAL, Inês Teixeira, Nº 4 11ºE **Data de edição: outubro de 2011**

A biblioteca é uma parte essencial de todas as escolas. É fonte de conhecimento, apoio, entretenimento e lazer. Uma biblioteca é como um pequeno mundo onde, apenas escolhendo um livro, todas as possibilidades são ilimitadas e o saber não tem limitações.

Ser capaz de aceder a todos os locais do nosso planeta, sem ter de viajar, é algo que só um livro nos permite fazer. A sua capacidade de nos apresentar pessoas, cidades, países e paisagens é algo indescritível, que apenas um leitor consegue entender. A biblioteca torna-se assim uma casa, um lugar onde todos os mundos estão reunidos, todos os conhecimentos estão concentrados e no qual as palavras podem tomar mil e uma formas, para nos mudar e nos transmitir sentimentos e experiência de vida. Mais do que àquele que vive muitos anos, mas que nunca pega num livro.

Ser capaz de, desde jovem, nos podermos dirigir à biblioteca da nossa escola, escolher um livro e com ele aprender uma lição de vida é uma dádiva por si só, dádiva essa que devemos aproveitar ao máximo, para nos guiar nos caminhos da vida.

Por isso, um especial agradecimento à biblioteca da nossa escola, por nos ajudar a tornar naquilo que um dia seremos. Obrigada!

Texto 4: A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA, João Bernardino, nº15, 11ºA **Data de edição: janeiro de 2012**

Nos dias de hoje, na maioria dos países desenvolvidos, promove-se muito a literatura, mesmo entre os mais novos. É realmente a literatura assim tão importante? Ou será sobrevalorizada? É perfeitamente claro que, neste ainda novo século, a literatura tem alguma tendência a tornar-se menos presente nas vidas das pessoas. Existem agora outras maneiras

de aprender e evoluir em termos de cultura, nomeadamente, com as novas tecnologias. Estas são consideradas por muitos mais interessantes e apelativas. São também muitas vezes preferidas como passatempo, por oposição à literatura. No entanto, variados estudos indicam que a literatura desempenha um papel fundamental, quando se trata de enriquecer cultural e intelectualmente. Quem lê muito é mais sábio, mais culto, tem muita facilidade em comunicar e expressar sentimentos. É também uma excelente maneira de evitar a rotina e a automatização.

Concluindo, na minha opinião pessoal, as pessoas que optam por se "entretém" com as novas tecnologias só perdem, em relação às que optam pela literatura. Se toda a gente, por todo o mundo, lesse mais, não duvido que o mundo seria um lugar bem melhor.

Texto 5: UM AMIGO ESPECIAL, Catarina Peixoto, nº2, 8°C

Data de edição: janeiro de 2012

O Plano Nacional de Leitura está a promover a leitura de livros para todas as idades.

Estes materiais fazem-nos voar para lugares inesquecíveis e preenchem-nos de cultura. Os que foram escolhidos para integrarem o Plano anteriormente referido são fáceis de ler e de interpretar e, ao mesmo tempo, são muito interessantes. Quando abrires as suas páginas vais sentir o brilho e a alegria que cada uma nos transmite. Sem ponta de dúvida, podemos afirmar que um livro é um amigo que nos acompanha em todos os momentos e que pode fazer os nossos instantes mais tristes tornarem-se nos melhores que já vivemos. À medida que comesças a ler, decides crescer.

Lê mais para contribuíres, não só para a evolução do Mundo, mas também para a tua.

Texto 6: JULIETA, Vanessa Patrícia Oliveira Matos, nº 13, 11ºE

Data de edição: outubro de 2011

Biobibliografia

Anne Fortier nasceu a 10 de Novembro de 1971 na Dinamarca, onde viveu a sua infância e se doutorou em História. Em 2002, emigrou para os Estados Unidos da América para trabalhar na área do cinema. Anne escreveu o seu primeiro livro, em dinamarquês, em 2005. Em 2010 escreveu *Julieta*, redigido originalmente em inglês e editado em mais de trinta países. Em 2011 os direitos de autor desta obra foram comprados, com o objetivo de realizar, brevemente, uma adaptação cinematográfica.

Resumo da Obra

Julieta é um romance histórico que intercala dois planos temporais: um que remonta ao século XIV e outro que decorre na atualidade. O primeiro é uma recriação da história de amor entre Romeu e Julieta. O segundo leva-nos a seguir Julie Jacobs.

Julie, uma pacifista norte-americana, herda a chave de um cofre em Siena, Itália, e a promessa de que este a guiará a um tesouro de família. Julie acaba por se envolver numa teia de mistério, intrigas e romance, relacionada com o seu passado e com a sua ligação ancestral à Julieta de Shakespeare. Durante as suas investigações, uma série de reviravoltas colocam-na no centro de uma rivalidade entre as famílias Salimbeni, Tolomei e Marescotti (relembrando a antiga rivalidade entre os Capuleto e os Montéquio). Contudo, Julie acaba por conseguir tudo o que desejava (o tesouro de família, o "Romeu" e descobrir as suas verdadeiras origens), mas não sem antes aprender uma importante lição: Quem se julga conhecer acaba por se tornar num completo desconhecido.

Excerto favorito

" (...) desatei a correr para o interior do castelo, mas um rio interminável de demónios invisíveis, sibilando e citando palavras de Shakespeare que eu conhecia na perfeição, rodearam-me por todos os lados, ansiosos por fugir finalmente do castelo, desejosos de me levarem com eles. Caí, comecei a escorregar na direção da berma a desagregar-se cada vez mais, tentando desesperadamente agarrar-me a qualquer coisa sólida e foi então que um homem, vestido de couro negro, como os motociclistas, se aproximou de mim, me agarrou pelos braços e me puxou." (págs.169/170)

Julieta é uma obra que se baseia em factos históricos verídicos. Apesar de ser considerada um romance histórico engloba diversos géneros e estilos, como aventura e tragédia. Este livro aborda diversos tópicos importantes, como as relações familiares, o conceito de amor ao longo dos séculos e a interferência do passado no presente.

A escrita de Anne Fortier apresenta dois aspetos interessantes: as descrições detalhadas das ruas de Siena, que nos levam em viagem até Itália, e as críticas subtis a problemas atuais, como, por exemplo: a guerra no Iraque, o abuso de poder e manifestações (supostamente) pacíficas, que acabam em atos de violência e vandalismo

Pelo facto de esta ser uma obra cheia de enigmas e mistérios por desvendar, aconselho vivamente a leitura de *Julieta*. Para finalizar, deixo a promessa, a quem ler este livro, de que nunca mais verá, da mesma forma, o clássico *Romeu e Julieta*.

Texto 7: A NOITE DE TODAS AS ALMAS, Inês Teixeira, nº 4, 11ºE

Data de edição: outubro de 2011

Biobibliografia

Deborah Harkness nasceu em 1965, perto da Filadélfia. Filha de pai americano e de mãe britânica é uma escritora e historiadora que se especializou nos séculos XV, XVI, XVII. Harkness publicou duas obras de História: *Conversas de John Deen com os anjos: Cabala, Alquimia e o fim da Natureza*, em 1999 e *The Jewel's House*, sobre a Londres Isabelina, em 2007. O seu romance mais recente, *A noite de todas as Almas*, mistura magia, Ciência e História. Deborah, para além de escritora e professora de História na Universidade da Califórnia do Sul, é também autora de um premiado blogue vinícola.

Resumo

A Noite de todas as Almas é uma obra de magia, na qual os Humanos vivem lado a lado com bruxas, demónios e vampiros, sem terem, no entanto, a noção dessa realidade.

A ação passa-se entre Oxford e França e conta a história de Diana Bishop, uma jovem licenciada em História da Ciência. Diana encontra-se de momento em Oxford, a fazer pesquisa para a sua terceira obra sobre Alquimia. À primeira vista, Diana parece uma mulher perfeitamente normal, no entanto é uma bruxa, apesar de se desprezar por isso e tentar levar uma vida o mais humana possível. Mas tudo muda quando Diana requisita, na biblioteca de Oxford, um manuscrito alquímico que contém mais segredos do que à primeira vista aparenta. A ação intensifica-se quando Diana conhece Matthew, um vampiro, que quer o manuscrito ao qual só Diana teve acesso em mais de 1000 anos! Matthew vai questionar o passado, o presente e o futuro de Diana, e poderá tornar-se ou o seu maior amigo, ou o seu pior inimigo.

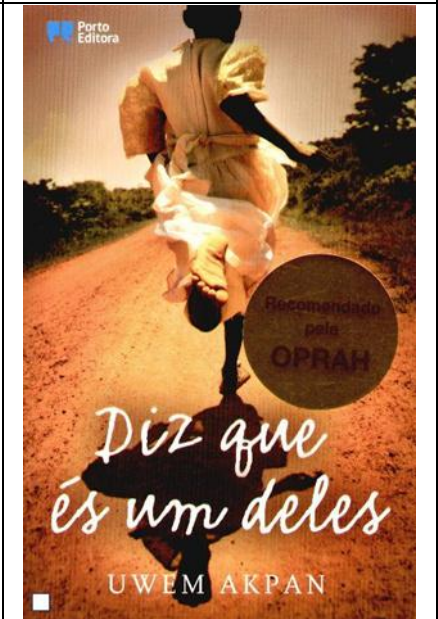
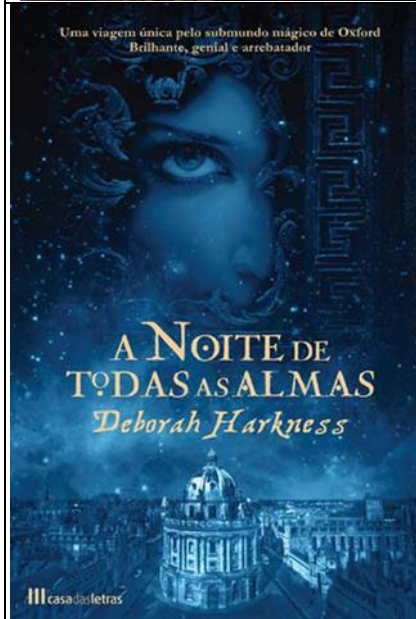
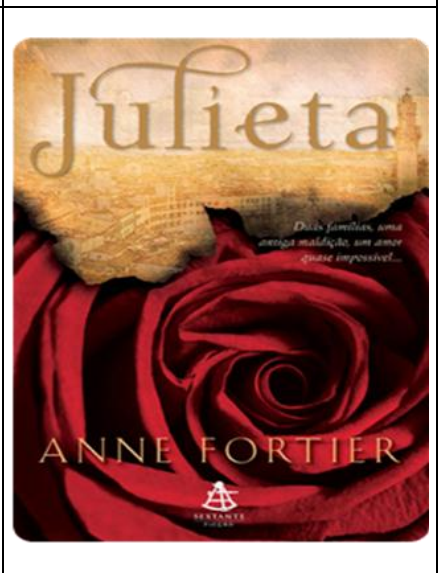
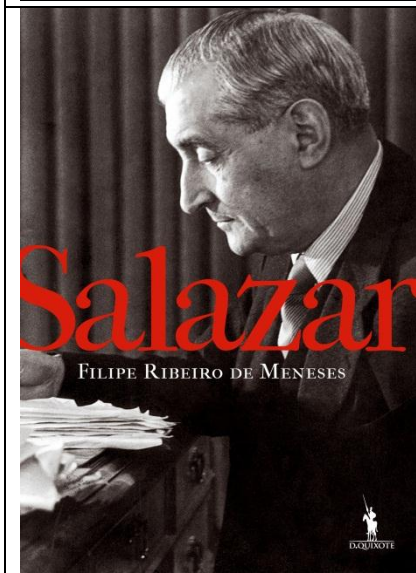
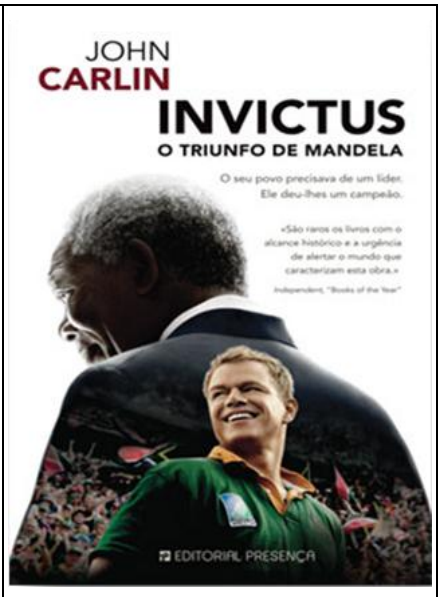
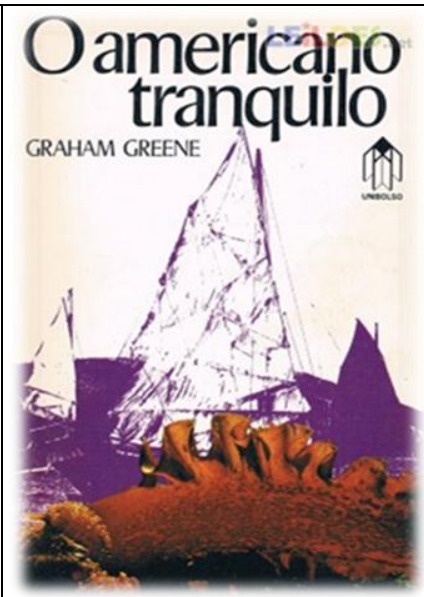
Excerto favorito

“Os estudiosos fazem uma de duas coisas quando descobrem informações que não coincidem com o que já sabem. Ou as colocam de lado para que não ponham em dúvida as suas estimadas teorias, ou concentram-se nelas com a intensidade de um raio laser e tentam ir até ao fundo do mistério.” Este excerto resume o trabalho de Diana. Enquanto fazia pesquisa sobre Alquimia, Diana tentava, ao mesmo tempo, negar a presença da magia nos avanços científicos, não estando, no entanto, a consegui-lo totalmente.

Apreciação da obra

Aconselho este livro a todos aqueles que gostam de romance, ação e sobrenatural. A escrita é fluida e cuidada e a história em si é muito interessante, agarrando o leitor desde o início. Apesar de ser um livro extenso e de ser o primeiro de uma trilogia, há sempre algo a acontecer e muitos mistérios por desvendar. As personagens são únicas e com personalidade forte, originando momentos de tensão e mistério e momentos de comédia e romance. Um dos aspetos de que mais gostei é o facto de utilizar textos históricos antigos, apresentando não só uma perspetiva real, mas atribuindo-lhes também um significado sobrenatural, despertando no leitor curiosidade sobre o original.

A mensagem deste livro é que não devemos fugir de nós próprios e do que realmente somos, pois, se o fizermos, seremos perseguidos por nós mesmos, para sempre.



Texto 8: O OUTRO LADO, UMA VIDA AO CONTRÁRIO, Ana Monteiro, nº5, 8ºE
Data de edição: novembro de 2011

Biobibliografia

Gabrielle Zevin nasceu em Nova Iorque, em 1977, onde vive. Escritora e guionista, é autora de livros juvenis e para adultos. *O Outro Lado, Uma Vida ao Contrário*, o seu primeiro romance, foi nomeado para o *Quill Award* 2006 e ganhou o *Borders Original Voices Award* 2005. A obra foi selecionada pelo clube de leitura da livraria Barnes & Noble, figurando nas listas de publicações de *School Library Journal*, *Horn Book Magazine*, *Booklist Magazine*, *Kirkus Reviews*, assim como da *American Library Association Notable Children's Book List*. No Reino Unido, o romance foi vencedor do *Sheffield Children's Book Prize* e foi considerado «altamente recomendado» pela *National Literacy Association*. Este livro encontra-se traduzido em dezassete línguas.

Síntese da obra

A obra começa com a morte de uma rapariga, Elizabeth Hall, e com a dor da sua família e da narradora do prólogo, a sua cadela Lucy. Elizabeth ou Liz (como era tratada) tinha dezasseis anos quando morreu atropelada. Após ter sido atropelada, Liz acorda num camarote de um navio, que partilha com Thandi, uma adolescente da sua idade, que nunca conhecera antes. Liz pensa que está a sonhar, mas só se apercebe de que está morta quando vê o seu funeral, num miradouro do navio. E percebe que ela e a sua nova amiga estão no Outro Lado, um lugar onde os mortos vão ter. Liz vive agora na casa de Betty, a sua avó, que morreu antes de ela nascer. Conhece Owen, um rapaz por quem se apaixona. Porém, Liz tem saudades dos pais, do irmão, da melhor amiga e da vida que todos têm pela frente, enquanto ela está condenada a ver a sua idade decrescer até ser um bebé, perder todas as suas memórias da vida em que é conhecida como Liz, para voltar à Terra e...nascer outra vez. Este é um livro que foca dois conceitos importantes: **a vida e a morte.**

Recomendação

Escolhi este livro, pois acho que obriga os leitores a interrogarem-se sobre o que existirá para além da morte. Trata-se de uma questão que existe desde as primeiras civilizações humanas. Gostei da versão da vida após a morte e da reencarnação que a narradora descreve no livro, pois o leitor sente que vive a morte e as dúvidas de Elizabeth.

Texto 9: INVICTUS, Pedro Esteves, nº17, 11ºB

Data de edição: dezembro de 2011

Biobibliografia

John Carlin nasceu a 12 de maio de 1956, é jornalista e escritor. Carlin é filho de pai escocês e de mãe espanhola e passou os três primeiros anos da sua vida em Londres, antes de se mudar para Buenos Aires. Mais tarde, voltou a Inglaterra onde ganhou um mestrado em língua inglesa e literatura, na Universidade de Oxford.

Iniciou a sua carreira jornalística em 1981, escrevendo sobre futebol, cinema e política. Em Agosto de 2008, publicou o livro *Invictus*. Grande parte da carreira de Carlin tem sido sobre a política da África do Sul. O autor conhece e relaciona-se com Nelson Mandela, ex-presidente Sul-Africano.

Resumo

A África do Sul foi palco de uma das piores perdas de liberdade de um povo. O apartheid, que significa vida separada, considerava os negros como indivíduos menos privilegiados e tratava-os como tal. O regime foi adotado na década de 40 pelos líderes da época. Mandela, um dos principais ativistas do regime antiapartheid, foi preso em 1962 e permaneceu na prisão até 1990. Começou então a arquitetar a sua estratégia que o levaria até a presidência do seu país e à união pacífica entre negros e brancos.

O primeiro desafio foi conquistar os guardas africânderes da prisão, descendentes de holandeses. Para isso, estudou a sua história e língua, valorizando pontos em comum nas trajetórias dos negros e dos africânderes. A principal arma de Mandela era o seu sorriso e o

seu jeito de perceber os seus inimigos como pessoas que não tinham tido escolha. Dizia: "Não lhes falem ao cérebro, falem-lhes ao coração."

Durantes décadas, o rãguebi foi um símbolo do apartheid, quero com isto dizer que a maioria dos jogadores era branca. Mandela precisava que o seu povo acreditasse no "slogan": "uma equipa, um país". Assim, ele teve de demonstrar aos africanos que os jogadores eram a sua equipa e assegurar aos brancos que eles tinham um lugar de direito na nova nação. Para isso, mostrou-se um líder carismático e flexível, capaz de conter os seus aliados e seduzir os seus opositores.

Desde a sua libertação, Mandela passou a estar no centro do mundo, sendo admirado como uma força vital na luta pelos direitos humanos e pela igualdade racial.

Excerto favorito

"Cinco minutos antes do pontapé de saída, Nelson Mandela desceu ao terreno de jogo para cumprimentar os jogadores. Levava a camisola verde – abotoada até à gola – e o boné da mesma cor dos Springbooks. Ao dar por ele, a multidão ficou paralisada. Era como se não conseguissem acreditar no que os seus olhos viam. Então começou um cântico, lento primeiro, depois aumentando rapidamente de intensidade e volume. Aquela multidão de brancos, africanos, clamava como um só homem, como uma só nação, "Nel-son! Nel-son! Nel-son!", vezes sem conta. Aquele homem estava a mostrar que sabia perdoar, sem reservas, e eles, os brancos amantes do rãguebi, mostraram-lhe que estavam dispostos a retribuir e foi assim que o fizeram, cantando."

Comentário

Este livro maravilhoso descreve uma campanha metódica, improvável e brilhante de Mandela para reconciliar brancos e negros, ressentidos e com medo, em torno de um evento desportivo, um jogo de rãguebi. Nelson Mandela representa, como nenhuma outra personalidade viva, o triunfo da dignidade e da esperança sobre o desespero e o ódio. É um político fora do comum. O seu combate permitiu o triunfo da justiça, da moral e da dignidade do homem. Este livro é o testemunho de um herói contemporâneo que tornou possível o milagre da reconciliação de uma nação. Mandela é um ser humano admirável, politicamente esperto ao usar o Campeonato do Mundo de Rãguebi, que estava a ser realizado na África do Sul, para promover a união entre brancos e negros, o que parecia impossível depois de anos sob o regime do apartheid.

É muito interessante conhecer a vida de pessoas que têm o destino nas suas mãos e o transformam. O livro tem várias passagens interessantes que nos fazem refletir.

Assim, podemos concluir que Nelson Mandela é um exemplo para a humanidade.

Texto 10: SALAZAR, João Alves Silva, Nº17, 8ºE
Data de edição: dezembro de 2011

Biobibliografia

Filipe Ribeiro de Meneses é um professor, historiador e escritor português, radicado em Dublin, que nasceu em Lisboa, em 1969. Leciona no Departamento de História da *National University of Ireland*, Maynooth. É autor de, entre outras obras, *União Sagrada e Sidonismo: Portugal em Guerra, 1916-1918* (2000), *Franco and the Spanish Civil War* [Franco e a Guerra Civil Espanhola] (2001) e *Afonso Costa* (2010). Vive atualmente em Dublin, com a sua mulher e dois filhos.

Síntese da obra

Salazar começa com a descrição da vida de António de Oliveira de Salazar, da sua infância em Santa Comba Dão. Salazar pertence a uma família rural, sem grandes dificuldades. Apesar de querer ser padre, mudou de ideias, indo para a Universidade de Coimbra estudar Direito. Segundo o autor, Salazar, nos seus comentários, em vários jornais da época, que eram lidos por pessoas bastante influentes na esfera política do país, criticava a 1ª República, dando sinais que estaria pronto para um cargo administrativo numa ditadura mais evoluída, com menos generais e mais ministros.

Um dia, Salazar recebeu, com surpresa, uma missiva convidando-o a ser Ministro das Finanças. Chegado ao poder, teve carta branca para reequilibrar as contas de Portugal.

Salazar rapidamente conseguiu a Presidência do Conselho de Ministros, graças aos excelentes resultados obtidos nas Finanças.

Com o fim da 2ª Guerra Mundial começou o declínio do regime salazarista. A morte do presidente Óscar Carmona, o início da Guerra Colonial, o aparecimento de oposição organizada com o PCP e a "traição" do presidente Craveiro Lopes, que criticou Salazar e o Estado Novo na Assembleia Nacional, abalaram o regime. Até que acontece o fatídico dia em que Salazar caiu da cadeira. Salazar foi então substituído por Marcelo Caetano, que Salazar considerava demasiado "reformista". Segundo Ribeiro de Meneses, o maior drama da vida de Salazar foi o facto de nunca lhe terem dito que havia sido substituído. Pouco depois, Salazar teve outro derrame cerebral e morreu.

Opinião sobre a obra

Gostei do livro, pois consegue realmente colocar-nos na época e mostrar-nos como Salazar se sentia, as suas decisões, a dificuldade que teve para as tomar. E, no final, é até capaz de criar um sentimento de melancolia para com o ditador, e percebe-se o que Salazar sentiu, sem estar escrito nas linhas do livro. É uma obra que eu recomendo a pessoas que gostem de ler e que, além disso, querem saber mais sobre um das figuras mais marcantes da História portuguesa de sempre.

**Texto 11: *GENTE FELIZ COM LÁGRIMAS*, Susana Fonseca, nº19, 11ºB
Data de edição: dezembro de 2011**

Biobibliografia

João de Melo nasceu em 1949 em São Miguel, uma das ilhas dos Açores, e dez anos mais tarde viajou para Portugal continental, onde concluiu os seus estudos. Em 1971 foi mobilizado para Angola, onde combateu na guerra colonial. Dessa experiência e da sua infância na ilha dos Açores se alimenta boa parte da sua obra literária. A par da sua carreira literária, foi desenhador, sindicalista, jornalista, diretor editorial e professor. Embora tenha escrito ensaios, poesia e crítica literária, destaca-se nas obras de ficção.

Síntese da obra

Este livro conta a história de Nuno e da sua família. Nuno é açoriano e o quarto filho da família. A ação começa com três irmãos, Maria Amélia, Nuno e Luís que nos contam a infância dura que tiveram, numa família que dependia do humor paternal. O pai era um homem violento que espancava os filhos e os considerava apenas braços para trabalhar e ganhar o pão que comiam. A mãe era uma mulher que aceitava esta violência masculina e se limitava apenas a ser dona de casa.

Maria Amélia, a mais velha, tornou-se a figura maternal para os seus irmãos. Com quatro anos, já cuidava dos irmãos, cozinhava e geria a casa. Caso se distraísse era espancada pela mãe, tornando-se assim uma menina triste e uma adulta traumatizada.

Luís, o segundo filho, era um rapaz bondoso que tentava travar a violência do pai para com os seus irmãos e para consigo. Como todos os irmãos, começou por ajudar o pai nas tarefas diárias da quinta desde muito cedo.

Nuno nasceu pequenino, era um menino frágil, de olhos azuis e pele branca. Nuno foi o gémeo que sobreviveu. Era muito protegido por Maria Amélia, era o seu menino.

Para fugirem aos difíceis trabalhos na quinta e à falta de amor dos pais, Maria ingressou num convento em Lisboa, Nuno num seminário e Luís voluntariou-se para a tropa. Anos depois, Maria é expulsa do convento e torna-se enfermeira. Nuno é também expulso do seminário, tornando-se mais tarde professor e um escritor bem sucedido.

A história é igualmente narrada sob a perspetiva de Nuno, que entretanto se casou com Marta. Conhecemos a sua vida e a dos irmãos que se encontram a viver no Canadá, assim como a vida dos seus pais que acabam por morrer nesse país.

Excerto favorito

"Não mais se nos abriram aqueles braços delgados e musculosos que até então nos davam colo e nos inspiravam a ilusão de termos nascido do seu amor. À chegada dum novo bebé, o pai e a mãe passavam a ser os irmãos mais velhos, pois os pais de verdade terminavam aí a sua missão. Amélia, a primogénita, viu-se transformada numa espécie de tia-deusa da

família, para o bem e para o mal: proibida de brincar, sem infância, amada e odiada por todos. Nos olhos dela, perdura ainda uma solidão compassiva e extenuada, dessas que a vida não consegue explicar. O hábito de ser triste culpabiliza nela a própria ideia de felicidade. Tal como nós, não sabe ser feliz sem lágrimas, nem rir sem o remorso da alegria, e isso vê-se-lhe nos olhos.”

Comentário

Na minha opinião, este é um livro triste e violento. Um livro pesado, doloroso e comovente. Ao longo deste livro podemos reparar que, apesar da violência e dos maus tratos dos pais, estes não os conseguiam odiar. Viviam numa esperança, numa fantasia de que realmente eram amados. O mais estranho é que, no meio de toda esta violência, o pai por vezes demonstrava algum afeto pelos filhos. É um livro difícil e duro de ler. Retrata muito bem a violência para com as crianças, numa crítica social atual.

Este livro ensina-nos que, apesar de os anos passarem, as memórias continuam, como no caso de Maria, que se encontra traumatizada. Concluindo, é um livro interessante e comovente, que nos toca no coração. Recomendo este livro a toda a gente, embora seja mais adequado para jovens a partir da nossa idade.

Texto 12: A FILHA DA MINHA MELHOR AMIGA, Filipa Dias, nº 10, 10ºF

Data de edição: janeiro de 2012

A autora

Dorothy Koomson nasceu em 1971 em Londres e é uma romancista contemporânea. Formou-se em psicologia e jornalismo. Escreveu o seu primeiro romance, *Há uma fina linha entre o amor e o ódio*, aos 13 anos. Em 2003, *O efeito cupido* foi o seu romance de estreia a ser publicado. Depois disso, publicou ainda outros romances, entre os quais *Pedaços de ternura*, *Bons sonhos, meu amor* e *O amor está no ar*.

Resumo

O livro inicia-se com um prólogo, com Adele a contar como descobriu a sua doença, terminando então com a frase “Tenho de contar à minha filha que vou morrer!” dita por ela a um estranho que a abraçava enquanto esta chorava, numa estação de comboios.

Desta forma, começa então a verdadeira história. Kamryn fazia 32 anos de idade e recebe um postal de aniversário da sua melhor amiga, Adele, com quem já não falava há dois anos, a dizer para a ir visitar ao hospital. Descobre que Adele está a morrer de um cancro e esta tenta entregar-lhe a custódia da filha, Tegan. Kamryn não aceita, pois o motivo por elas terem deixado de falar dois anos antes tinha sido o facto de Tegan ser filha de Adele e de Nate, noivo de Kamryn nessa altura, devido a um caso de uma noite.

Ainda assim, Kamryn aceita-o e vai buscar Tegan a casa dos seus avós maternos, onde era maltratada, tal como a sua mãe havia sido quando era pequena. Kamryn fica estupefacta pelo aspeto da pequena quando lá chega, mal alimentada e cheia de nódoas negras e isso faz com que se revolte, trazendo então Tiga (apelidada assim, carinhosamente, por Kamryn, a quem ela chamava Ryn) consigo.

No entanto, Adele morre uns dias depois de reaver a sua filha e a sua melhor amiga. Kamryn encarrega-se do funeral da amiga. No funeral, Kamryn encontra pela primeira vez, em dois anos, o seu ex-noivo, Nate, e fica atordoada.

Depois disso, Kamryn e Tegan voltam para casa de Kamryn onde as verdadeiras aventuras começam. Kamryn passa de uma mulher sucedida a uma mãe ainda a aprender a sê-lo. É acusada de ter raptado Tegan num supermercado, por ser uma mulher de cor e ela uma menina branca de cabelos loiros. E conhece o seu novo chefe: Luke. Inicialmente, acha-o um homem intragável mas é forçada a jantar com ele para discutir assuntos de trabalho. Luke conhece Tegan, que logo se mostra aberta à ideia de um “novo amigo” e o passa a incluir em todas as saídas. Foi dessa forma que Luke passou a ser uma peça essencial na vida da mamã Ryn e de Tiga.

Um dia, Kamryn contou a verdade a Nate, pedindo-lhe também autorização para adotar Tegan. A verdade foi ainda revelada a Tegan, que aceitou Nate bastante bem.

O dia de Natal passou a ser o dia de Adele, pelo facto de ser o dia em que ela fazia anos e era passado apenas com Kamryn e Tegan, sendo Luke e Nate deixados de parte.

Apesar de Luke sentir ciúmes do tempo que Nate passava com Kamryn e Tegan, o livro acaba com Nate a tornar-se uma pessoa muito presente na vida da filha e o ódio entre Kamryn e Luke dá início a uma bela relação.

Opinião

A Filha da Minha Melhor Amiga é uma história que realmente nos prende, que nos faz rir e chorar devido às inúmeras situações que retrata. É uma grande lição de vida, que nos faz pensar em atitudes que por vezes tomamos. O livro aborda temas muito concretos e que "dividem" corações, como a morte, a amizade, o amor e o perdão.

Texto 13: À NOITE LOGO SE VÊ, Ivo Camelo, nº10, 11ºB

Data de edição: dezembro de 2011

Biobibliografia

Mário Joaquim Marvão Gordilho Zambujal nasceu a 5 de Março de 1936, em Moura. Mário Zambujal é um escritor e jornalista português, conhecido da maioria dos portugueses como jornalista desportivo na RTP. Colaborou também em programas de rádio, dos quais se destaca "Pão com Manteiga", na Rádio Comercial, com Carlos Cruz. Este escritor e jornalista foi também chefe de redação, colunista de um jornal e diretor de um jornal e de um semanário. Mário Zambujal fez também diversos guiões para filmes. É casado com Natércia Pires Correia e tem filhos.

Mário Zambujal é um bom escritor, com um sentido de humor refinado que passa para os seus livros. Escreveu várias obras, tais como *Histórias do Fim da Rua*, *Crónica dos bons malandros*, *À Noite Logo se Vê*, entre outros.

Resumo

A obra relata a história de Guilhermino Miralva, investigador de fenómenos sobrenaturais, sempre à procura de explicações para acontecimentos inexplicáveis.

Guilhermino Miralva, mais conhecido por Mino, é contactado por C.H. para investigar o inquietante mistério do Roseiral. O mistério que C.H. queria que Mino investigasse era nada mais, nada menos, do que quatro anos inteiros sem nascer uma criança, na aldeia do Roseiral. Mino, que também é o narrador, aceita a proposta e parte em busca da resposta para este mistério, passando por vários episódios.

Mino tenta falar com um repórter de desgraças que esteve na aldeia, para descobrir se este sabia o motivo pelo qual não havia, ali, nascimentos de crianças. O repórter não sabia de nada, mas prendeu Mino com as suas histórias sobre diversos desastres.

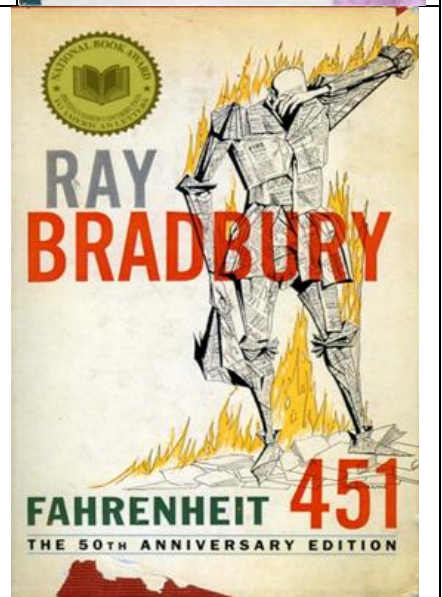
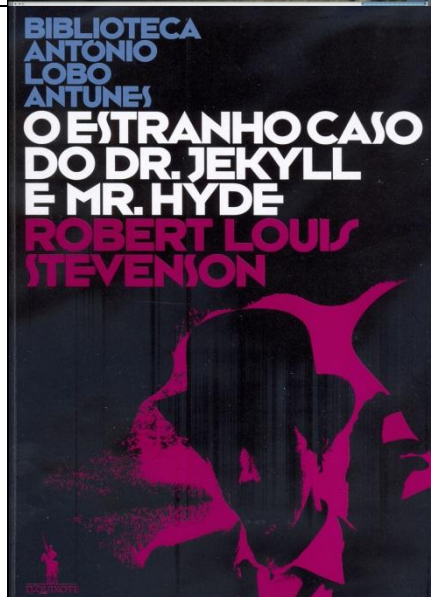
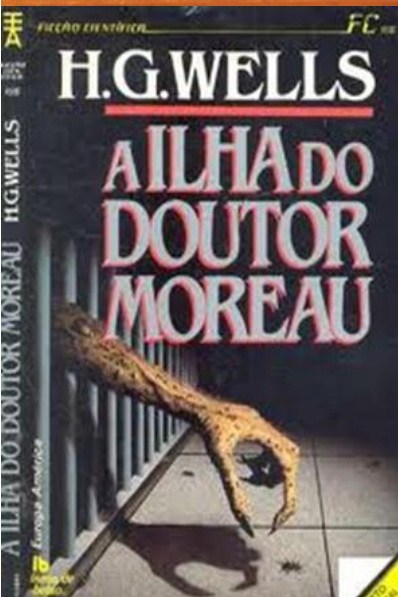
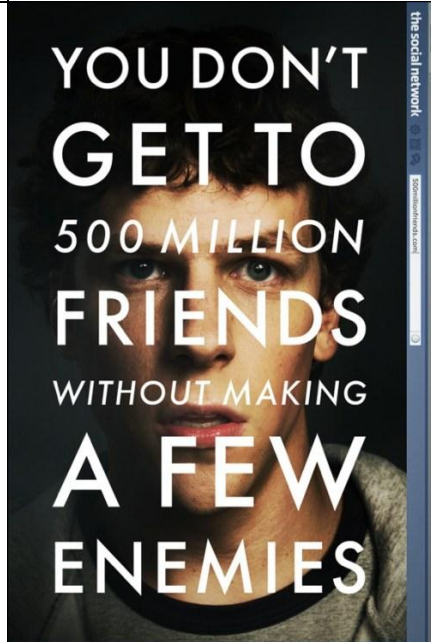
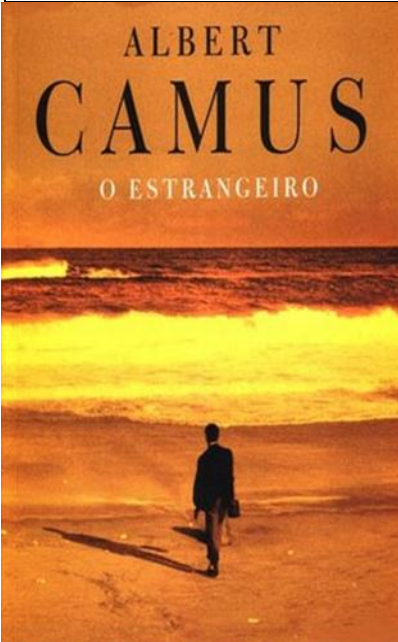
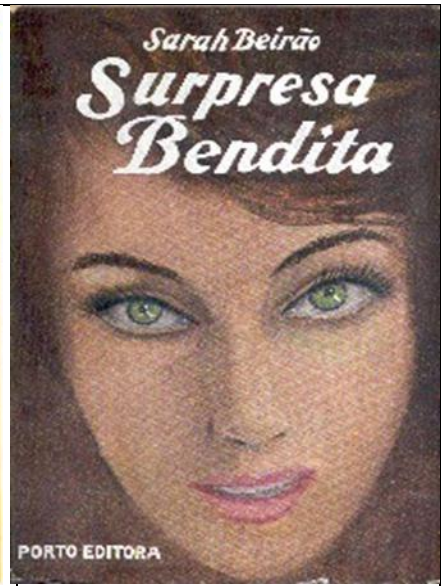
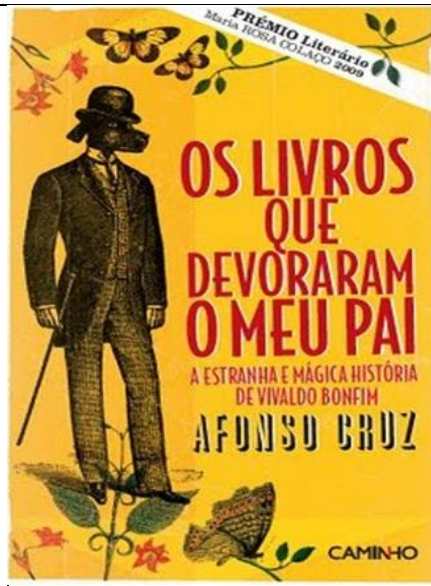
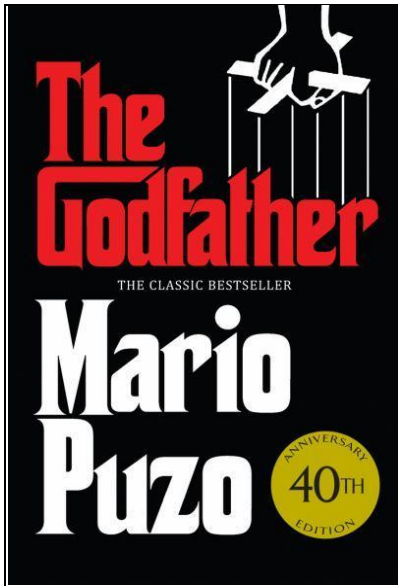
C.H. telefona a Mino dizendo que existe uma mulher fantasma em sua casa que aparece à noite. Passados dias, C.H. contacta, novamente, Mino, marcando um jantar. Nesse jantar, conta-lhe que o fantasma da mulher desapareceu e que, por isso, foi à procura dele. Ouviu milhares de passos até que descobriu a dona dos mesmos. Começaram a conversar e, mais tarde, acabaram por ficar noivos. C.H. acrescenta, ainda, que o fantasma que estava lá em casa é da mulher com quem ele vai casar em vidas anteriores, mas esta não sabe disso.

No final, descobre-se que o mistério do Roseiral é insolúvel. Tal como o narrador afirma no início, "Todo o mistério tem explicação. A explicação é que pode ser inexplicável".

Opinião

Eu escolhi este livro, pois foi-me recomendado por alguns amigos e familiares, que já tinham lido livros de Mário Zambujal. A obra tem uma escrita simples, característica de todas as obras de Mário Zambujal, encaixando-se perfeitamente na maneira de ser do autor: um homem simples e bem-humorado. O seu modo de escrever permite-lhe cativar um público abrangente, pois é capaz de agradar tanto aos mais novos como aos mais velhos. Outro dos aspetos a referir desta obra é a comédia, uma comédia inteligente.

Recomendo esta obra a todas as pessoas, pois é muito interessante.



Texto 14: CÃO VELHO ENTRE FLORES, Miguel Sousa, nº13, 11ºB
Data de edição: dezembro de 2011

Biobibliografia

Baptista Bastos nasceu em Lisboa, a 27 de Fevereiro de 1934. Jornalista de profissão, frequentou a Escola de Artes Decorativas António Arrojo e o Liceu Francês. Começou o seu percurso profissional em *O Século*, tendo passado pela RTP e pertencido a redações de vários jornais. Apresentou no canal SIC o programa *Conversas Secretas* e fez, para a SIC-Notícias, um programa de entrevistas, *Cara-a-Cara*. Em 1999, realizou uma série de dezasseis entrevistas para *O Público*, subordinadas ao tema: Onde é que você estava no 25 de Abril? Entre as suas obras destacam-se *O Secreto Adeus*, *As Palavras dos Outros* e *Cão velho entre flores*. Recebeu alguns prémios, como por exemplo o Prémio Literário do Município de Lisboa. Tem também muitas das suas obras traduzidas em várias línguas.

Resumo da Obra

Havia uma cidade adormecida, na 2ª Guerra Mundial. Essa cidade era Lisboa. O que se sabia da guerra eram notícias de jornal e relatos na rádio. Uma guerra lá fora, mas que divide famílias cá dentro. Uma dessas famílias é a de Manuel, que tem uma vida terrível, os pais, os avós e os tios não se entendem. Com a Guerra, começa também a guerra em casa. O tio e a mãe de um lado e o pai e o avô do outro. A Guerra acaba por durar toda a narrativa e está sempre presente, assim como a outra guerra, a da sobrevivência de Manuel, que parece começar quando o seu avô morre, o cão velho entre flores. Esse avô que mais não era do que um dos cães velhos dos campos que, quando pressentem a morte, procuram as terras onde há flores para morrerem mais à vontade.

Esta morte acaba por ser o início da procura de Manuel pelas suas flores. Indesejado pela família da mãe é abandonado pelo pai depois da morte da mãe. Consegue depois voltar a estar com o pai, mas este junta-se com uma mulher, a mãe do João, e não quer saber dele. Manuel acaba por se refugiar no apoio do João e num mágico lá do bairro, com os quais sobe aos telhados e aprecia a cidade.

Apreciação

Trata-se de uma obra agradável de ler, apesar da toda a tristeza e desolação. Enquadrei-me nesta obra pelo facto de, tal como na história, o meu avô ter morrido, o que me deixou desorientado, visto que tinha com ele uma ligação forte, tal como o Manuel. Fez-me lembrar um pouco a minha vida naquela altura, o que me emocionou.

A história evidencia a lembrança de uma infância infeliz e dura, em que uma morte abala a vida, bem como o desinteresse de toda a família por Manuel. Isso mostrou-me que frequentemente dramatizamos a nossa vida exageradamente, muitas das vezes sem razão nenhuma, em comparação com a situação do Manuel.

É uma obra um pouco complicada de se entender, pois os capítulos são curtos e descrevem breves momentos da vida de Manuel, mas só com a continuação da leitura é que se percebe o significado de certos acontecimentos.

Por tudo isto, é uma obra que recomendo vivamente a qualquer pessoa.

Texto 15: UM AMIGO QUE É LIVRO, Ângelo Teixeira, nº9, 8ºC
Data de edição: janeiro de 2012

O livro é um irmão mais velho, porque nos acompanha, nos aconselha e nos ensina. Com ele, vemos o mundo de outra forma, questionando-nos sobre o que nos rodeia.

Este sábio amigo é uma espécie de droga, é viciante, mas não prejudicial à saúde, pelo que o podemos consumir as vezes que quisermos.

Esta preciosidade também é um avô que tem sempre histórias para contar e coisas a ensinar. Quer as personagens sejam fadas e príncipes, ou heróis de verdade, o livro será aquele melhor amigo que nos distrai nos momentos mais difíceis.

Quando mais precisares, o sábio livro branco, preto, azul, vermelho, verde ou até cor-de-rosa lá estará. O Ministério da Educação recomenda: lê mais, sente-te melhor!

Texto 16: MORTE NAS NUVENS, Renato Cruz, nº22, 10ºF
Data de edição: dezembro de 2011

O avião partiu de Paris com destino a Croydon. Nesse avião, no compartimento de trás, viajavam 11 passageiros. Madame Giselle; James Ryder; Monsieur Armand Dupont; Monsieur Jean Dupont; Daniel Clancy; Hercule Poirot; Doutor Bryant; Norman Gale; Condessa de Horbury; Jane Grey; A Venerável Venetia Terr. Os passageiros eram acompanhados por dois comissários de bordo, Henry Mitchell e Albert Davies.

Durante a viagem ocorreu um homicídio, Madame Giselle fora assassinada. Após uma viagem pouco atribulada, tirando o facto do aparecimento de uma vespa posteriormente morta por um dos passageiros, acontece este crime. No avião foram encontrados vários objetos como uma zarabatana e um dardo preto e amarelo, com veneno de cobra.

Este acontecimento é seguidamente investigado com a participação ativa de Hercule Poirot, investigador e passageiro do avião. Decorre então uma investigação pormenorizada e, através dela, alguns dos passageiros foram descartados da hipótese de serem os criminosos. São destacados Daniel Clancy, Monsieur Jean Dupont, Norman Gale e Anne Morisot, filha e herdeira de Madame Giselle.

Depois de analisados os principais suspeitos, declara-se culpado Norman Gale, que era dentista e pretendia casar com Anne Morisot, para ficar com a herança de Madame Giselle.

O crime foi cometido de maneira muito discreta. Norman Gale levantou-se do seu lugar e, nos lavabos vestiu a sua bata de dentista para ser confundido com os comissários de bordo. Foi à cozinha buscar uma colher como pretexto da aproximação à vítima. Quando se debruçou sobre a mesma, espetou o dardo no pescoço de Madame Giselle e soltou a vespa que se encontrava na caixa de fósforos, de maneira a baralhar a investigação, sendo uma picada da vespa a causa do crime.

Texto 17: O LADRÃO DA ETERNIDADE, João Reis, nº15, 10ºB
Data de edição: dezembro de 2011

Biobibliografia

Clive Barker é um escritor, ator, pintor e dramaturgo inglês conhecido pelas suas obras que se integram na categoria de literatura fantástica e de terror. O escritor nasceu em Liverpool, no dia 5 de outubro de 1952, mas atualmente vive em Los Angeles com o seu cônjuge David Armstrong. Clive Barker entrou na Universidade de Liverpool para estudar literatura inglesa e filosofia, mudando-se aos 21 anos para Londres, onde criou uma companhia de teatro para produzir as suas peças. O escritor ganhou reconhecimento público com o lançamento da saga denominada "Livros de Sangue" nos anos 80; no entanto, a verdadeira fama surgiu nos Estados Unidos, quando Stephen King afirmou ter visto o futuro do terror em Clive Barker. Alguns dos seus livros são *O Ladrão da eternidade*, *Mister B. Gone* e o mais recente *Absolute Midnight*.

Resumo

O livro retrata a história de um jovem com 11 anos – Harvey – que se encontrava aborrecido, pois queria ir brincar para a rua, mas a chuva e o vento impediam-no. Enquanto observava a rua, avistou uma figura que se dirigia velozmente na sua direção. Assustado, Harvey recuou enquanto a figura misteriosa entrava no seu quarto e, com uma simpatia quase divinal, afirmou chamar-se Rictus e que a sua função era convidar crianças como Harvey a divertir-se na Casa de Férias.

Rictus, sempre com um sorriso rasgado, convida então Harvey a passar uns dias na tal Casa, salientando já ter falado com os pais do jovem. Harvey seguiu Rictus até à Casa das Férias, onde foi recebido por uma cozinheira muito simpática e por duas crianças que se tornaram grandes amigas suas, Lulu e Wendell. O tempo passava e Harvey e as crianças continuavam na Casa, na qual todos os dias se sucediam as quatro estações do ano. Certo dia, Harvey apercebeu-se que uma porta escondida na Casa se encontrava sempre fechada e decidiu questionar a cozinheira. A personagem afirmou que lá habitava o dono da casa – Senhor Hood - que era um homem supostamente velho mas muito poderoso e o responsável

por toda a magia da casa, desde as prendas que recebiam todos os dias, até aos próprios cozinhados dela e às enigmáticas quatro estações diárias .

Harvey começou assim a ponderar voltar para casa, pois começava já a ter medo do tal Hood e da sua poderosa magia. O jovem pediu assim a Wendell para se irem embora juntos, mas ao tentarem fugir confrontaram-se com uma nuvem que os envolvia sempre que eles tentavam avançar para a saída, parecendo ter braços, pois puxava-os novamente para trás com Rictus e os seus três irmãos malvados. Viram-se, assim, na necessidade de elaborar um plano de fuga. Os dois jovens conseguiram com muitas dificuldades enganar os quatro irmãos e a nuvem e fugir em plena noite, matando ainda um dos irmãos que, ao entrar no mundo exterior, se evaporou. Nessa noite, Harvey despediu-se de Wendell e voltou para casa, mas ao entrar na mesma, deparou-se com duas pessoas muito velhas que ao avistá-lo alegraram os seus rostos – eram os seus pais. Os trinta dias que os jovens passaram lá na Casa, eram afinal 30 anos que Hood lhes roubara. Wendell, também assustado com a situação, decide contactar Harvey de modo a voltarem à Casa das Férias para destruir Hood e recuperarem os seus anos perdidos. O problema é que, mal entraram na Casa, a magia começou a envolvê-los e Wendell perdeu-se na mente de Hood. Perante isto, Harvey teve de derrotar sozinho Hood e os três irmãos. O rapaz ofereceu então um bolo a um dos irmãos e este, na ignorância, comeu-o, esquecendo de que era feito de pó, tal como os outros. De seguida, o rapaz defrontou a irmã cujos poderes eram transformar as crianças naquilo que elas queriam, mas o feitiço virou-se para ela, pois Harvey apenas queria ser como era. Apenas faltava Hood e Rictus, e Harvey sabia que apenas Rictus o podia levar ao quarto fechado. Harvey, mal entrou no quarto, afirmou que tinha um último desejo e que Hood o satisfaria em troca da alma do rapaz. Esse desejo era ter as quatro estações juntas ao mesmo tempo. Hood não sabia onde o jovem queria chegar e realizou o seu desejo, mas a energia libertada pela magia foi tal que destruiu a casa e os vilões.

Finalmente, tanto Harvey, como Wendell, Lulu e a cozinheira, ficaram livres do poder de Hood e retornaram para as suas vidas. E o tempo voltou a estar equilibrado!

Opinião

Na minha opinião, o livro é bastante interessante e apesar de a história poder parecer relativamente simples é muito envolvente levando o leitor a querer continuar a ler. É um livro deveras fantástico e cheio de mistérios. Aconselho-o a todos os leitores que gostem de histórias de ação e aventura, com uma pitada de terror!

Texto 18: *DIZ QUE ÉS UM DELES*, Catarina Silva, nº4, 12ºA

Data de edição: fevereiro de 2012

O autor

Uwem Akpan nasceu a 19 de maio de 1971 em Ikot Akpan Eda, no sul da Nigéria e é jesuíta, padre e escritor. Em 1990, ingressou na Ordem dos Jesuítas e tornou-se sacerdote em 19 de julho de 2003. Estudou filosofia e inglês na universidade de Creighton e Gonzaga, e depois tirou o curso de Teologia na universidade católica da África Oriental. Em 2006, fez um mestrado em produção textual na universidade de Michigan. Em 2007, começou a lecionar num seminário em Harare, no Zimbabwe. Venceu vários prémios literários. Em 2008, lançou o livro "Diz que és um deles", escolhido, em 2009, pelo clube de Oprah Winfrey como um dos melhores livros de ficção já publicados. Em 2010, lançou o seu segundo livro "Antes de ir a Gabão".

Síntese

O livro reúne cinco contos em que as crianças são guiadas no meio da tragédia humana. As cinco histórias – passadas na Nigéria, Quênia, Etiópia, Benim e Ruanda – falam das vidas arriscadas das crianças africanas e da luta pela sobrevivência, da forma como elas são tratadas e obrigadas a trabalhar e a viver em condições extremas.

O primeiro conto fala de uma família de 8 pessoas (pai, mãe, Maisha – 13 anos, Naema – 10 anos, Jingana – 8 anos, gémeos – Otieno e Atiano – 2 anos e o bebé) com diversas dificuldades financeiras. Vivem em condições extremas, sem um local de habitação com as mínimas condições; não tinham o que vestir, a não ser o que era achado no lixo – como sacos de papel, roupa rota, entre outras – ou o que as raparigas mais velhas compravam

quando podiam, e a sua alimentação (exceto a dos gémeos, do bebé e das raparigas) baseava-se em álcool e numa mistura chamada *Kabire*, de cola de sapatos New Suntun (uma espécie de caviar) que era "snifada".

Maisha e Naema são obrigadas a prostituírem-se para pagar as propinas, farda, material escolar e alimentação do irmão (que é o único que pode ir à escola). Elas são obrigadas a "fazer" o que os *musungu* ("homens brancos") querem, são violadas, espancadas, mal tratadas e têm de dar todo o seu dinheiro à mãe. Além da prostituição, Naema, juntamente com Jingana, é obrigada a mendigar usando o bebé como "isco".

A "mãe" apenas pensava no dinheiro que viria para a família; insulta indecorosamente as filhas, chamando-lhes "*malayas*" e "*chulas*" e o "pai", desempregado mas profissional "*na arte de fazer magia com carteiras*", dorme todo o dia e apenas rouba as carteiras dos *musungu* quando as filhas vão trabalhar.

Toda a história é passada no natal que é uma época de grande afluência de *musungu*. Nestes dias, as raparigas são obrigadas a trabalhar durante 3 dias seguidos (cerca de 70 horas) para que possam angariar mais dinheiro do que o normal. É uma época bastante religiosa, em que todas as famílias seguem um ritual, pegam numa bíblia e começam a dizer o nome de parentes, defuntos e vivos para que estes tenham o reconhecimento devido à instabilidade da vida nas ruas. Naema consegue bastante dinheiro a mendigar e com a prostituição, mas, em contrapartida, Maisha decide abandonar a família, pois está farta de toda a exploração. Antes de ir embora com os turistas, reúne algum dinheiro que entrega à família e oferece um "festim de natal".

O segundo conto, intitulado "Na engorda para Gabão" engloba o tráfico humano, nomeadamente o de crianças e a forma como grandes recompensas são usadas. É um conto que mostra como as crianças africanas não passam de moedas de troca e como os "*agbero*" (contrabandistas) são muito usuais por estas bandas.

O terceiro conto, intitulado "Que conversa é essa?" engloba a religião, a forma como esta afeta uma amizade e como as pessoas lucram com a religião. Também mostra como é fácil trair alguém e como as crianças são apanhadas no meio de conflitos.

O quarto conto, intitulado "Carrinhas funerárias de luxo", engloba a guerra e a violência que o povo sofre por parte do governo, devido a conflitos religiosos. Os militares mostram que não "olham a meios para atingir fins".

Por fim, o quinto conto, intitulado "O quarto dos meus pais", engloba assuntos étnicos, religiosos e "Juju" (magia). Neste conto fala-se de uma outra forma de ganhar dinheiro através das crenças das pessoas e usando as crianças como "isco" para atrair clientes.

Texto de opinião

Este livro foca alguns dos grandes dramas, não só de África, como de todo o Mundo, nomeadamente o tráfico de crianças, os conflitos étnicos e religiosos e a prostituição infantil. É um livro que alerta para este tipo de situações e para o estado do continente africano, de uma forma que poucos conhecem, com violência e desprezo.

Trata-se, de facto, de uma história que nos faz pensar sobre o valor de pequenas coisas que vivemos diariamente, que nos faz valorizar a nossa família, estatuto social e o local onde vivemos e, acima de tudo, nos faz pensar nos "erros" que cometemos.

Com este livro pude conhecer uma outra parte do "mundo", como a sociedade está dividida, no modo de vida e nas condições em que várias pessoas, nomeadamente crianças africanas, vivem e sobre o que têm de fazer para sobreviver mais um dia.

Com este livro, aprendi a dar mais valor àquilo que tenho e a valorizar a minha vida, pois este livro mostra um continente nunca imaginado. Nós vivemos num "mundo a cor-de-rosa" e não imaginamos como coisas ditas "banais", como uma camisola ou um pedaço de pão podem ser como um tesouro noutras partes do mundo. Devemos ficar alerta para o que fazemos e como podemos ajudar outras crianças que são iguais a nós.

Por fim, através da leitura, como me aconteceu com este livro, podemos conhecer novos locais, novas histórias, imaginar, sonhar, progredir, encontrar soluções para os nossos problemas, melhorar a nossa cultura, conhecer, inspirar-nos para criar ... Os livros são uma constante aventura, "abrem novas portas" para a vida ... para aprendermos a valorizar a vida que temos.

Texto 19: BIOBIBLIOGRAFIA DE FLORBELA ESPANCA, Helena Giesta, nº12, 10ºF
Data de edição: janeiro de 2012

Razões da escolha

Elegi a poetisa Florbela Espanca para apresentar a sua biobibliografia. Os motivos que me levaram a fazê-lo foram: a sua extraordinária sensibilidade com as palavras, a sua relevante intervenção no âmbito da emancipação das mulheres em Portugal e ainda, o facto de o seu percurso de vida ter passado pelo concelho de Matosinhos.

Biobibliografia

Flor Bela de Alma da Conceição, assim foi batizada, nasceu no dia 8 de dezembro de 1897, em Vila Viçosa. Esta era filha ilegítima de João Maria Espanca e da sua empregada, Antónia da Conceição Lobo. Esta poetisa portuguesa foi registada como filha de pai incógnito e só após 19 anos da sua morte, o seu pai a perfilhou. Apesar do demorado reconhecimento por parte paterna, Florbela Espanca juntamente com o seu irmão de sangue, Apeles Espanca, foi criada e educada pela sua madrastra e seu pai, uma vez que quando esta tinha 11 anos de idade ficou órfã de mãe.

No seu aniversário, em 1913, casou-se pela primeira vez com Alberto Moutinho.

Em 1917 concluiu o curso dos liceus, em Évora. Uns anos mais tarde, mudou-se para Lisboa e estudou na Faculdade de Direito tornando-se a primeira mulher portuguesa a frequentar este curso. Escreveu pontualmente para o jornal *Notícias d' Évora*.

Depois de seis anos de casamento Florbela Espanca sofreu um aborto involuntário, facto que a inspirou para a escrita de *Livro de Mágoas*. Por esta altura, esta brilhante poetisa começou a apresentar alguns sinais de desequilíbrio emocional. Em 1921, começou a lidar com o preconceito presente na sociedade devido à separação do seu marido, algo que naquela altura não era bem visto pela comunidade. Passado um ano, casou-se com António Guimarães. Florbela Espanca sofreu, novamente, um aborto e o seu companheiro pediu-lhe o divórcio. No ano de 1925, esta sofredora poetisa casou-se com Mário Lage, vindo viver para Matosinhos.

Nessa altura, recebeu, através de uma carta, a triste notícia da morte do seu irmão, por quem tinha desenvolvido grandes laços de afetividade.

Após 2 tentativas de suicídio em 1930, acabou por se suicidar no dia em que completava 36 anos de idade, em Matosinhos, depois de descobrir que tinha um edema pulmonar. Grande parte da sua obra foi publicada após a sua morte.

Texto 20: OS LIVROS QUE DEVORARAM O MEU PAI, Francisca Santos, nº10, 10ºE
Data de edição: fevereiro de 2012

Biobibliografia

Afonso Cruz nasceu na Figueira da Foz, em julho de 1971. Para além de escritor, também é realizador de filmes de animação, ilustrador e compositor na banda de blues "Roots The Soaked Lamb". Estudou na Escola Secundária Artística António Arroio, nas Belas Artes de Lisboa e no Instituto Superior de Artes Plásticas da Madeira.

Atualmente vive com a sua família num monte alentejano. Em 2008 publicou o seu primeiro romance, *A Carne de Deus*, em 2009 *Enciclopédia da Estória Universal*, livro contemplado com o Prémio Camilo Castelo Branco e *A Boneca De Kokoschka*. Enquanto ilustrador, participou, em 2007, nos livros *O Dia Em Que Mataram o Meu Pai*, e *O Livro Com Cheiro a Baunilha*. Em 2008, ilustrou *Os Cromos da Bola* e a sua mais recente ilustração data de 2011, em *Era Uma Vez Um Rei Que Abraçou o Mar*.

Resumo

Este livro conta a história de Elias, um rapaz que, quando fez doze anos, recebeu como presente de aniversário um sótão recheado de livros, todos eles já lidos pelo seu pai Vivaldo Bonfim. Desde que Elias começou a devorar esses livros, vivia em dois mundos diferentes. Um deles era o mundo irreal, no qual os livros e as palavras pareciam ter vida própria, o outro mundo era o da realidade. Elias, através dos livros, ia viajando à procura do seu pai, que tinha desaparecido, perdido na sua própria leitura.

No seu mundo real, Elias tinha uma paixão por uma linda rapariga, chamada Beatriz, que por sua vez estava apaixonada pelo seu melhor amigo, o Bombo, que era um rapaz obeso com diabetes, tipo1, que acabou por se suicidar (por excesso de glicose). O que provocou esta tragédia foi, de certa forma, a atitude do Elias que o maltratou, por causa do ciúme do amor deste e da sua amada, Beatriz.

Quanto ao seu pai, não teve qualquer notícia, apesar de ter tido a sensação de ter estado muito próximo de o encontrar. No entanto, as suas pistas não resultaram!

Mas nada ficou perdido, pois Elias aprendeu que, tal como as histórias dos livros podem ser alteradas, o seu futuro também o poderia ser. Assim, poderia viver uma vida melhor, sem ter de ficar preso ao passado e às suas tristes memórias.

Opinião de leitora

Achei *Os Livros Que Devoraram o Meu Pai* uma obra bastante cativante e de leitura fácil. O decorrer da leitura deu-me a conhecer outros livros dentro desta história de fantasia como *A Ilha do Dr. Moreau* (que nos leva para uma remota ilha com um cientista que faz manipulação genética, para criar uma raça perfeita de seres humanos), escrito por H. G Wells; *O Estranho Caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde* de Robert L. Stevenson (esta obra é conhecida pela representação de múltiplas personalidades dentro da mesma pessoa, ou seja, existe tanto uma personalidade boa, quanto uma personalidade má) e por fim, *Fahrenheit 451*, criado por Ray Bradbury (um romance que apresenta um futuro onde todos os livros são proibidos, opiniões próprias são consideradas antissociais e o pensamento crítico é suprimido).

Texto 21: O PADRINHO, Miguel Brito, nº18, 10ºD

Data de edição: fevereiro de 2012

O escritor

Mário Puzo é um escritor de origem norte-americana e siciliana, tendo nascido em 1920 em Nova Iorque. Cresceu num bairro desfavorecido em Manhattan, "Hell's Kitchen". Desde jovem começou a interessar-se pela literatura. Já mais velho anunciou à família que queria ser escritor. Esta notícia foi recebida como sendo uma loucura da sua parte.

Escreveu o seu primeiro conto, *The Last Christmas*, em 1950, para a revista *American Vanguard*. Escreveu ainda os romances *The Dark Arena* e *The Fortunate Pilgrim*, recebidos de forma banal pela crítica e pelo público. Finalmente, chegou uma proposta para escrever um livro sobre a máfia, *The Godfather*, enquanto trabalhava como jornalista. A partir desse momento ficou famoso. Continuou a escrever, mas doravante sempre seguido pelos olhares da crítica e do público.

Síntese

O livro retrata uma das famílias da máfia mais influentes em Nova Iorque, nos anos quarenta (pós II Guerra Mundial), sendo porém de descendência Siciliana (Itália). Da família Corleone fazem parte: Don Vito Corleone, Santino "Sonny" Corleone (filho), Frederico "Fredo" Corleone (filho), Michael Corleone (filho), Connie Corleone (filha), e ainda o filho adotivo Tom Hagen.

Esta família é possuidora de vários negócios bastante lucrativos, como o do azeite, da construção e imobiliárias, do jogo, etc. Don Vito Corleone é um inteligente mafioso, que considera a amizade o mais importante. Quem tiver algum tipo de problema/infortúnio, deve ir falar com Don Corleone que a questão será resolvida brevemente, apenas terá de mostrar amizade e gratidão. Don Corleone poderá, a qualquer momento, cobrar esse favor. Don Corleone é famoso por não falhar nunca com o que se compromete. Tendo influência em indivíduos com cargos elevados, desde juizes a políticos, é uma das famílias mafiosas nova-iorquinas mais influentes e importantes.

A certa altura, Don Corleone é confrontado por um mafioso (Sollozo) com a proposta de introduzir o negócio da droga em Nova Iorque, sendo preciso uma ligeira ajuda da parte de Vito Corleone para assegurar a entrada da droga na cidade e o financiamento para o arranque do negócio. Em contrapartida, Don Corleone receberia cinquenta por cento dos lucros. No entanto, Don Corleone recusa, argumentando que as pessoas a quem teria de

pedir para que a droga entrasse sem problemas, viam o negócio da droga como um negócio "sujo" e isso poderia afetar os seus outros negócios. Com esta decisão inicia-se uma guerra entre "Famílias", incluindo atentados a Don Corleone. Até que o seu filho, Michael Corleone, (único fora dos negócios da família), um herói de Guerra, entra para este mundo e fica com o comando dos negócios da família, tornando-se um homem ainda mais frio e calculista que o próprio pai, transformando-se num verdadeiro Don.

Crítica

Na minha opinião, este livro é um clássico. Tem uma história absolutamente fascinante, que nos agarra a partir da primeira página. Quem o começa a ler não consegue parar. A violência do enredo e das personagens é avassaladora, porém ao mesmo tempo super cativante. A forma como está escrito é também digna do adjetivo formidável. Sendo famoso pelas descrições, este livro faz-nos ver as ações a decorrerem, parecendo que somos transportados para aquela época e para aquela história da máfia. À medida que vamos lendo, cada vez mais mergulhamos no enredo e nas personagens. O escritor não eufemisa nada, construindo uma história violenta, mas ao mesmo tempo realista e extremamente cativante. Algo que considero interessantíssimo é a "mística" que a meu ver existe sobre a máfia siciliana, e que é retratada neste livro de uma forma exemplar, demonstrando a frieza, a forma de agir e pensar de um mafioso. O único aspeto negativo é que por vezes as descrições são repetitivas e podem maçar o leitor.

Texto 22: SURPRESA BENDITA, Sara Dias, nº22, 10ºD
Data de edição: fevereiro de 2012

Biobibliografia

Sarah de Vasconcelos Carvalho Beirão (29 de julho de 1880 — 21 de maio de 1974), mais conhecida por Sara Beirão, foi uma escritora, publicista, ativista dos direitos das mulheres, que se distinguiu no panorama cultural e político de Portugal durante as décadas de 1930 e 1940. Produziu uma obra diversificada. Aos 18 anos já escrevia. Foi a instituidora da fundação que deu origem à primeira Casa do Artista em Portugal. Foi ainda uma destacada dirigente do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, instituição liderante na defesa do sufrágio feminino e dos direitos políticos das mulheres. Escreveu *Amores no Campo; Serões da Beira; Sozinha; Os Fidalgos da Torre; Surpresa Bendita; Solar da Boa Vista; Alvorada; A Luta; Prometida; Um Divórcio; Triunfo; Raul*.

Síntese

Eram novos e ricos, compreendiam-se. Unira-os um casamento de amor. Após tão festejado acontecimento, instalaram-se na Quinta das Fragas. Bernardo e Constança gostavam da solidão. Certo dia, receberam um telegrama: o irmão de Constança falecera num acidente de viação juntamente com sua mulher, deixando um filho de apenas cinco meses. O casal partiu de imediato para Itália, acabando por perfilhar o sobrinho. Não viam outra coisa senão a encantadora criança. Cinco anos se passaram e Constança ficou doente e de cama. Depois de ter sido vista por um médico, este disse-lhe que estava grávida. Passados nove meses, nasceu Branca. Os anos iam passando e o casal fazia planos para o futuro de Jorge e de Branca. No entanto, nenhum dos dois sabia que eram primos. Certo dia, Jorge descobriu toda a verdade e confrontou o tio que lhe contou tudo o que se tinha passado. Jorge admitiu gostar de Branca, mas preferiu esperar. Como de costume, numa manhã de sábado, foram dar um passeio a cavalo, quando encontraram um acampamento de militares. Bernardo reencontrou um amigo seu de infância, o Medina, que acabará por se tornar coronel. O reencontro foi estupendo e o coronel apresentou o seu filho, Henrique, ao velho amigo e aos seus filhos. Conviveram e Henrique e Branca davam-se muito bem. No entanto, o coração de Jorge sentia-se despedaçado. Henrique e Branca acabaram por se apaixonar e o coronel queria casá-los de imediato. Mas Bernardo e Constança queriam esperar mais um ano (na realidade pensavam que era apenas um amor passageiro). Passado um ano, nada tinha mudado. Jorge andava tristíssimo e o coração dos tios partia-se ao vê-lo assim. Mas os dois jovens continuavam apaixonados e acabaram por se casar. Entretanto, Jorge foi viver para Itália. Passados dois anos, Henrique recebeu uma carta a dizer que tinha

de ir para a guerra e pediu a Jorge para voltar para junto da irmã para a apoiar. E assim foi. Alguns meses depois, Sampaio, um amigo da família, trouxe uma notícia terrível: Henrique falecera na guerra. Após esse horrível acontecimento, os pais contaram toda a verdade a Branca sobre o facto de ser prima de Jorge e não sua irmã. Ela ficou chocadíssima, pois todos sabiam que Jorge teria sido a sua primeira inclinação se não fossem irmãos. Mas o que o vento leva o vento traz, e assim foi, os dois acabaram juntos.

Opinião

Ler este livro foi um grande desafio. Para dizer a verdade, cheguei a pensar em mudar para um livro de Agatha Christie. Contudo, depois de começar a leitura, já não consegui parar. Durante quatro noites foi o meu "vício" (o livro é cativante e lê-se rapidamente). Foi a primeira vez que li um livro do género romance. Fiquei surpreendida por ter gostado. A história está bem estruturada, é lindíssima, cheia de compaixão, compreensão e sobretudo de amor ao próximo. Se tivesse que avaliar este livro, dar-lhe-ia nota máxima. Surpreendeu-me pela positiva, alargando os meus conhecimentos, mostrando-me um pouco do século passado. Portanto, posso afirmar: "Surpresa Bendita".

Texto 23: O ESTRANGEIRO, Telmo Silva, nº25, 10ºE

Data de edição: fevereiro de 2012

O Autor

Albert Camus foi um escritor e filósofo francês. Nasceu na Argélia, em Mondovi, a 7 de novembro de 1913, tendo falecido num acidente de automóvel em janeiro de 1960.

Com a invasão da França, ingressou na Resistência e tornou-se redator do jornal *Combat*. Entretanto, o seu nome subira ao primeiro plano das Letras francesas e mundiais. Em 1957 recebeu o Prémio Nobel da Literatura, uma consagração que veio a realçar o trabalho feito por este escritor, ao longo da sua carreira. Para além de *O Estrangeiro*, a sua bibliografia inclui *O Averso e o Direito*, *O Mito de Sísifo*, *Núpcias*, *o Homem Revoltado*, *O Verão* e ainda a participação em *Reflexões sobre a pena capital*, escrito em colaboração com Arthur Koestler. É necessário acrescentar que, para além destes sucessos literários, escreveu também alguns importantes artigos de imprensa.

Síntese

O livro retrata a vida da personagem Meursault, um homem sensível, cuja felicidade se baseia numa rotina que o próprio segue religiosamente.

No início da história, este enfrenta a morte de sua mãe, com uma estranha indiferença. Meursault descobre, nesse mesmo dia, que a sua mãe tinha um noivo no lar onde habitava. Vem-lhe um sentimento de dúvida, pois não compreende o porquê de a sua mãe ter criado uma íntima amizade com alguém quando estava prestes a morrer.

Meursault, depois do funeral de sua mãe, inicia uma relação amorosa com uma rapariga, Maria, e redescobre a amizade com um dos seus vizinhos (Raimundo). Esta amizade acaba por lhe trazer problemas, entre eles, influencia um assassinato.

Depois de ir a julgamento, é condenado. Ele não se sente culpado moralmente pelo ato que cometeu. Apenas se preocupa com a alteração do seu quotidiano, pois este tinha sido comprometido. Meursault encontrou uma nova rotina na prisão, algo que até lhe agradava. No final, muitos aspetos condicionantes da forma como Meursault observava a vida são revelados, permitindo uma melhor compreensão deste complexo ser humano.

Recomendação

O Estrangeiro de Albert Camus é um livro muito bom, sendo um dos meus favoritos.

Camus conseguiu criar esta obra-prima literária, que lhe valeu um Prémio Nobel, com extremo carisma, abordando temas filosóficos já muito discutidos, como a morte e a distinção entre o bem e o mal, com uma escrita profunda e disfuncional, mas que consegue transmitir calma. Penso isso devido a uma personagem, o Meursault, que do início ao fim do livro mantém uma linha de pensamento genuína e complexa que condiciona os seus atos. Através desta personagem, Camus consegue também mostrar os valores sociais da sua época, dando uma extrema importância à rotina da vida.

Albert Camus é um escritor genial. Acho fantástico como uma história tão marcante está compactada num livro de apenas 120 páginas. Por isso, recomendo este livro, mesmo a quem não goste muito de ler, porque apesar de não parecer um livro muito apelativo a alguns, consegue tornar a leitura num prazer.

Textos 24: CONTRACAPAS DA OBRA O VELHO E O MAR – 9ºB E 9ºC

Data de edição: janeiro de 2012

Jorge de Sena conseguiu traduzir um dos melhores livros de sempre, deixando transparecer toda a sua emoção. Isto tudo graças ao génio Ernest Hemingway, autor desta obra. Nesta história é mostrada ao leitor uma forma de vida onde a bravura e a força de vontade estão sempre presentes. Isto vê-se através do pescador Santiago, que é um homem de muita fé. Este livro tem como alvo leitores de todas as idades.

Gabriela Ferreira, nº6 e Francisco Tuna, nº5 - 9ºB

Santiago, um velho de certa idade que parte numa viagem pelo mar, para pescar um grande peixe, pretende provar que consegue pescá-lo e principalmente ganhar o respeito dos companheiros. Mesmo perante a derrota, o velho vai acreditar na vitória e lutar todos os dias para o conseguir. Manolin, o seu único amigo, que sempre o ajudou e nele acreditou, vai apoiá-lo.

Nesta obra, o autor dá-nos um exemplo de harmonia entre juventude e velhice.

João Pedro Fernandes, nº10 e Francisco Mendes, nº4 - 9ºB

Ernest Miller Hemingway nasceu a 1989 nos Estados Unidos.

Neste livro, conhecemos um velho pescador, Santiago, que passa por uma grande aventura no mar. Apesar de a viagem ter sido atribulada, Santiago ultrapassou os obstáculos. O próprio diz "um Homem pode ser destruído mas não derrotado".

O pescador conta com o apoio do seu melhor amigo, Manolin, um jovem pescador.

Joana Freitas, nº8 e Mariana Madureira, nº14 - 9ºB

Santiago, um velho pescador, que não pescava nada há oitenta e quatro dias, quer provar a si mesmo e a toda a gente que a idade não afeta as suas capacidades. Portanto, com a ajuda de Manolin, embarca numa viagem de três dias à procura de um grande peixe que o faça ser novamente respeitado por todos, mas algo inesperado acontece...

Esta obra é um exemplo de perseverança humana e uma prova de que os obstáculos da vida conseguem ser ultrapassados com a fé.

Cláudia Fonseca, nº7, Rita Gonçalves, nº18 e Rita Santos, nº19 - 9ºC

Este romance fala de um velho pescador que vive em Cuba. Este homem tem um amigo mais novo que se chama Manolin e que cuida dele. Infelizmente estava numa maré de azar, pois já não pescava um peixe há quase três meses.

Um dia, enquanto pescava sozinho, algo muito grande mordeu o isco...

Recomenda-se a leitura deste livro a todas as pessoas, porque retrata aspetos muito importantes na vida, por exemplo a força de vontade, a dignidade humana, a crença no valor do Homem e o valor da amizade.

António Gonçalves, nº4 e Pedro Correia, nº16 - 9ºC

Este livro é uma obra de Ernest Hemingway, traduzida por Jorge de Sena. Ernest Hemingway foi um grande escritor com uma escrita "pessimista", mas bastante cativante. No livro *O Velho e o Mar* o autor utiliza bastante monólogo, principalmente na grande aventura do Velho no seu barco. Com a leitura desta obra aprende-se muito sobre a Dignidade Humana e sobre valor da Amizade.

"Um homem pode ser destruído, mas não derrotado" é uma frase que marca o livro e que podemos também utilizar no nosso dia-a-dia. Um bom livro, que todos devemos ler.

Luís Rodrigues, nº12, Miguel Silva, nº15, Rita Ribeiro, nº17, Tânia Cardoso, nº20, 9ºC



4. TEMPO DE POESIA

O projeto **Ler Mais e Escrever Melhor** continua a nova secção, inaugurada em 2010, tempo de poesia. Porque a poesia é a árvore da vida, feita de palavras e de versos, de nuvens e de sonhos, de interrogação e de desespero, cristalizadas em sílabas que interrogam, revelam, permanecem.

Os nossos jovens poetas cantam, no ritmo cadenciado das suas palavras, a vida e o amor, em vislumbre da vida que se contempla do alto da frescura da juventude, feita de porquês e de angústias, mas também de calma contemplação e de serena alegria...

Textos 1: 3 POEMAS SOBRE A JUVENTUDE, alunos de PLNM **Data de edição: janeiro de 2012**

A juventude é
alegria no presente
sonhos no futuro
amor e amizade.

Na idade da juventude
temos sonhos e ideais
mas quando envelhecemos
vemos que não são reais.

Valeriy Tretyakov, nº 26, 8º C

A juventude é um tempo
de alegria e de tristeza.
É um tempo de alcançar
os sonhos que queremos realizar.
Na juventude a amizade surge
e o amor nasce e desfaz-se.
A juventude é um tempo
de aprendermos
com os erros que cometemos.
A juventude é um tempo
de conhecer, crescer, viver.

Inês de Sousa, nº 15, 8º C

A juventude é
um tempo de vida
tão breve como o nascer do sol
tão belo como o nascer da lua
tão doce como o pólen das flores
tão difícil como atravessar um rio.
A juventude é
um tempo de aprender.

Maksym Mykolyshyn, nº 14, 7º E

A juventude
é tempo de sonhar
e de esboçar novos caminhos
de uma vida para o futuro.
A juventude
é tempo de fazer e de estudar
para o futuro acontecer
e a vida melhorar.
A juventude
é tempo de ser e aperfeiçoar
o sol da família e da amizade
para a construção de novos horizontes.

Diana Makushkina, nº 8, 9º E

Texto 2: POESIA SEM AMOR, Diana Vieira, nº6, 9ºD
Data de edição: novembro de 2011

Mundo sem cores,
Sentimentos sem coração,
Ruas sem odores,
Luz e escuridão.

História,
Vitória sem glória,
Amor sem coração,
Vida sem paixão.

Futuro,
Ciências sem corpos,
Vida sem sangue,
Vitória sem jogo.

Texto 3: PAI NOSSO, Rui Cardoso, nº25, 8ºA
Data de edição: janeiro de 2012

Pai Nosso,
Pai nosso que estais no céu,
Santificado seja o nosso skate,
Venha a nossa pista,
Sejam feitas nossas manobras,
Assim no street como no vert,
As manobras de cada dia e as que nos dais hoje,
Perdoai os nossos palavrões,
Assim como nós perdoamos aqueles que nos reprimem,
Não nos deixais cair no chão,
E livrai-nos das tábuas partidas.
Em nome do shape, do truck, dos rolamentos e das rodas...
Ámen

Texto 4: A AMIZADE, Mariana Branco, nº21, 8ºA
Data de edição: janeiro de 2012

Obrigada pela tua amizade,
Meu doce amigo.
És um amigo de verdade,
Podes contar comigo.

És sempre bem vindo,
Por seres bom amigo.
Acabo sempre sorrindo,
Mesmo triste contigo.

Texto 5: POEMAS, Rita Santos, nº 19, 9º C
Data de edição: janeiro de 2012

Não sou muito positiva

Por isso digo que não consigo
E o meu ponto de partida
É não voltar a tentar

Ouçó para não desistir
Mas a minha vontade
É fugir
Por não conseguir

Agora passado algum tempo
Já tenho um pressentimento
Que vou conseguindo
Ultrapassar alguns dos meus sentimentos

Mas não foi fácil
Precisei de me concentrar
Para seguir em frente
E conseguir demonstrar

Aquela dor

Faz proteger
E erguer
A cada viver

Não podemos viver
Sem fazer
Algo para surpreender
Nem que seja escrever

É mais fácil
Escrever
Porque o mais difícil
É dizer

No caderno escrevi um a

Que me fez recordar
Aquela linda manhã
Em que não me apetecia acordar

Mas tinha de o fazer
E sem querer adormeci
e sonhei
Que nunca menti

Mentir é feio
Já toda a gente sabe
Mas é defeito
Que nunca se percebeu

E guardar segredos então
Não se fala
No meio da confusão
Ninguém os cala

Por mais que tente
Não aguento mais
Esses olhares indiferentes
Porque são todos iguais

Por ser tão indiferente
Não pensei que acontecesse o pior
Pois o que eu queria
Era proteger-me da dor

Não vale a pena apagá-la
Porque com ela iremos viver sempre
Vamos buscá-la
Sempre à nossa mente

Texto 6: ESCOLA, Daniela Freitas, nº6, 8ºA
Data de edição: janeiro de 2012

Escola agradável que sempre me apoiou,
Sonhos que me ajudou a realizar,
Para os obstáculos conseguir superar,
Longos desafios me proporcionou.

Texto 7: Rimas sem pensar, Hugo Machado, nº6, 7ºD
Data de edição: fevereiro de 2012

Quando o pensamento voar,
Consegues rimar sem pensar,
É como dançar
Quando ouves música a tocar.

Podemos cozinhar
Sem os ingredientes ter.
Só temos que amar
A rima que vamos fazer.

Rimar é viajar,
Andar em caminhos floridos,
Soltar palavras ao ar,
Apanhar pensamentos já ouvidos.

A quadra que agora digo,
Vai de certeza ajudar:
leva o meu pensamento contigo
e vais começar a rimar.

Textos 8: O FUTURO e AMOR, João Esteves, nº14, 7ºB

Data de edição: fevereiro de 2012

O Futuro

No futuro as pessoas,
Vão conseguir voar,
E das doenças que não se curam,
Os médicos vão tratar.

Os carros vão voar
E os helicópteros viajar nas estradas;
As crianças nunca vão ter,
As operações erradas.

Vão existir robôs,
Que voam nas cidades,
Mas do mundo antigo,
Também vou ter saudades.

No futuro eu vou ser,
Pediatra ou cientista.
Irei curar crianças,
E aparecer numa revista.

No livro dos recordes,
Todos vão aparecer,
Não vai haver poluição,
E nunca ninguém vai morrer.

Poema de Amor

Amor é um sentimento,
Um coração avermelhado,
Dá saltos e fica quente,
Quando estou apaixonado.

Amor não é vergonha,
Pois toda a gente o tem,
Pode ser amor de amigo,
Amor de pai ou de mãe.

Amor é o carinho,
Que os pais e avós nos dão,
São os beijos com ternura,
E os abraços com o coração.

Em vez de chover água,
Vai chover dinheiro.
O verão será todo o ano,
Até no mês de janeiro.

Vão existir golfinhos,
Com pernas de cavalo
E os elefantes
Vão ter cabeças de galo.

Não vai haver gravidade,
Vou conseguir dar mortais
E todas as pessoas
Vão ter todos os canais.

As girafas do zoo,
Vão ser domesticadas,
Vai haver elevadores
E não vai haver escadas.

Mas isto sou só eu,
Que estou a imaginar
E vou acabar com a frase,
“-O futuro é só brincar!”

Amor são as carícias
E o afeto que recebo,
Mas neles eu não toco,
Não os como, não os bebo.

Amor é quando páro
E fico a olhar para alguém;
Fico muito “coradinho”,
Mais vermelho do que ninguém.

Para mim o amor é assim
E não podia ser melhor,
Pois se não houvesse amor,
O Mundo era muito pior.

Texto 9: A ESCOLA, Margarida Borges, nº15 e Mariana Leite, nº20, 8ºA

Data de edição: janeiro de 2012

A escola é um lugar para aprenderes,
E um futuro ela te dará, quando
cresceres.

Na escola, vais amadurecer,
E, quando cresceres,
Perceberás que era o melhor para ti!

Para os professores te ensinarem,
Os livros abertos têm de estar.

Na escola, farás amizades,
E com elas terás felicidade.

Texto 10: ODE DE HOLI, Célia Vale, nº5, 12ºD
Data de edição: fevereiro de 2012

Ah! Sumptuosas nuvens de pó
Que ao longe vos vejo
Vós que cobris e apagais a raça
Que criais uma vida nova!
Djan,Djan!
No meio desta multidão desapareço
Crianças e adultos festejam
A Primavera chegou!
Ah! Pós coloridos que pairam no ar
Que tingem os saris de cores vivas
Formando uma pintura de grossas pinceladas
Amarelo! Azul! Vermelho! Laranja! Rosa!

Fecho os olhos!
Sinto uma alegria fascinante
Minha alma está inquieta
Sinto as partículas coloridas e exuberantes
Caírem na minha cara
Ping! Ping! Pingas de água repentinas no rosto!
Ah! Arebabaguandi!
Puff!Puff!
A guerra das cores continua
Crianças revestem o céu com deslumbrantes pós
As tristezas escondem-se pelas tintas vivas
Tudo é cor! É alegria! É Fogoso! Intensoo..
O povo canta, bebe, dança pelas ruas
Os meus olhos estão ardentes
Com esta Índia tropical
O cheiro de bhag entranhando-se no nariz
Ouço a melodia saída de shita
Por um dia Índia é tingida.



Texto 11: ODE DO CAOS, Jéssica Freitas, nº 10, 12ºA
Data de edição: fevereiro de 2012

Oh, vergonhoso país, cujo orgulho se desvaneceu
Que patriotismo tem aquele que abandona quem o viu nascer?
É triste e desonrada a situação em que a crise nos deixou...
Rrrrrrr raiva! É a raiva que deveria estar presente em cada português
Ó Portugal, que em tempos remotos meio mundo dominou!
Onde está o Portugal conquistador? O Portugal que derrubou mouros e espanhóis!
O Portugal que chegou à Índia e a África, que descobriu os arquipélagos....
Ah! Ricos arquipélagos! A pérola do atlântico que ainda hoje nos pertence!
Mas será por muito tempo!?
Mas até a pérola se tornou negra e desonrada, tanta sujidade!
E não falo da água e terra e pedras que inundaram e destruíram e mataram tanta gente.... Mas sim, dos dinheiros desviados! Dos votos roubados! Dos políticos desonestos!
Das verdades desmentidas! Das mentiras acreditadas!
Oh!! Pobres coitados!
Ladrões! Desses não precisamos! Necessitamos de um Robin!

Não um Robin dos Bosques, mas sim um Robin da justiça...
Oh! Onde está a justiça e a honestidade? A compaixão pela humanidade! A igualdade!
Um Robin que tire aos ricos para dar aos pobres! Isso sim!! Ah... isso sim!!
Descobrimos a América!! Mas onde está a nossa influência na terra das oportunidades?
Onde está o Cristóvão Colombo da atualidade?
Haja piedade! Oh! Haja clemência!

Quem ousaria afirmar que os tão temidos povos Gregos e Romanos e Lusitanos se ajoelhariam perante os gigantes económicos...
Ai o mandarim... quem diria que os temerosos dragões asiáticos dominariam o mundo!?
Eh-la... E os arianos? Não esqueçamos a raça pura! A raça superior que hoje pratica disfarçadamente um ataque massivo à humanidade...
Entregando todo o poder económico europeu na mão de uma soberana que os únicos requisitos que preenche são os rigorosos requisitos que pertencem ao padrão da sua raça...

Ai... pobres são aqueles que pensam!
Desafortunados seres conscientes e racionais que, adoentados pela realidade crua e pura, são consumidos pela febre do medo e silenciados a uma realidade distante!
Mas os verdadeiros terroristas não são aqueles que silenciam, mas sim aqueles que foram os verdadeiros causadores da crise!
Não uma crise monetária mas sim uma crise humanitária...
Eh-la! Pobres são os criadores do caos nas economias mundiais...
Ai! Como a história se repete!
Oh... O Crash das Bolsas Europeias ao invés das Americanas...

E aqueles a quem lhes foi retirado o lar? A dignidade?
O direito? E o respeito?
Tristes moribundos que vagueiam sem destino...
Ah!... pobres marginalizados que morrem à fome e frio e sede e fome,
nas grandes ruelas cosmopolitas onde o isolamento os consome...
Uf!!! ... a solitária e depressiva doença do século...
Que nos manipula e nos faz julgar...
Julgar possuir o direito de nos retirar, a nós próprios, o dom da vida...

Texto 12: INFÂNCIA, Inês Oliveira, nº10, 8ºA
Data de edição: janeiro de 2012

O sorriso de uma criança.	Como é bom sentir
Como são doces as palavras na infância!	A bondade dela!
Como é bom ver a alegria,	Como é bonito ser pai e
No coração de uma criança!	Mãe de um filho!

Texto 13: O AMOR, Diogo Azevedo, nº12, 8ºC
Data de edição: janeiro de 2012

O Amor não se explica, não se quantifica...o Amor sente-se!
O Amor é delicado, é gentil e é simpático!
O Amor é tudo o que existe de Belo!
O Amor, sou eu, o Amor, és tu!
Nós somos Amor!
Porque pomos Amor em tudo o que fazemos!
Estudamos com Amor, brincamos com Amor!
Admiramos a Natureza com Amor!
O meu coração é feliz, porque é um coração pleno de Amor!
...E a Beleza das pessoas está na sua capacidade de Amar!

LER MAIS e ESCREVER MELHOR

Um projeto com Léguas
para ler e escrever.
No Padrão.

5. OUTRAS LEITURAS

O projeto Ler Mais e Escrever Melhor, para além de interligar o aperfeiçoamento das competências de comunicação verbal, nas vertentes da oralidade, leitura e escrita, tem igualmente em conta o desenvolvimento da competência não-verbal, enquanto comunicação funcional e estética. Da comunicação não-verbal fazem parte a linguagem gestual, icónica, plástica e musical. Pretende-se o aperfeiçoamento conjunto da comunicação verbal e não-verbal, através da compreensão e interpretação de imagens e filmes, fotografias e anúncios...

Atendendo à polissemia de qualquer descrição, há que atender à relação entre observador e objeto de observação, em oscilação pendular de objetividade e subjetividade. Partindo de imagens e filmes selecionados, serão considerados contextos, assuntos, técnicas, cores, funções, simbologias e transversalidades.

O prazer estético reside no olhar primeiro do criador e no olhar segundo do leitor, transfigurador da realidade inicial. Ambos, porém, condicionados pelas coordenadas históricas e culturais de um tempo e de um lugar. Quanto ao momento de descoberta, esse fica, muitas vezes, resguardado no mais íntimo de cada um. Por isso, agradecemos a todos aqueles que conosco aceitaram compartilhar uma visão interpretativa da criação artística, para sempre registada em papel, tela ou filme.

Textos 1: SLOGANS SOBRE A BIBLIOTECA, alunos do 2º B **Data de edição: janeiro de 2012**

Biblioteca, um encontro com os livros. (Ana Isabel Maravalhas)

Se tens frio, por que não vens à biblioteca? (Bruna Carvalho)

BE, o nosso cantinho para sonhar. (Bruno Baptista)

A biblioteca é um oceano, onde podemos mergulhar na fantasia e na poesia. (Fernando Amaro)

Ler é viajar, ler é sonhar, ler é viver. (João Paulo)

Biblioteca, um espaço de culto da mente. (João Pedro)

Se procuras uma fonte de saber, à biblioteca deves recorrer. (Lourdes Silva)

Biblioteca, construção do conhecimento. (Maria Pinto)

Biblioteca Escolar, uma viagem pela imaginação! (Patrícia Lima)

Biblioteca, um espaço de lazer e saber, um espaço que nunca vais esquecer. (Pedro Oliveira)

Na Biblioteca há sempre um tesouro a ser descoberto. (Rafaella Rabêlo)

BE, fácil de encontrar, difícil de deixar. (Ricardo Coelho)

Nota: trabalho realizado no âmbito do dia Internacional das Bibliotecas Escolares 2011, pelos alunos do curso profissional Técnico de Biblioteca Arquivo e Documentação, 2º B

Texto 2: Filme A REDE SOCIAL, José Nuno, nº12, 10ºD
Data de edição: fevereiro de 2012

Ficha técnica

The Social Network (conhecido em Portugal como *A Rede Social*) é um filme americano de 2010, sobre a fundação da rede social Facebook. Recebeu oito nomeações dos Óscares, incluindo melhor Filme, melhor diretor e melhor ator, vencendo nas categorias de melhor Edição e Melhor banda sonora original. O diretor do filme é David Fincher e os atores principais são Jesse Eisenberg, Andrew Garfield e Justin Timberlake.

Resumo

Em 2003, na Universidade de Harvard, o estudante Mark Zuckerberg tem a ideia de criar um website para medir a beleza das estudantes de Harvard. Em apenas algumas horas, com a ajuda do seu melhor amigo, Eduardo, cria o "FaceMash".

Entretanto, a popularidade do "FaceMash" chama a atenção dos gémeos Cameron e Tyler Winklevoss. Mark decide começar a trabalhar para os Winklevoss como programador do site "Harvard Connection". Pouco tempo depois, Mark fala com Eduardo sobre a ideia de fazer o site "The facebook", uma rede social exclusiva para estudantes de Harvard. Eduardo concorda em ajudar Mark, dando-lhe 1.000\$ para iniciar o site. Rapidamente o site transforma-se num sucesso.

Os Winklevoss descobrem o "Thefacebook" e dizem que Mark lhes roubou a ideia. Os Winklevoss ameaçam processar Mark por roubo de propriedade intelectual, mas Mark consegue convencê-los, dizendo que eles podem resolver o assunto sem irem a tribunal.

Mais tarde, Mark encontra a sua ex-namorada, que não conhece o Thefacebook por não ser estudante de Harvard. Por esse motivo, Mark decide tornar o *site* público para outras escolas. Christy Lee, namorada de Eduardo, consegue marcar um encontro com Sean Parker, co-fundador do Napster, com Eduardo e Mark. Parker sugere que eles tirem o "The" de "Thefacebook" e chamem ao site apenas "Facebook".

Mark muda a sede da companhia para Palo Alto, na Califórnia, enquanto Eduardo fica em Nova Iorque a procurar patrocinadores. Algum tempo depois, Eduardo fica irritado ao encontrar Parker a tomar decisões sobre os negócios do Facebook.

Entretanto, em Inglaterra, os Winklevoss descobrem que o Facebook se tinha expandido em três universidades de Inglaterra. Finalmente, decidem processar Mark. Eduardo descobre que o contrato que ele assinara com os investidores de Parker permitiu diminuir a sua parte na empresa de 34% para 0,03%, enquanto mantinha a parte de todos os outros. Por isso, Eduardo comunica a Mark que também o vai processar.

Em tribunal, Mark é aconselhado pela sua advogada a fazer um acordo com Eduardo e com os Winklevoss. O filme acaba com Mark a enviar um pedido de amizade à sua antiga namorada, Erica, por Facebook, e a atualizar a página, à espera de resposta.

Apreciação

Este filme mostra-nos como uma ideia simples pode dar origem a um fenómeno com proporções à escala mundial. A personagem principal, Mark, cria um site para os seus colegas elegerem a aluna mais atraente de Harvard. Contudo, a evolução do mesmo originou uma rede social a nível mundial, com mais de 500 milhões de membros.

O espetador vivencia uma realidade muito atual que é o poder da informática como ferramenta para estabelecer comunicação e troca de informação com milhões de pessoas em todo o mundo. Também se verifica como se pode rapidamente gerar receitas milionárias, embora, por vezes, isso possa trazer problemas de ordem legal.

Texto 3: FILME "OS CORISTAS", Joana Pinto, nº13, 10ºC
Data de Edição: Janeiro 2011

O filme "Os coristas" é do género dramático e foi realizado por Christophe Barratier. Como personagens principais temos o diretor Rachin (François Berléand), o professor Mathieu (Gérard Jugnot) e alguns alunos como Pierre (Jean-Baptiste Maunier) e o pequeno Pépinot (Maxence Perrin).

O filme passa-se numa escola de correção destinada somente a rapazes. Quando estes não têm um comportamento adequado são severamente reprimidos pelo diretor. Até que é contratado um professor novo, que tem métodos de aprendizagem muito diferentes. O professor não é a favor de dar castigos. Ele incentiva os alunos, utilizando as qualidades destes, para lhes mostrar do que eles são capazes, criando assim um grupo coral. Com o passar do tempo os alunos aprendem, com este professor, a dar mais valor à vida e a respeitar os outros. A história é contada em *flashback*. Os atores encaram o papel das personagens muito bem, conferindo realidade à história. O cenário e o ambiente transmitem sentimentos muito fortes e a banda sonora é magnífica.

Texto 4: FILME "OS CORISTAS", Teresa Sá, nº23, 10°C
Data de Edição: Fevereiro 2011

"Os Coristas" é um filme musical interpretado por Jean-Baptiste Maunier, Marie Bunel, Gérard Jugnot, François Berléard, e realizado por Christophe Barratier.

Dois ex-alunos do "Fundo do Pântano" recordam, após muitos anos, os seus tempos de estadia neste colégio de correção, através do diário de um vigilante que os marcou, Clément Mathieu. Um grupo de crianças mal comportadas estava num colégio de correção, sendo castigados sucessivamente pelos seus comportamentos menos corretos. Eram jovens infelizes, sem objetivos para o futuro, sem expectativas. Um dia chegou a este colégio um vigilante totalmente diferente de todos os que já tinham trabalhado no "Fundo do Pântano". Clément acreditava numa diferente forma de "corrigir" os alunos, como tal decidiu formar um coro. A princípio, este novo projeto não estava a funcionar bem, porque não existiam vozes que sobressaíssem, até que Clément encontrou o jovem Pierre. Tinha uma voz maravilhosa, cristalina, pura, destacava-se do resto do grupo.

Este coro não foi bem aceite pelo diretor do colégio, que nem sequer aprovava os métodos de trabalho deste homem revolucionário. O diretor era uma pessoa antiquada, sem princípios, rezingão, frustrado por não ter conseguido ir mais longe na sua carreira. O seu principal lema era "ação-reação"! O coro acabou por singrar, sendo Pierre posteriormente mundialmente conhecido e aplaudido. O colégio "Fundo do Pântano" desapareceu devido a um incêndio propositadamente causado por um ex-aluno bastante problemático. O diretor e as suas formas rígidas de gerir o colégio foram denunciadas e o diretor foi demitido do seu cargo e expulso do colégio. Clément acabou por ir embora, levando consigo o pequeno Pépinot, outro aluno do colégio.

O trabalho dos atores foi bem conseguido, o tema do filme é apelativo. Penso que o cenário é um pouco escuro, mas serve para realçar a tristeza e opressão que se vivia naquele colégio. Aconselho toda a gente a ver este filme porque tem uma mensagem de esperança que é importante transmitir, esperança de mudança e felicidade!

Texto 5: FILME "OS CORISTAS", Mariana Oliveira, nº 15, 10° C
Data de Edição: Fevereiro 2011

"Os Coristas" é um filme francês realizado em 2004 por Christophe Barratier e no qual entram, entre outros, Gérard Jugnot, François Berléand e o jovem talentoso Jean-Baptiste Maunier. Este, aborda o efeito da música em alunos problemáticos.

O filme começa com a admissão de Clément Mathien num colégio interno de alunos problemáticos. Com regras muito restritas, o antigo professor de música, vê-se confrontado com atitudes difíceis de controlar. Numa tentativa de acalmar os alunos, decide criar um coro. Com esta iniciativa foi-lhe mais fácil compreender os alunos. Todos, exceto um! Pierre Morhange é um belo jovem com uma bela voz, mas tem atitudes que não correspondem ao que aparenta. Por fim, Clément é despedido do colégio depois de um incêndio que não afetara nenhum aluno, pois todos tinham saído do colégio com o professor para passear. Pierre foi para um conservatório, enquanto Pépinot, um aluno pequeno, parte com Clément.

Num filme emocionante, Christophe consegue transmitir emoções que trazem ensinamentos de esperança e de amor. Os actores transportam consigo um grande sentido musical que transparece para o filme facultando um momento de qualidade auditiva. Com um bom trabalho, criou-se um filme que hoje vemos, amanhã mostraremos e sempre aplicaremos nas nossas vidas, pois mostra-nos que nada é impossível e que a esperança é a última a morrer. Assim, este é um dos melhores filmes que alguma vez vi e terei muito gosto em mostrá-lo a quem mo pedir, pois nunca é demais relembrar valores de esperança e amor num mundo que os quer destruir.

Texto 6: FILME "A INTÉRPRETE", Carolina Mendes, nº2, 10ºB
Data de edição: janeiro de 2012

O filme "A Intérprete" é um filme de drama e mistério realizado por Sydney Pollack.

Sydney Pollack nasceu a 1 de julho de 1934 e faleceu a 26 de maio de 2008. É conhecido pelos seus filmes de crítica política, tentando mudar a mentalidade do mundo e prevenir novos atentados às vidas humanas. Foi o realizador deste filme e também participou nele como ator. Nicole Kidman e Sean Penn são os atores principais. Nicole Kidman representa Sílvia Broome, uma intérprete das Nações Unidas, Sean Penn é Tobin Keller, um agente dos Serviços Secretos. Este filme recebeu 3 prémios para melhor atriz secundária e melhor filme traduzido para outras línguas.

Esta história fala sobre Sílvia Broome, uma nativa africana que nasceu em Matobo, e que é intérprete nas Nações Unidas, em Nova Iorque. Numa noite, houve uma ameaça de morte referente ao chefe de estado do seu país natal, prestes a ser acusado no Tribunal Internacional de Justiça, e que deverá fazer um comunicado na Assembleia Geral da ONU. Tobin Keller é o agente dos Serviços Secretos encarregue de investigar a ameaça e também quem a reportou.

Ao iniciar a investigação, Keller desconfia da história de Sílvia e começa a investigá-la, acabando por descobrir que ela morou durante muitos anos em Matobo e possui relações contraditórias com o alvo do suposto atentado. Sílvia transforma-se, ao mesmo tempo, num alvo para os assassinos e numa suspeita para os investigadores. Os conspiradores começaram a perseguir Sílvia, sendo esta muitas vezes encurralada e, por fim, salva pelos agentes dos Serviços Secretos que também a perseguiam no intuito de apurar o seu envolvimento na ameaça. Assim, com o desenrolar da investigação, Tobin Keller apercebe-se que realmente existe uma conspiração e, a partir daí, Sílvia Broome passa apenas a ser considerada vítima. Após vários incidentes, Sílvia esconde-se em parte incerta, deixando uma mensagem no gravador de Keller a informar que voltara para África.

Chega, entretanto, o dia em que o Presidente Africano discursa, tendo havido um reforço de segurança. No momento do discurso, o assessor direto do Presidente tenta assassiná-lo, contudo é detido de imediato. O Presidente é levado pelos seguranças para uma sala onde deverá permanecer até que tudo esteja resolvido. Para admiração de todos, Sílvia Broome aparece nessa sala e confronta o Presidente com todas as atrocidades cometidas. Obriga-o, com a ameaça de uma arma, a ler excertos de um livro escrito pelo próprio, onde condena a corrupção e a desigualdade de direitos. Tobin entra na sala e tenta acalmar Sílvia, conseguindo-o.

No final, com a inocência de Sílvia Broome provada, o Presidente a salvo e os conspiradores detidos, Sílvia regressa ao seu País e o Presidente Africano é julgado em Tribunal pelos crimes cometidos contra o povo africano.

Texto 7: VINCENT VAN GOGH, Luís Pinto, nº12, 10ºA
Data de edição: janeiro de 2012

Nasceu em Zundert (Holanda) a 30 de março de 1853 e morreu em Auvers-sur-Oise (França) a 29 de julho de 1890. Foi um pintor pós-impressionista holandês e foi por muitas vezes considerado um dos maiores de todos os tempos.

Foi incapaz de constituir família, custear a sua própria subsistência ou até mesmo manter contactos sociais. Aos 37 anos, sucumbiu a uma doença mental, cometendo suicídio. A sua fama cresceu especialmente após a exibição das suas telas em Paris, a 17 de Março de 1901, sendo reconhecido o seu talento após a sua morte.



Este quadro pertence à primeira fase da pintura do artista, sob influência do realista francês Millet. Van Gogh fez releituras de Millet e estudou desenho, anatomia e perspetiva em Bruxelas, complementando a sua formação com leituras sobre o uso e o comportamento das cores. Em Nuenen, uma pequena cidade onde morava a sua família, realizou cerca de 250 desenhos, principalmente sobre a vida de camponeses e tecelões.

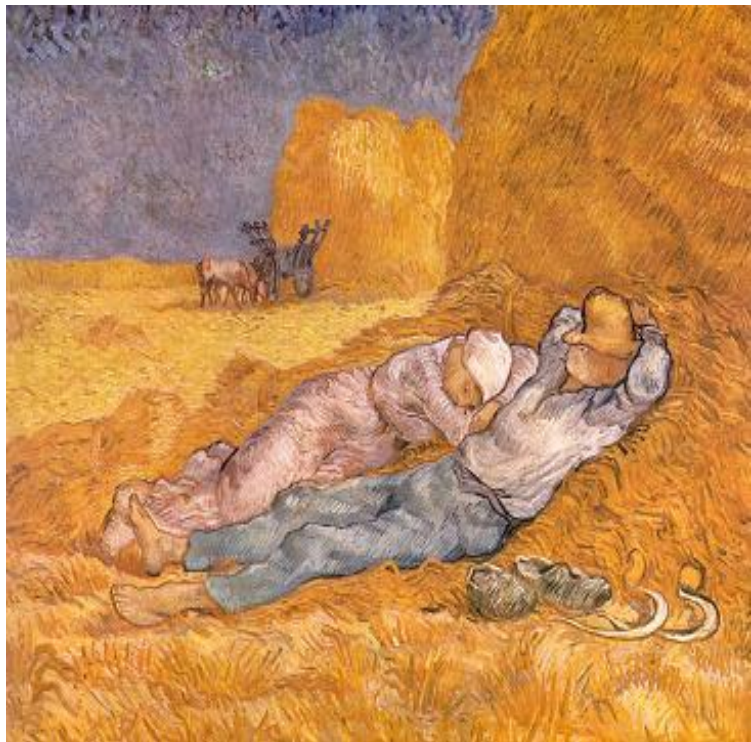
Este quadro foi intitulado "Os Comedores de Batata" e resume esse período do artista. Assim como os pintores realistas, ele falou sobre a miséria e retratou a falta de esperança dessa gente humilde. Ele dizia que os camponeses deviam ser pintados com as suas características rudes, sem embelezamento, ponto que criticou e se diferenciou de Millet. Van Gogh salientou os traços grosseiros das mãos e das faces dos trabalhadores da terra. Em busca de intensidade dramática, explorou a potencialidade expressiva dos tons escuros, da luminosidade barroca e do pincel nervoso.

Este quadro retrata bem a vida dessa gente: uma vida difícil e cheia de sacrifícios. Esta pintura foi terminada em abril de 1885.

Texto 8: LEITURA DE IMAGEM, A SESTA, Alexandra Guimarães nº1, 10ºB
Data de edição: janeiro de 2012

A imagem representa "A Sesta", de Vincent Van Gogh. Trata-se de um óleo sobre tela, com a dimensão de 73x91cm, datado de 1889 e que se encontra, atualmente, exposto no museu do Louvre, em Paris.

Van Gogh pintou esta tela quando se encontrava internado num hospício, em Saint-Rémy, na região da Provence. Na impossibilidade de contactar com o exterior, inspira-se e copia gravuras de um dos seus principais mestres: Millet, que ele considerava um pintor ainda mais moderno que Manet. "A Sesta" resultou, justamente de uma ilustração de Millet, tendo contudo Van Gogh imposto o seu próprio estilo e dado a sua própria interpretação.



A imagem representa a França Rural dos anos 60 do séc. XIX. Em grande plano, veem-se os corpos adormecidos de dois camponeses, um homem e uma mulher que, deitados lado a lado sobre um monte de feno ceifado, descansam. O homem está descalço, deitado de barriga para o ar, tem o rosto parcialmente tapado por um chapéu e apoia a cabeça nos braços. Por seu lado, a mulher está numa posição lateral, servindo os braços de almofada. Junto ao corpo masculino, encontram-se os sapatos do homem e duas foices. Num plano mais afastado, junto a uma elevação de feno, vê-se um carro de bois desatrelado e dois bois a comer feno. Num plano superior vê-se o céu.

Na imagem destacam-se os tons quentes do amarelo-torrado e amarelo vivo que contrastam com os tons frios do azul violeta do céu e do azul acinzentado das vestes das personagens.

Tratando-se de uma imagem impressionista, são de realçar, portanto, as sensações visuais, fundamentalmente do amarelo que sugere o calor intenso de um dia de sol, no campo. Por outro lado, a imagem transmite, também, a tranquilidade de um descanso merecido, durante as horas de maior calor, para, em seguida, retomarem o trabalho da ceifa.

**Texto 9: INTERAÇÕES - *Dactilografia*, de Álvaro de Campos e *White Brushstroke I*, de Roy Lichtenstein, João Tomé, nº5, 12ºB
Data de edição: fevereiro de 2012**

O poema "Dactilografia", de Álvaro de Campos, pode dividir-se em quatro partes. A primeira parte engloba a primeira, segunda e terceira estrofes que nos apresentam a situação presente do estado de espírito do sujeito da enunciação, reforçada pelos tempos verbais no presente do indicativo; a segunda parte composta pelas quarta, quinta e sexta estrofes, nas quais é revelado um sentimento de nostalgia do sujeito poético em relação ao passado; por sua vez, a terceira parte, desde a sétima à oitava estrofes, aborda a dicotomia realidade / sonho e a última parte, desde o último verso da penúltima estrofe até ao verso final do poema, marca o regresso do "eu" poético à crua realidade da situação presente.

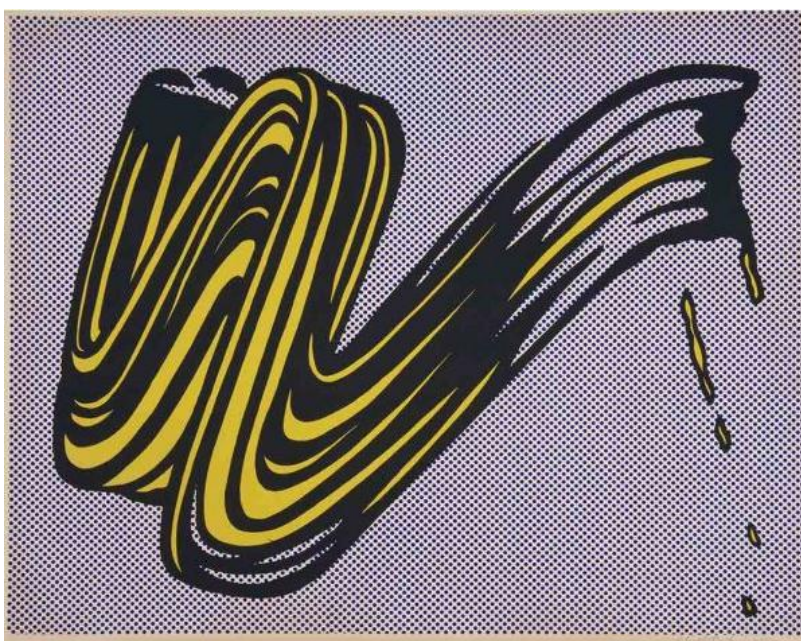
Passando a uma leitura mais pormenorizada deste poema, constato que, no primeiro verso, o sujeito poético expressa-se como sendo engenheiro e, como tal, traça o seu plano. O plano é composto por linhas que o limitam, assim é também o cubículo onde trabalha, que o limita espacialmente. Todas estas formas geométricas patentes no primeiro verso limitam, por analogia, a própria existência humana. No segundo verso, o sujeito da enunciação reforça as bases do seu projeto, limitado pelo espaço e é esta limitação de formas geométricas que o leva a fechar-se, a isolar-se. Por sua vez, no terceiro verso, o *eu* lírico encontra-se de tal maneira constrangido pelo isolamento espacial que se isola, não sabendo mais quem é, encontrando-se distanciado até dele próprio, isolado da sua existência. No quarto verso, denota-se a presença de uma máquina de escrever cujo som ecoa de modo sinistro naquela divisão e que é objeto do quotidiano, tal como é demonstrado pelo advérbio de modo *banalmente*. Este *som estalado* estende-se pelo quinto verso. Já no sexto verso, constatamos que a monotonia diária do *tic - tac* estalado das máquinas de escrever, desse som sinistro e insuportável, causa náusea e enjoo ao sujeito poético, o que se prolonga pelo sétimo verso, provocando sentimentos de abatimento e de desânimo, culminando com o manifesto "sono" do sujeito poético, fruto do tédio vivenciado. Dos versos nono ao décimo terceiro, dá-se a mudança de paradigma, sendo que a palavra "*outrora*" abre a porta à memória da infância, onde o sujeito lírico se refugia para fugir ao tédio insuportável do presente. Nesse passado, irremediavelmente perdido, o sujeito poético sentia-se diferente, era *verdadeiro* na coincidência entre o sonho e a vida. É de realçar a paz e tranquilidade que o sujeito poético retira das paisagens com neve do norte, e a calma e esperança que lhe suscitam as paisagens verdes do sul. Do décimo quarto ao décimo sexto versos, nota-se o reaparecimento da palavra "*outrora*" que denota não só o desejo do sujeito poético em voltar ao passado, mas também nos indica a passagem do tempo sendo, portanto, um indicador de afunilamento temporal. Entretanto, dos versos décimo sétimo ao trigésimo,

é-nos referido que a vida verdadeira é a do passado, a do sonho, aquela que permanece qual névoa no nosso pensamento quando somos adultos, aquela em que apenas existe a felicidade imaginária. Pelo contrário, a vida que vivemos na realidade é banal e falsa, é efémera e está definida no tempo, existindo pois um enclausuramento temporal, sendo que o sujeito poético vive o seu presente de engenheiro enclausurado num cubículo de formas geométricas e que não permitem que seja verdadeiro consigo mesmo. A vida verdadeira é passível de recordação e é aquela a que o sujeito poético recorre para fugir da náusea e da monotonia da vida que vivemos. Finalmente, nos últimos versos do poema, "o tic - tac" estalado acorda o sujeito de enunciação para a realidade, depois dele se ter refugiado na lembrança do passado. Ergue-se a voz das máquinas de escrever que acaba por se impor a qualquer memória ou reflexão, regressando a monotonia rotineira do presente.

Intertextualidade: ilustração *White Brushstroke I* e o poema "Dactilografia"

White Brushstroke I – 1965 de Roy Lichtenstein

As linhas desta ilustração, a preto, representam o curso da vida. Curso esse que apresenta um início e um fim e, como tal, estas linhas condicionam a vida do sujeito poético. As linhas pretas são também as linhas que o sujeito poético traça no seu plano, que idealiza no seu cubículo, lugar que transforma e condiciona o plano espacial da sua vida. Todo este emaranhado de formas geométricas causa no sujeito da enunciação náusea, vômito por tremenda monotonia, sono, não lhe permitindo expressar-se em plenitude.



Contudo causa também uma necessidade de evasão e marca a passagem de uma tremenda apatia (vida real) para um espaço vigoroso, sem limites (sonho), espaço esse que lhe permite ser e reinar com toda a alegria, uma vez que esse espaço (fundo azul da figura), lhe permite dispor de todos os elementos com toda a liberdade, num ritmo torrencial e, ao mesmo tempo, desfrutar da calma azul do céu, do branco tranquilizador das paisagens do Norte e do vigor e da esperança das paisagens verdes do Sul.

Estes dois espaços da ilustração marcam distintamente as duas vidas que o sujeito da enunciação afirma possuímos. Uma, que acaba no fim de fina e tênue linha preta, sem curvas, simplesmente monótona e com falta de variedade e, a outra, aquela que podemos alcançar com o pensamento e que nos molda, mas que não pode ser realmente vivida ("Grandes livros coloridos, para ver mas não ler"), que nos faz voltar à infância do sonho e da magia.

Mas, por fim, qual tristeza desconcertante, o tic - tac estalado das máquinas de escrever (representado pelas pingas que mancham o fundo azul), frio e impetuoso, representando as adversidades da vida que nos impedem de experimentar o sonho, faz o eu lírico regressar à sua realidade, triste, sem brilho, por apenas ter podido viver o seu sonho por um momento.

Texto 10: CRÍTICA TEATRAL, Ana Magalhães, nº1, Rita Ribeiro, nº17, Tânia Cardoso, nº20, 9ºC

Data de edição: fevereiro de 2012

O grupo de teatro *Actus* atuou no teatro Sá da Bandeira, no dia 25 de janeiro, tendo levado à cena a peça *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente.

Os atores souberam integrar-se nas personagens e daí conseguiram transmitir, com clareza, tudo o que pretendiam. Conseguiram também cativar o público com a paixão que sentem pelo teatro. No entanto, se tivessem participado mais artistas, esta peça podia ganhar mais qualidade, e assim poder respeitar a ordem das personagens.

Numa apreciação geral, foi uma boa exibição e interpretação do grupo *Actus*. Uma grande qualidade tanto dos atores como da atuação.

Texto 11: CRÍTICA TEATRAL, António Gonçalves, nº4, 9ºC

Data de edição: fevereiro de 2012

O grupo de teatro ACTUS está a realizar espetáculos dirigidos aos alunos do nono ano, no teatro Sá da Bandeira.

O espetáculo teve alguns aspetos negativos tais como a troca da ordem das personagens em cena, no entanto é compreensível visto que os atores tinham de representar várias personagens e tinham de mudar de roupa, acessórios, etc. Alguns dos adereços não tinham muito sentido, por exemplo o fato do Fidalgo, que era demasiado atual para a época e também a sua cadeira, que era muito simples.

No entanto, também houve bastantes aspetos positivos, tais como a peça se manter fiel à obra original de Gil Vicente, tirando a troca da ordem das personagens. A peça foi divertida e bem representada por todos os atores. Estes eram expressivos.

Foi um bom espetáculo e uma boa forma de estudar a obra de Gil Vicente.

Texto 12: O MEU SONHO, Maria Inês Ferreira Luís, 7º F

Data de edição: março de 2012

Não sei o que fazer,
nem sei o que pensar.
Só quero escrever,
para o meu sonho concretizar.
Para realizar
o meu sonho de escrever
é preciso imaginar,
e depois ler.
Até o quero publicar
Já estou mesmo a ver
Mesmo no centro do placar,
Para depois o ler.

LER MAIS e ESCREVER MELHOR

Um projeto com Léguas
para ler e escrever.
No Padrão.

6. ESCREVIVER ou VOZES DA COMUNIDADE

O projeto **Ler Mais e Escrever Melhor** inicia nova secção, Escreviver ou Vozes da Comunidade, não somente com as vozes dos alunos, mas com todas as vozes que fazem, e farão parte, da construção da nossa comunidade educativa de ontem e de hoje.

Não interessa o tipo de texto, prosa ou verso, tema ou assunto, língua materna ou língua estrangeira. Interessa sim a participação, o abrir de mundos particulares, reflexões de tempos de outrora ou de um porvir idealizado. Na voragem dos tempos, apenas as palavras importam e permanecem, são as palavras que nos ligam em comunidade, que nos fazem pensar e crescer, em partilha de leitura em polifonia de vozes.

Texto 1: ACREDITAR, Conceição Teixeira
Professora de Português na ESPL
Data de edição: dezembro de 2011

Tenho na minha varanda um pouquinho de campo: quatro pequenas floreiras de flores vermelhas e brancas, a moldura certa para o lar que fiz.

Rego-as ternamente nos dias quentes, corto as folhas velhas, adubo-as, admiro-as e desdobro-me.

Mas já vão perdendo o viço, as hastes cada vez mais vazias e tristes. Delas só restam uns míseros pauzinhos espetados, pedindo misericórdia a um céu tão cinzento e tão fechado...

Então penso que foi inútil o cuidado, que a terra seria sempre pouca, que o campo na cidade é miragem de quem não cresceu... E prometo tirar todo o "lixo", no dia seguinte.

Mas "o dia seguinte" pode ser tão vago! Espero ainda e... espreiro: a morte parece estampada nas hastezinhas acusadoras e inúteis. Não as olho para ver se esqueço. Só assim será mais fácil, qualquer dia, deitar tudo fora: o que foram ou sonhei ou são.

Mas um dia o milagre acontece: ao princípio pequenas folhas que mal se adivinham e não quero crer. Depois um pouco maiores, impossíveis de negar. A promessa das novas flores vermelhas e brancas é forte e clara como o sol, tão tímido, que voltou. O céu é azul, e tudo é definitivamente tão certo!

Gosto de pensar que a vida é assim: tantas vezes a morte aparente, pressentida, talvez necessária, com a promessa de uma vida que será minha de novo se souber ESPERAR.

Texto 2: POEMAS, Elisabete Castro
Professora de Inglês na ESPL
Data de edição: dezembro de 2011

Que terra estranha

Que terra estranha a nossa terra
De barro e granito e esperança
De partir quando se espera que o sol
melhore
A dura colheita

Que solo denso o nosso solo
Que pensemos em partir de novo
De mar fazermos caminho
De terra adentro navegarmos

Ou esperamos no silêncio
Ou lutamos, pequenos e invisíveis?
Perante que adamastores nos curvamos?
Que lutos suportamos
Para sermos bem melhores...

Seremos velhos do restelo
ou coragem e ousadia
Seremos porto e passagem
E Portugal - quem seria?

Sounds

No cup of pumpkin
no cup of sugar
no honey spoon
in our mouth
no water in the spring
no snow flakes in the hard winter

Christmas lyrics or something similar

Once upon a time
there was Adam and Eve
hoping for old dreams undreamed
looking for doors to leave
behind
tired eyes of tears
inside timeless circles already lived
and then
a present arrived
from the winds and
through the blue skys
No hopes were lost
No seeds were left behind

The orange taste of bitter fruit
that becomes sweet
by the helping hand of joy
by the soft touch
of a kiss.

What are we all looking for?
What do we miss...

Texto 3: A VIDA, Bebiana Moreira, Professora de Português
Data de edição: dezembro de 2011

A Vida

A vida é
Pensamento e ação,
Começar e recomeçar,
Dar e receber,
Rir e chorar.
A vida sou eu,
És tu,
Somos nós.
É o que procuramos,
É o que queremos.
É a luta por sonhos,
Tornados realidade.
É um querer insaciável,

É um temer assustador,
É um acreditar incondicional.
É o encontro,
É o desencontro,
Que dia a dia nos surpreende.
É a novidade que visualizamos,
É a novidade que sentimos,
É a audácia em conhecer.
A vida, afinal, é
Esta força que nos impele,
Que nos força a ir,
Sem saber para onde.
É pensar em desistir,
Mas não o fazer.
É esta surpresa que me fascina!

Textos 4: POEMAS, Assunção Pinheiro
Professora de Português
Data de edição: janeiro de 2012

Egoísmo

No calor do conforto
Que a uns afaga...
Esquecem-se guerras,
Fomes, políticas, misérias...
O mundo.

Só conta o momento:
Este, aqui, agora...

Os outros,
O longe,
A solidariedade,
O altruísmo
Esvaziam-se em palavras
E são engolidos pela distância!

Silêncios que gritam

Serra, montanha, aldeia, burgo
Onde a mão calejada
Semeia com sacrifício
O pão da sobrevivência...

Ruas de terra batida,
Ressequidas sob sóis estivais
E enlameadas por
Inclementes chuvas inverniais...

Casas de pedra rigorosa,
Onde o frio se aconchega...
É na cozinha, à lareira,
Que o calor
Reserva o lugar de primeira.

Ó tardes de Domingo,
Ânsia de voar!
Liberdade aprisionada
Lá longe a sussurrar!
Súplicas abafadas
Convívios amordaçados
Em silêncios de clamar!

Terra esquecida,
No teu recanto amarrada...

O espaço sideral

Quando na noite sombria
Ribomba o trovão...
A Terra estremece,
O Céu protesta e grita...
O horizonte despeja
Relâmpagos ziguezagueantes
Que saltam sobre as trevas
Rasgando as entranhas da escuridão...
De todo o espaço sideral
Voam bandos de nuvens negras
Que, na pressa de se multiplicarem,
Chocam, acumulam-se
E espriam-se pelo firmamento...
Escondendo os astros sob o seu manto
cinzento...

São lamentos
Despejados sobre a terra ressequida
Que recebe comovida
A dádiva da chuva fresca,
No leite morto dos riachos sedentos.

Ouve-se o silêncio...
Sorriem as estrelas...
Ilumina-se a Lua acolhedora e
prazenteira
Que oferece os raios afáveis
Ao revigorante sono da noite
hospitaleira.

Textos 5: PAISAGENS ONÍRICAS, Maria Dulce Soares
Professora de Português na ESPL
Data de Edição: fevereiro 2012

A cidade entre telas

Luzes fosforescentes
a esvoaçar sobre prédios espectrais
no labirinto cosmopolita.
Nas ruas, desfilam
rostos lustrosos, arrastando-se
na palidez da noite oferecida à carne
putrefacta
de negócios lunares.
Nas estátuas solitárias das praças
tomba a noite sórdida,
amontoam-se corpos devorados
por fluidos alheios de um clientelismo
fixo.
Na outra face da cidade
rasgam-se os trilhos matinais
de dédalos ocultos na penumbra.
Reflexos dourados anunciam corpos
lavados na determinação diurna.
A cidade veste-se para o regresso da
circularidade da luz
espaços bordados a ponto pé de flor.

A morte desceu à cidade

Nesta página
gotas de pranto tombam nas arcadas,
cinzas pairam no deserto da paisagem.
O olho lunar percorre o corpo frio
cheira a urze e a estrume,
pelo chão saltitam folhas mortas e as pétalas
acolhem murchas o rosto pálido.
Sombras esboroam a nudez da aurora
testemunha de um crime prescrito
mergulhado na bruma,
jaz no vazio da urbe.
Do outro lado da página
as estrelas acendem-se uma a uma
tudo se esfuma
nasce uma fonte como quem conta as pedras dum calvário
o rosto plasmado nas folhas gastas de um diário fechado na gaveta.
Um corpo a carregar a sentença suspensa na espessura da chuva.

Vertigem

Se não fosse tão alto,
saltavas
uma bela pirueta
empurrar um pouco a atmosfera
mergulhar na vertigem
uma poça de sangue no meio da
escuridão.
Sobes em silêncio o prédio
a maquilhagem cuidada
os bares abrem as suas bocas pastosas
engolem a tua minissaia preta
rebentam-te o *top* transparente
trepas pelas escadas
como quem sonha com a infância
e o teu rosto perdido na fauna das vielas
poeirentas
não passa agora de uma máscara de
hematomas.
As bocas pegajosas dos marinheiros a
praguejar
expiram no cimo do teu salto
é a hora das olheiras e da insónia.
Agora veste-te,
vão sendo horas de regressar a casa.

Texto 6: ABEL SALAZAR, UM DIÁRIO DE IMAGENS, Anabela Rocha Paiva
Professora de Educação Visual na ESPL
Data de edição: janeiro de 2012

Texto publicado na revista PSIAX da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto edição conjunta da Universidade do Minho



Se observarmos objetivamente a obra de Abel Salazar, não é difícil concluir que sentiu uma enorme necessidade de fixar emoções.

Era um artista espontâneo e sincero, que confiava ao papel as suas revelações, não pondo na sua arte intenções gratuitas.

Das diversas técnicas que utilizou, foi no desenho que atingiu a sua plenitude, quer pela quantidade quer pela qualidade das obras. Os seus desenhos caracterizam-se por traços rápidos de diferentes intensidades e densidades. Partindo de impressões da natureza, finalizava-as de uma forma mais livre, e, tentando libertar o desenho do seu caráter de simples reprodução de motivos naturalistas, embora mantendo-se fiel à figuração humana.

O facto de Abel Salazar não se libertar na totalidade da forma exterior, talvez se deva a uma necessidade de transportar para o desenho um conteúdo social, a que não era alheio e que pretendia inteligível.

Uma das características mais marcantes nos seus desenhos é a sua limitação a um número reduzido de temas, dos quais destacamos aquele que percorre a maior parte da sua obra, a figura da mulher que trabalha, a mulher do povo que é representada, quer em grupo, quer isoladamente, em lides muito duras e extenuantes, nas docas, na alfândega, nos armazéns, nas feiras, nas adegas, etc.

Abel Salazar tira partido da figura humana e desenha a mulher com um traço vigoroso e violento, captando instantaneamente a figura, como disse Delacroix, desde o momento em que, ela por hipótese se lança no espaço até à sua queda.

A figura da mulher surge-nos como uma combinação de elementos espirituais e físicos, é desta relação entre o espiritual e o físico que resulta um grande equilíbrio na sua obra.

Estas representações da mulher excedem os propósitos do neorrealismo, pois apesar de ser uma arte voltada para o povo, não assenta numa ideologia marxista, nem é uma arte alheia à dialética da história. Não se ficando somente por um realismo socialista, manifesta também uma tendência enquadrável numa linha expressionista.

Abel Salazar só poderá ser considerado um realista na medida em que os seus trabalhos exprimem o drama real, o drama da alma humana. Daí que tenha sido uma importante referência para todos os artistas neorrealistas.

Aspirava uma arte que refletisse as leis matemáticas do universo, algo de rigoroso mas não rígido nem estático. Acreditava que a coesão do universo se devia a uma multitude de forças em equilíbrio.

A sua obra é incompreendida por muitos, "Invoca-se muito aquilo a que chamam «o seu amadorismo», aponta-se o dedo às «insuficiências» do seu desenho, fala-se da «indecisão» dos seus volumes, acusa-se de «expediente fácil» [...] é caso para dizer que nunca as lunetas do amator de arte andaram tão em bolandas e nunca a crítica ficou tão longe ou passou tão fora da obra criticada, onde nasce o erro?1 "

Houve uma certa indiferença de um meio que para além de não o compreender, não compreendeu, e talvez ainda não compreenda, como se referiu Abel Salazar a respeito de Henrique Pousão "a sua modesta e humilde grandeza"2.

Classificam-no de amator e reconhecem-lhe deficiências de ordem técnica, esquecem-se das condições que geraram a sua obra, os objetivos e os caminhos seguidos.

Acusam-no de os seus desenhos estarem inacabados e de "descuidos". Esses "descuidos" são uma condição necessária para a livre expressão, pois o acabamento, não sendo perfeito encontra a espontaneidade e a frescura do esboço. Abel Salazar é, sem dúvida, um esboçador e o esboço é reflexo do seu temperamento, da sua maneira de ver e sentir.

Das acusações que lhe foram feitas, quando Abel Salazar em 1934, defendeu os trabalhos de Daumier³ que uns quantos consideravam menos acabados, menos corretos tecnicamente, era a si próprio que defendia. Explica, então, a razão da simplificação dos traços e a redução ao essencial, a supressão de subtilezas e a substituição por um traçado sintético e esquemático, marcando e acentuando o principal, a ausência de sombras e de modelação, sendo, por vezes, uma expressão marcada por linhas ortográficas. Segundo Abel Salazar, os que consideravam tal processo embrionário eram uns fanáticos do desenho. Um desenho que é simplificado propositada ou instintivamente e que se integra numa síntese de efeito, fazendo-se valer, é uma conclusão, não se podendo chamar embrionário, deficiente ou impotente a tal desenho.

Não há desenhos corretos ou exatos, mas desenhos que concorrem ou não para a síntese de efeito. Tendo a obra uma lógica própria, ligando numa síntese os seus elementos, quando é dado o todo, estão dadas as partes.

Na opinião de Abel Salazar o desenho só é incorreto e falso quando não está em relação lógica com o caráter da obra e quando não se integra como elemento na síntese de efeito, "quando é uma nota falsa no conjunto". "Uma obra de arte vale pela quantidade e qualidade de alma que contém e pela forma como esta quantidade e qualidade de alma se sintetiza numa expressão plástica, e nunca pela discussão da técnica utilizada pelo artista"4.

Abel Salazar reage perante a realidade de um ponto de vista que ultrapassa a forma e acaba por se afirmar como um propósito ético ou moral. Essa realidade na sua obra não é algo que se deva observar do exterior, mas sim do interior, ganhando em relação à natureza, na medida em que é purificada pelo artista. A sua tendência é a de abandonar o mimetismo naturalista para se identificar com uma arte que remete para a interioridade.

A profundidade interior da sua obra vai para além dos fenómenos psicofísicos, é quase uma procura desesperada e angustiada de uma natureza radicalmente superior e interior. Ele vive e realiza os seus trabalhos numa angústia existencial: "Eu estava há anos mergulhado numa crise de depressão melancólica, complicada de neurastenia e de hipocondria [...] Um mergulho num inferno dantesco: mas de um dantesco que não tem expressão numa linguagem ou imagens humanas. Pois quando eu estava no mais fundo deste inferno, fechado num quarto sem poder ver luz nem nada nem ninguém, apenas suportando a luz de uma vela, adoeceu e morreu a minha mãe. Nenhum Dostoiévsky poderia descrever [...] Posso dizer sem exagero que tenho passado a minha vida, em parte, a dominar o sofrimento, dores, crises e patifarias do destino"5.

A finalidade da sua obra não passa muito além do ato de criação e sendo a criação um ato vital, ela resumia-se ao próprio ato de viver. Deste ato de viver para além da construção, também a destruição fazia parte.

Nos seus desenhos notamos uma certa destruição do espaço objetivo perspectivado. Este tipo de atitude pode dever-se à visão científica que Abel Salazar tinha do mundo, e para isso talvez tivesse contribuído a teoria da relatividade de Albert Einstein, pois sabemos da consciência que tinha das pesquisas da época.

As suas obras ditas inacabadas fazem parte da destruição como ato de vida, "desesperado, desfaço as perfeições, e tudo refaço na violência"⁶.

Para Abel Salazar toda a história é um equilíbrio constante entre construção e destruição, o homem vive construindo e destruindo e ainda acha mais prazer na destruição do que na construção.

Dante é um exemplo, pois foi mais feliz na realização do «Inferno» do que na realização do «Paraíso», segundo Abel Salazar isto não é uma insuficiência do poeta, mas deve-se à própria natureza dos assuntos, pois o inferno realiza o ideal da destruição, enquanto o paraíso nem é destruição nem construção.

Na obra de Abel Salazar, a destruição contém em si o drama, a emoção e o mistério conseguidos com grande simplicidade, onde não há brilho de técnica, nem virtuosismos, não há fulgor na aplicação da cor, não há romantismo nem nenhum encanto sensual, tudo é modesto, reservado, rude e quase se poderia dizer pobre. A sua obra é incompreendida por muitos, é uma obra que contém em si toda a riqueza de expressão, que tudo subordina à expressão sintética do efeito e à grande necessidade de reter somente o essencial.

É uma arte profundamente humana, lembra ao homem que a vida é um equilíbrio, uma reconciliação e uma paz entre o corpo e o cérebro, entre a matéria e a alma.



Referências bibliográficas

1 - Pomar, Júlio, *Na Abertura da Exposição Póstuma de Abel Salazar*, Arquivo da Casa Museu Abel Salazar, São Mamede Infesta 1989.

2 - Salazar, Abel, *Henrique Pousão moço pintor alentejano e o seu lugar de destaque no impressionismo europeu*, O Diabo, 1937, Arquivo da Casa Museu Abel Salazar, S. Mamede Infesta.

3 - Salazar, Abel, *Paris em 1934*, Porto: Editorial Nobel, 1934 pp. 112 à 123.

4 - Salazar, Abel, *In notas de Arte Portuguesa*, Arquivo da Casa Museu Abel Salazar, São Mamede Infesta.

5 - Carta de Abel Salazar a Jorge Domingues, não datada, assunto depoimento sobre as suas crises de depressão - Inéditos, Arquivo da Casa Museu Abel Salazar, São Mamede Infesta.

6 - Carta de Abel Salazar a Cristiano de Lima, não datada, assunto depoimento sobre o seu trabalho de artista plástico - Inéditos, Arquivo da Casa Museu Abel Salazar, São Mamede Infesta.

Texto 7: FILOSOFIA, poema adaptado, Luísa Pacheco
Professora de Filosofia na ESPL
Data de Edição: fevereiro 2012

Filosofia	E a pensar
Silêncio atento.	Sobre o que questionavas
Autonomia	Em mil vozes te tornavas...
De pensamento.	
Passo a passo	Filosofia, sempre soubemos
Sem ter medo	Que a viagem vai continuar.
Abrimos, soltámos	«Estar a caminho» é o teu lema
O nosso segredo.	Numa atitude de querer ousar.
	Pensar, agir,
E a sorrir	Problematizar,
Acordamos o Mundo	Um refletir
Num despertar	E argumentar
Tão fecundo.	E persistência,
	Na procura
Filosofia	Do sentido
Sem contratempo.	Da existência
Sabedoria	
E entendimento.	E a sorrir
Eu sonhava	Acordamos o Mundo
E queria	Num despertar
P'ra sempre, p'ra sempre	Tão fecundo...
Serás o meu guia.	

Texto 8: A FESTA DOS RAPAZES, Ana Fernandes, nº 2, 8ºE
Texto ouvido a Manuel José Dionísio Fernandes (pai), em 25/12/2011

A tradição "A Festa dos Rapazes" tem lugar no fim de semana que antecede os Reis (6 de janeiro) e é organizada pelos mordomos. Os mordomos, no mínimo quatro rapazes, eram escolhidos no dia 24 de junho e começavam a exercer funções no Dia de Todos os Santos, 1 de novembro, com a recolha e leilão das "Cepas das Almas" (raízes das urzes, que eram queimadas nas lareiras durante o inverno).

No fim de semana que antecede os Reis, alguns rapazes vestiam-se de caretos, com uma farda antiga da guarda-fiscal enfeitada com fitas de várias cores onde predominava o vermelho, o amarelo e o verde. À cintura usavam chocalhos para fazerem barulho, tapavam o rosto com máscaras feitas de folhelho e usavam luvas para não serem reconhecidos pelos habitantes da aldeia e para provocarem medo.

Estes rapazes, no mínimo quatro, eram acompanhados por outras duas figuras. Uma delas, a filandorra, usava um vestido, não colocava máscara, mas tapava o rosto com um pano de renda branco para não ser reconhecido. Esta figura usava uma roca e um fuso e fiava durante toda a ronda. Havia ainda as "madamas", que acompanhavam dançando.

A festa dos rapazes começava ainda de madrugada, com uma ronda que servia para juntar os rapazes que iam participar na festa e para avisar os habitantes daquilo que se ia passar durante o resto do dia: o peditório de porta em porta.

Os caretos iam a todas as casas da aldeia, pediam e recebiam peças daquilo que estivesse no fumeiro: chouriço, salpicão, orelheira, alheiras. Se, por acaso, algum habitante se recusasse a dar uma oferta, os rapazes iam ao fumeiro e "roubavam" alguma coisa, regra geral salpicões ou chouriças. Estes alimentos destinavam-se à confeção do jantar, que era feito pelos rapazes, mas consumido por toda a comunidade. A festa só terminava no momento em que se cantavam as "janeiras" de porta a porta.

Esta tradição foi-me contada pelo meu pai, que a vivenciou quando tinha mais ou menos a minha idade. Hoje, infelizmente, já não se realiza na aldeia do meu pai.

É pena!



Trabalhos realizados pela turma E do 8ºano na disciplina de Expressão Artística

Ana Margarida Ana Lúcia



Ana Sofia Daniela



Francisco Diogo Moreira

Texto 9: NATAL DE OUTRORA, Ana Lúcia Ferreira, nº 3, 8ºE
Texto ouvido a Deolinda Pinto da Silva (mãe), em 25/12/2011

O Natal. Uma noite mágica. Uma noite de partilha. Uma noite única no ano.

Nas aldeias era hábito jantar-se cedo, para cedo erguer. E era sempre assim, menos na noite de Natal. Dia 24 todos ajudávamos nos preparativos para a ceia, desde colocar a mesa, tratar de arranjos, ajudar a mãe na comida, entre outras tarefas. Eramos 13 irmãos, e uns ajudavam mais do que outros, mas isso já era normal. A refeição era mais tarde, e era longa, muito longa. Comíamos o habitual bacalhau, acompanhado de batatas cozidas. Apesar de não ser muita a escolha, ainda tínhamos alguns dos típicos doces natalícios. Após jantarmos, reuníamo-nos todos em volta de uma fogueira, encavalitados uns em cima dos outros, porque o espaço não era muito. Ouvíamos, horas a fio, histórias contadas pelo meu pai. O meu pai. Um senhor já não muito novo, mas com uma cabeça jovem, cheia de conhecimentos e com milhares de experiências vividas.

Era assim a minha noite de natal. Uma noite diferente, simples, mas especial.

Texto 10: UMA VISITA INESPERADA, Daniela Borges, nº9, 8ºE
Conto ouvido a Maria Elisa Cardoso Oliveira (bisavó), em 24/12/2011

Foi na noite de Natal. Um anjo apareceu a uma família muito rica e disse à dona de casa que naquela noite o Senhor Jesus iria visitar a sua casa. Aquela senhora ficou muito entusiasmada. Tratou logo de preparar um excelente jantar para receber Jesus.

De repente, tocaram à campainha. Era uma mulher com roupas miseráveis. A senhora mandou-a embora. A pobre mulher retirou-se. Um pouco mais tarde, um homem, sujo de óleo, veio bater-lhe à porta a perguntar se tinha um telefone que lhe pudesse emprestar para ele chamar um mecânico. A senhora, como estava ocupadíssima a limpar as pratas, a lavar os cristais e os pratos de porcelana, ficou muito irritada e disse para ele procurar um telefone público. O homem retirou-se de imediato.

Alguém lá fora bateu palmas. A senhora pensou logo que poderia ser a sua visita. Com o coração a bater acelerado, foi abrir a porta. Mas era um menino de rua, sujo e mal vestido, a pedir comida. A senhora estava muito atarefada e disse-lhe para ir embora.

Finalmente, o jantar ficou pronto. Toda a família esperava, emocionada, o ilustre visitante, mas ninguém veio. De madrugada, a senhora acordou sobressaltada e, com grande espanto, viu que o anjo estava junto dela.

- Será que um anjo é capaz de mentir? – gritou ela.

O anjo respondeu:

- Não fui eu que menti, foste tu que não tiveste olhos para ver. Jesus esteve aqui três vezes: na pessoa da mulher pobre, do motorista e do menino faminto, mas tu não foste capaz de o acolher em tua casa.

Texto 11: COMO FUI MENINO, Ana Rafaela Correia, nº1, 10ºC
Relato do meu avô, cujas palavras transcrevi fielmente

“Por falta de dinheiro para estudar, os meus pais internaram-me no Seminário, porque lá podia estudar sem despesas para a família. Estudar... sim, era obrigatório. Saber... era o objetivo. Ser o melhor... era a obrigação. E os afetos? Nada, não havia afetos. Muito longe dos pais e da família, comecei por ser um petiz que só tinha objetivos, metido no meio de uma competição, onde tudo contava. O único amparo era o refúgio em Deus. Assim aprendi a falar com ele como se de um menino se tratasse... Adorei a figura do Menino Jesus, ansiava pelo aspeto religioso do Natal, pelo carinho da Sagrada Família. Era o único carinho que tinha, pois só via os meus pais e irmãos de nove em nove meses.

Após o balanço do meu trabalho letivo, quando regressava a casa, o carinho esbulhava-se no primeiro dia de férias, porque as ocupações diárias faziam que todos voltassem à rotina.

Nas férias, só para mim não havia rotina, pois tinha mudado de regulamento, de obrigações, de horários e até de rituais. Então parecia um passarinho a brincar numa árvore! Só nas horas das refeições é que a família se reunia.

Quando as férias acabavam, voltava a rever os colegas, os rituais, a disciplina e os objetivos. Assim foi uma década da minha vida.”

TEXTO 12: ODE AO PASSADO HISTÓRICO, Telmo Leal, nº16, 12ºD
Data de edição: fevereiro de 2012

Sou um descrente do panorama presente
Que me deixa carente e profundamente descontente.
Hoje é o passado que sobressai na minha mente,
E me faz querer lá regressar rapidamente.

Como eu anseio viver-vos, inúmeros e grandiosos séculos da História,
Numa fração horária da minha insignificante vida,
Que teria para mim o significado de toda ela.

A atualidade...
Notícias de jornal passaram de imprimidas a fotocopiadas.
Descobertas...
Acontecem, mas já não lhes é atribuído o mesmo valor.
Revoluções...
Nunca melhoram situações.
O mundo...
Parece que retrocede.
Portugal...
Lidera o retrocesso do mundo.

Onde está o vigor e a coragem do povo lusitano?
Melhor...
Aonde é que este mundo pretende chegar?

Numa atmosfera de idiossincrasia vejo-me na *abensonhada* máquina do tempo,
Recuando e revivendo – de modo sensível, mas sem sentir – cada pedaço da História.
Cada um com o seu teor, a sua textura,
E sobretudo com um espírito capaz de os distanciar de qualquer acontecimento atual.

Sem esquecer os primeiros avanços protagonizados pelo Homem da pré-história,
- embora pré-histórico seja o Homem atual –
Cante-se a civilização egípcia!
O faraó, a arquitetura, a riqueza, o luxo
Mas também a mente, o espírito e o conhecimento,
Tudo parte de um legado que deleita a contemporaneidade.

Na sumptuosa Hélade descobrimos a harmonia, a beleza e a perfeição
- e não nas barbies que se pavoneiam pelos freeports –
e ouve-se pela primeira vez a voz de um povo.
Brados da democracia!

Mas não esqueçamos que todos temos um pouco de romano em nós.
Fundadores do primeiro império, aculturaram o berço europeu
E trouxeram consigo um estado de direito,
Trampolim para o nosso estatuto de seres sociais.
Com a sua queda, o mundo não caiu.

Após o cristianismo, o escravagismo e entre as malhas do feudalismo,
Nasce a velha nação lusitana, quem diria,

Fruto de um mero insurgimento familiar.
E quem diria, também, que este povo iria expandir o globo,
Galopar os mares,
Desbravar as selvas,
Conhecer novas etnias
E sobretudo quebrar dogmas.
Definitivamente.
Esta época áurea do nosso povo nunca cansa ser cantada,
E é nela que deveríamos encontrar a força para não cessar as armas e os barões,
Mantendo-os sempre muito bem assinalados, segurando a chama que o mundo atual
teima em abafar.

Mas como hoje não canto só o passado histórico português,
Reportemo-nos novamente à idade das trevas, dos dogmas e dos lugares comuns,
E vejamos uma suave luz no fundo.
Sintamo-la crescer e, subitamente, explodir aos nossos olhos e nas nossas mentes.
Observemos o mundo a renascer das mortes, das pestes, das fomes,
E a multiplicar-se, servindo-se do trabalho greco-romano,
Em harmonia, beleza e perfeição,
Mas também em conhecimento, teorias e inovações.

O mundo iluminou-se inesperadamente.
Porque é que hoje também não nos surge uma luz alheia a uma lâmpada?

Livre por natureza, o ser humano conseguiu soltar-se das correntes que o prendiam a
uma só cabeça de rei.
A voz do povo, tantos séculos abafada, voltou a fazer-se ouvir.
Em França, na América, em Portugal, no mundo,
O liberalismo reestruturou a esperança da raça humana e devolveu-lhes um sorriso,
Enquanto simultaneamente proporcionou o progresso civilizacional que estas gerações –
sim, nós – estagnaram.

Ainda fresquinhos do século anterior, podemos sintetizá-lo no rescaldo de duas grandes
atrocidades,
E enfeitemo-lo com uma série de infelizes ensaios de prepotência perpetrados por
ensaios de gente,
Que teimavam em não desgrudar do topo.
Problemas, inquietações, greves e contradições.
Se por um lado marcaram este triste século do povo,
Por outro foram o mote para uma produção literária que, só por si,
Justifica o não redundar do teor de um século na tragédia.

Mas é o hoje que me preocupa.
Mais precisamente o hoje português.
Abertas as portas de abril e permanecidas as liberdades e as garantias,
Não permaneceram a esperança e a coragem que nos acompanharam desde há quase
um milénio.

E a solução?
Desconheço.

Encontro no passado o refúgio para esta inquietação e, cantando-o,
Volto as costas a este presente que tanto me desilude.